História da Igreja Episcopal Brasileira

Do Mesmo Autor:

RELIGIÕES DO MUNDO — Editora Globo (quasi esgotado).

O DINAMISMO DO CREDO CRISTÃO — Imprensa Episcopal (esgotado).

DO RETO USO DE PREPOSIÇÕES — Voto de Louvor da Academia Brasileira de Letras.

DOM GALAAZ — CAVALEIRO DA TAVOLA REDONDA.

Em preparo:

A LIÇÃO DOS MESTRES — *No uso das Preposições.*

VIDA DE CRISTO, ATRAVÉS DO ANO CRISTÃO.

A PRÁTICA DA PRESENÇA DE DEUS, SEGUNDO O IRMÃO LOURENÇO.

RELIGIÕES E SEUS FUNDADORES.

Rev. GEORGE UPTON KRISCHKE
Da Academia Sul-riograndense de Letras

HISTÓRIA DA IGREJA EPISCOPAL BRASILEIRA

RIO DE JANEIRO
1949

À imperecível memória
dos Missionários

Rev. Dr. J. W. MORRIS

Revmo. Dr. L. L. KINSOLVING

Rev. Dr. J. G. MEEM

Revmo. Dr. W. C. BROWN

e dos Ministros nacionais

Ven. Arcediago Rev. AMÉRICO V. CABRAL

Rev. VICENTE BRANDE

Rev. ANTÓNIO M. FRAGA

consagrados instituidores da
Igreja Episcopal Brasileira

Ao Exmo. Snr.

Dr. JOÃO GAW MEEM

Engenheiro civil e arquiteto de renome, devido a cuja generosidade e interesse à Igreja e às "cousas lá de cima", nos foi facultada a publicação desta

"História da Igreja Episcopal Brasileira"

os sentimentos da mais profunda e rendida gratidão

de seu tio e amigo

O Autor.

INTRODUÇÃO

Houve por bem o colendo Concílio de 1938, por maioria de votos, confiar ao autor a árdua, mas honrosa, tarefa de escrever a História da Igreja Episcopal Brasileira, em homenagem ao transcurso do jubileu de seu estabelecimento em nosso país. Constituiria parte saliente das festas jubilares da Igreja, a publicação de sua história, à semelhança do que já tinham feito outras corporações irmãs.

Em Março de 1939 havíamos terminado o nosso trabalho calcado, todo êle, em minuciosa rebusca dada nos Anais da Igreja, nas Atas das Convocações e dos Concílios, nos números do Estandarte Cristão, (principalmente os dois primeiros anos), nas revistas, folhetos e livros em inglês, The Echo, The Church at Work, Brazil Leaflets, The Origin of the Brazilian Mission, Brazil Manual, The New World.

Valemo-nos, também, de conhecimento pessoal de muitos fatos e de vultos, intimamente relacionados com o estabelecimento da Igreja Episco-

pal em nosso país. Fàcilmente teriam escapado certos pormenores a outro compilador, que se não achasse, como nós, a par dessas circunstâncias, por isso que pertencemos à Igreja, desde o seu início.

Trabalho de vulto e exaustivo é o se recorrer aos arquivos de qualquer instituição, e lhe conversarmos os velhos documentos. Alguém, no entanto, o terá de fazer algum dia. Tocou-nos, desta feita, o laborioso encargo. Tendo aceito a incumbência, em que pesem outras atribuições, que ocupam boa parte de nosso tempo, esforçamo-nos por não desmerecer da confiança que o Concílio nos acreditou.

Fazia-se necessário a compilação de um livro desta natureza, antes que, de todo, desaparecessem os últimos ministros e eclesianos, que acompanharam o desdobramento e os ideais da Igreja Brasileira, desde os seus primeiros dias. Do que nos foi dado apurar, existem, apenas duas pessoas, que estiveram presentes ao ofício divino inaugural, em 1 de Junho de 1890: são o venerando Rev. Dr. J. W. Morris, com 90 anos de idade, gozando, agora, merecida aposentadoria, em sua terra natal, e a consagrada irmã na fé, também nonagenária, D. Luiza Pereira, residente em Pòrto Alegre, R. G. do Sul.

Tivéssemos, embora, sido oficialmente encarregado pelo 40.º Concílio de compilar esta História da Igreja Episcopal Brasileira, recai, contudo, a

plena responsabilidade dos conceitos e fatos, aquí referidos, de todo, sòbre o autor e as fontes por èle consultadas. A todos, pois, que nos forneceram documentos e dados, os nossos mais sinceros agradecimentos.

Se a leitura destas páginas, que não possuem outro mérito que o de expòr a verdade dos fatos, auxiliar a fortalecer a fé e a lealdade dos eclesianos da Igreja Episcopal Brasileira, ou induzir outras pessoas a se filiarem a êste renôvo da Igreja Cristã Universal, ou, ainda, despertar interêsse à gloriosa missão de conduzir almas ao Cristo dos Evangelhos, dar-nos-emos por fartamente compensados dos dias e meses que consagramos à elaboração desta História.

George Upton Krischke.

NOTAS — Motivos independentes da vontade do autor, impediram fôsse esta monografia começada de se imprimir há mais tempo.

Decorridos já dez anos, desde que demos por terminada a nossa tarefa, procuramos, tanto quanto possível, embora longe de certas fontes de informação, atualizar a História da Igreja, mòrmente no que respeita a estatística, a pessoas ainda vivas naquela data, e a novas aspectos de atividades, que se registaram, desde então.

Rio de Janeiro, Março de 1948.

OS PRIMóRDIOS DA IGREJA EPISCOPAL

Origem histórica

Circunstância fortuita, no caso vertente, a não existência de Igrejas Evangélicas de ordem episcopal, entre as nações latinas do Velho Mundo, tem como explicação natural o fato de ir a Igreja Episcopal Brasileira buscar as suas origens, não através de algum galho latino do Cristianismo histórico, mas, sim, no ramo anglicano, aliás, tão histórico e genuino como outro qualquer de pretentenções apostólicas.

Dizem venerandas memórias, foi o Cristianismo levado aos pagãos da velha Albion, ou Britânia, então sob o domínio do Império romano, por algum intrépido evangelista, nos fins do primeiro, ou no começo do segundo século de nossa era. O absolutamente certo é que, ao se reunir, no ano 314, o Concílio de Arles, no sul de França, já se achava alí a vetusta e independente Igreja Anglicana, devidamente representada por três bispos, acompanhados de presbíteros e diáconos. De caminho, cumpre salientar que as sedes de suas

dioceses coincidiam com os nomes das três províncias romanas da Britânia.

Sujeita, embora, a um poder espiritual estrangeiro, cêrca de um milênio, jamais deixou a *Ecclesia Anglicana* de afirmar, por vêzes com fortes protestos, os seus direitos de Igreja nacional e independente, chegando ao ponto de considerar traição à pátria qualquer apêlo ao Papa, sem licença do soberano.

Efeitos da Reforma

Tirante o reino da Suécia, que adotou a liturgia e certas práticas luteranas, foi a Inglaterra o único outro país europeu, cuja Igreja oficial, como resultado da Reforma religiosa do século XVI, ao se separar de Roma, conservou a ordem episcopal, o uso de um Livro de Oração, e a prática reverenciosa das Litúrgias históricas, naturalmente escoimadas de interpolações supersticiosas da Idade Média, ou das Trevas. Mesmo durante êsses séculos, em que tantos dos ensinamentos do Cristianismo foram desfigurados, manteve a Igreja Anglicana, intata, "a fé uma vez entregue aos santos", na lapidar expressão de São Tiago. O ministério apostólico prosseguiu, sem solução de continuidade, através das ordens eclesiásticas — bispos, presbíteros e diáconos. Os Sacramentos do Batismo e da Santa Comunhão, instituidos por Jesus Cristo, jamais deixaram de ser administrados, nas palavras das Sagradas Escrituras.

A IGREJA NA AMÉRICA

Descoberta a América, em 1492, por Cristóvão Colombo, a serviço do govêrno espanhol — zeloso baluarte do Catolicismo romano — foi, como era de esperar, introduzido em o Novo Mundo, êsse aspecto do Cristianismo histórico.

Com a destruição da Invencível Armada (1588), enfraqueceu o poderio ibérico, e a Inglaterra, valendo-se da circunstância, assume domínio da parte setentrional do Continente americano, cuja colonização inicia em princípios do século XVII. Fracassaram as primeiras tentativas feitas por particulares, mas, aos 13 de Maio de 1607, ficou, definitivamente, estabelecido o povoado de Jamestown, no Estado de Virgínia.

No primeiro Domingo que aí passaram, improvisam um tosco Santuário, coberto com velas do návio, ficando a congregação ao ar livre, à semelhança do que se deu com a Primeira Missa, celebrada em nossa pátria, logo após o seu descobrimento (1500). Foi o início da celebração regular, na América, de ofícios divinos públicos,

segundo o rito da Igreja de Inglaterra. Passaram, assim, estas tradições eclesiásticas e litúrgicas a desbravar terreno em prol da Religião Cristã, no ambiente livre e promissor do Novo Mundo. Por motivos vários, jamais enviou a Séde de Cantuária, um só bispo, a fim de visitar e superintender a Igreja na América, mas esta se manteve sempre fiel às suas tradições, e logrou conservar elementos dos mais representativos dos primeiros dias coloniais.

O Primeiro Bispo Americano

Só após a Independência dos Estados Unidos é que, em 1784, foi sagrado na Escóssia, (pois a Sé de Cantuária não teve permissão oficial de o fazer), o primeiro Bispo do ramo anglicano, para servir a Igreja na América do Norte." Seis anos mais tarde, havia já quatro prelados de ordem apostólica, o que assegurou a perpetuidade do episcopado evangélico no Novo Mundo. Avulta, hoje, a mais de 150 o número de Bispos, que, com seis mil presbíteros e cêrca de dois milhões de comungantes, majestosas catedrais, e inúmeras instituições filantrópicas e de cultura intelectiva, coloca a Igreja Protestante Episcopal dos Estados Unidos em grande ressalto, nesse país onde florescem todos os credos religiosos.

AS PRIMEIRAS TENTATIVAS DE EVANGELIZAÇÃO DO BRASIL

A Missão Calvinista

Estava o Brasil descoberto, fazia apenas 57 anos, quando aportaram à baía de Guanabara três navios franceses, com trezentas pessoas a bordo, mandadas vir pelo vice-almirante Nicolau Durand Villegaignon, cavaleiro da Ordem de Malta, homem inteligente e ambicioso, o qual, dois anos antes, com o intuito de se apoderar dessa rica região para a França, se havia instalado na ilha que, até o presente, lhe conserva o nome e perpetua a memória.

Crentes na promessa do Almirante de que estariam, na livre América, fora do alcance e da tirania dos homens, veio, na comitiva colonizadora, uma missão de quatorze huguenotes suiço-franceses, a fim de evangelizarem os colonos e os naturais do país.

Aos 21 (10) dias de Março de 1557, data que merece conhecida e lembrada, efetuou-se na Ilha

de Villegaignon, segundo o rito calvinista, a primeira celebração evangélica da Santa Eucaristia, no Brasil e na América.

Dez anos após tão auspicioso acontecimento, devido a apostasias, desavenças, discussões estéreis, e, por último, o completo fracasso do ensaio de colonização francesa, haviam desaparecido todos os indícios da tentativa da primeira cruzada evangélica no Novo Mundo.

De fato, a 20 de Janiro d 1567, quando se lançavam os fundamentos da cidade do Rio de Janeiro, é enforcado Jacques le Balleur, o último sobrevivente dessa missão, cujo único crime era ser evangélico e prégar o santo Evangelho. Assistiu a execução o afamado jesuita Padre Anchieta.

O gramático e historiador João Ribeiro, defendendo a atuação do almirante francês, escreveu: "O herói da malograda França Antártica foi vítima das maiores injúrias de seus contemporâneos."

A Igreja Reformada

Durante os trinta anos de dominação holandesa no Brasil (1624-1654), principalmente em Pernambuco, sede do govêrno do Príncipe Maurício de Nassau, estabeleceu a Igreja Reformada Holandesa, também do rito e teologia calvinista, intenso e extenso trabalho de catequese, nessa e em outras provícias vizinhas. Após a definitiva

expulsão dos holandeses do Brasil, esforçou-se a então Igreja oficial por anular e obliterar os magníficos resultados obtidos, no que, aliás, foi muito bem sucedida.

Século de Trevas

Dominou com poderes absolutos, no século XVIII, tanto em Portugal como em nossa pátria, o chamado Santo Ofício da Inquisição. Afirma o escritor Varnhargen que o número de pessoas condenadas por êsse tribunal no Brasil, orça em 500 vítimas. Nem o afamado clássico e orador sacro Padre Vieira, escapou às garras do inexorável tribunal. Colimava, no entretanto, a finalidade do Santo Ofício, a extinção dos herejes — judeus e protestantes.

Não consta haja nenhum arauto do santo Evangelho ousado, nesses trevosos anos, dirigir-se às nossas plagas. Seria expôr-se, desnecessàriamente, a martírio certo.

Desanuvia-se o Céu

Em viagem para a Índia, que marcou época, feita em 1805, pelo missionário anglicano, Rev. Henrique Martyn, tocou o seu navio no pôrto da cidade da Baía, onde se deteve cêrca de quinze dias. Encantado com as belezas tropicais de nossa terra, e, tendo visitado pessoas e clérigos de alto

coturno, não perdeu o ilustre visitante a oportunidade de falar em francês e latim, sôbre as verdades eternas da religião cristã.

Do alto do reduto que dominava a cidade e o pôrto, exclama, empolgado, o Rev. Martyn: "Quem será o ditoso do missionário, encarregado de trazer o nome de Cristo a estas regiões ocidentais? Quando será êste belíssimo país libertado da idolatria e espúrio Cristianismo? Cruzes há em abundância, mas, quando será, aquí, arvorada a doutrina da Cruz?" Que tremendo deve ter sido o negrume da idolatria na metrópole baiana, a cidade primaz do Brasil, para assim se manifestar o passante missionário.

É altamente significativo que, decorridos 60 anos, repele a velha cidade o consagrado profeta, que lhe foi anunciar a verdadeira "doutrina da Cruz."

A IGREJA ANGLICANA

Cumpre se mencione cabe à Igreja de Inglaterra, da qual, històricamente descendemos, a prioridade da realização de ofícios divinos regulares, do rito evangélico, no Brasil, quando ainda aquí residia e reinava D. João VI.

Temos já em 1810 notícias dessas celebrações, tudo no idioma inglês, mas sem caráter proselitista, efetuadas na residência do ministro plenipotenciário britânico, Lord Strangford.

No ano 1819, lança-se, onde depois demorou o belo templo anglicano de linhas góticas, perto da Avenida Rio Branco, a pedra fundamental da primeira Capela evangélica, mas sem forma exterior de templo, que se ergueu no Brasil. Faz-se quasi supérfluo acrescentar que essa Igreja ministra exclusivamente aos súditos britânicos, em cujo idioma se efetuam tòdas as suas solenidades.

Por sentirem que com o crescimento da Metrópole, o local não mais satisfazia aos interêsses da comunidade, e, aproveitando a alta valorização dos terrenos, foi o histórico templo, vendido

por seis milhões de cruzeiros, e construido à Rua Real Grandeza, em vasto terreno, alteroso templo, amplo edifício paroquial e confortável presbitério.

Significado de "Comunhão Anglicana"

Urge expliquemos, com o intuito de se evitarem mal-entendidos, que o termo Comunhão Anglicana é usado com referência a Igrejas de várias nacionalidades, em sentido semelhante ao de que faz uso a Igreja Católica Romana, nesses mesmos países, continuando, porém, Roma a figurar na qualidade de sede administrativa. No caso da Comunhão Anglicana não é a Sé de Cantuária mantida por ofertas diretas ou indiretas das Igrejas nacionais, no estrangeiro, que a ela se acham ligadas, apenas por laços históricos, litúrgicos e espirituais. Nessa acepção perdeu já o vocábulo "anglicano" o sentido de "inglês", para assumir o acima indicado. Deixou bem claro a última Conferência de Lambeth (Inglaterra), que a Igreja Anglicana insiste pela existência, em todos os países, de Igrejas nacionais, independentes de qualquer autoridade estrangeira, civil ou religiosa.

É exclusivamente nesse sentido histórico e espiritual que a Igreja Episcopal Brasileira, juntamente com as suas irmãs no México, em Cuba e no Haiti, bem como a Igreja nos Estados Unidos, fazem parte da Comunhão Anglicana.

OUTRAS IGREJAS

Em pós o Grito da Independência (1822), respirando a pátria, o ar puro da liberdade americana, animam-se outras corporações religiosas a vir estabelecer no Brasil trabalho evangélico de caráter missionário.

Continuando, embora, oficial a Igreja Católica Romana, tolerava, no entretanto, a constituição monárquica a presença de outros credos religiosos, mas, sem licença ainda de construirem templos de aspecto exterior eclesiástico. Por esforços e influência do grande orador e estadista rio-grandense, Gaspar Silveira Martins, a malgrado forte objeção dos antistes da Igreja oficial, conseguiu a Igreja Luterana, em 1877, permissão para construir na cidade de Santa Maria, R. G. d Sul, o primeiro edifício evangélico, em estilo de templo — torre, cruz e sinos.

Valendo-se da liberdade constitucional, estabelecem-se no Rio de Janeiro, em ordem cronológica, as seguintes corporações religiosas: Igreja Congregacional (1855), Igreja Presbiteriana (1859),

Igreja Metodista (1876), Igreja Batista (1881). Mais tarde apareceram outras de menor vulto.

NOTA — A Igreja Luterana (Rio-grandense Synode) assentou bases em nosso país pouco depois da chegada das primeiras levas de imigrantes, que entraram no Estado do Rio Grande do Sul, em 1824. Desembarcaram, onde floresce hoje a industrial cidade de São Leopoldo, naquele tempo simples ponto de embarque, no Ro dos Sinos, para servir à Feitoria Velha, onde se estabeleceram os primeiros colonos. Conferia a Igreja Luterana os privilégios da religião exclusivamente aos imigrantes estrangeiros, e no dioma alemão, como aliás, o continuou a fazer, mesmo para os descendentes dos colonos, já em segunda e terceira geração, até poucos anos atrás. Não era, pois, uma Igreja missionária, quais as já referidas.

A IGREJA EPISCOPAL NO BRASIL

Primeira fase

Em resposta ao insistente apêlo de distinto eclesiano, residente no Rio de Janeiro, determina a diretoria da Sociedade Missionária da Igreja Protestante Episcopal nos Estados Unidos, enviar em 1853 o seu primeiro missionário na pessoa do Rev. W. Cooper, de Filadélfia. Naufragado que foi o navio em que viajava para nosso país, desiste o Rev. Cooper, ante o primeiro revés, de iniciar a árdua missão, que lhe fôra confiada.

Nova tentativa

Decorridos seis anos, oferece-se, voluntàriamente, em 1859, o Rev. Ricardo Holden, para vir estabelecer a Igreja Episcopal no Brasil. "Depois de dois anos, empregados em preparar a versão portuguêsa do Livro de Oração Comum, seguiu o Rev.. Holden para o Pará," relata o Rev. Dr. Gray em o interessante livro "The New World". Daí

se deduz conhecia já o referido clérigo a língua portuguêsa, o que não admira, pois "antes de sua ordenação estivera empregado em casa de comércio no Brasil" é o que encontramos no livreto "Brasil", publicado em inglês pelo Conselho Nacional da Igreja-mãe.

No Pará

Foi, por motivos não nos dado descobrir, escolhido o Estado mais setentrional do Brasil, para início de suas atividades religiosas. Sabemos, ao certo, que em 1861 chega ao Pará o Rev. Holden. De espírito empreendedor, não limitou o seu trabalho à capital do Estado nortista, mas embrenhou-se pelo interior a dentro.

Daí a pouco trecho começaram de surgir perseguições, e o missionário se viu brigado a voltar para a Capital, onde os ataques da imprensa, incitados pelo bispo diocesano, assumiram tal vulto, que o Rev. Holden resolve transferir-se para a cidade da Baía.

Na Baía

Não foi mais bem sucedido na sede do Primaz do Brasil, pois alí a perseguição não se limitou a ataques da imprensa. Houve até ameaças de agressão física, por parte de fanáticos, sob a direção de mentores religiosos. De tal gravidade se

revestiram as ameaças, que o pioneiro da Igreja Episcopal no Brasil se viu coagido a solicitar a intervenção de seu cònsul para, por seu intermédio, conseguir liberdade de ação.

Serenando os ânimos, chegou a ser fundada uma Escola Dominical, e levados a efeito Ofícios divinos, segundo o nosso ritual. Foram, também, distribuidos muitos exemplares do Livro de Oração Comum.

Epílogo

Desanimado com tamanha carga, quem parece, se sentia mui pequeno para ela, resolve o Rev. Holden abandonar, definitivamente, a cidade da Baía, em 1864, sem deixar ao que tenhamos conseguido saber, nos Estados onde trabalhou com afinco, cêrca de quatro anos, vestígio algum de sua operosidade, afora dois exemplares do Livro de Oração Comum, que havia traduzido. Foram êsses dois volumes conseguidos em um alfarrabista de Lisboa.

Desde que deixou a cidade da Bahia, não esteve mais o esforçado missionário a serviço da Igreja Protestante Episcopal.

Fechou-se, assim, infrutuoso, o ciclo desta primeira tentativa do estabelecimento, em nossa pátria, de um ramo mais da Igreja Cristã, do ritual anglicano, mas procedente dos Estados Unidos.

Outras notas

Com referência ainda ao Rev. Ricardo Holden, registra o ilustre historiador, Rev. Vicente Themudo, em seu livro, "Anais da Igreja Presbiteriana" que "o diligente servo de Deus encontrava-se em 1865, na cidade do Rio de Janeiro, onde foi agente das Sociedades Bíblicas Britânica e Americana, e que, na ausência do Rev. Dr. Kalley, pastoreou a Igreja Fluminense, durante quatro anos.

Informa mais, que êle colaborava, a miúde, nos jornais de então, e escreveu vários folhetos de polêmica, entre êsses: "As acusações contra os Protestantes na pastoral do Arcebispo da Bahia."

De pendores poéticos, escreveu os hinos 79 a 81 e 85 a 90, da muitíssimo conhecida e usada coleção de Salmos e Hinos.

Tornou-se, mais tarde, darbista (pequena seita). Passando a residir na cidade de Lisboa, veiu a falecer alí, no dia 17 de Julho de 1876, segundo o já referido historiador.

O ESTABELECIMENTO DEFINITIVO

Pródromos

Decorreu cêrca de um quarto de século mais, antes que a Igreja Protestante Episcopal dos Estados Unidos determinasse enviar outros embaixadores de Cristo à nossa pátria, a fim de novamente tentarem estabelecer, aquí, um ramo apostólico do Cristianismo, segundo o ritual anglicano, mas no idioma português, e para os de língua portuguêsa. Visto ser o Brasil um país de tradições latino-cristãs, s urgiu forte objeção nos sectores alto-ritualistas, anglo-católicos, da Igreja-mãe, quanto à conveniência de se abrir trabalho missionário episcopal na América latina.

Dissentindo das idéias dessa, então, minoria eclesiástica e, felicitando os diretores da Sociedade Missionária por seu ato de fé, no que respeita ao envio dos primeiros ministros à nossa terra, escreveu o Bispo Whittaker, de Pennssylvania: "Os vossos missionários foram para alí na plenitude da benção de Cristo. O seu motivo inspirador é

prégar Cristo crucificado àqueles de quem Êle tem sido ocultado por meio das invenções dos homens."

Na revista missionária da Igreja-mãe, naqueles dias — THE ECHO — encontramos vários cartas de bispos da maior projeção entre os seus pares que, francamente, apoiaram a desassombrada resolução da diretoria da Sociedade Missionária da Igreja Americana.

No Seminário de Virgínia

Foi no Seminário Teológico de Virgínia, afamada Escola de Profetas instiuida, faz cento e trinta anos, pelos guieiros evangélicos dêsse e do Estado vizinho de Maryland, e que goza a distinção de haver fundado tòdas as missões estrangeiros da Igreja Episcopal, que um grupo de estudantes das ciências divinas, no ano de 1888, entendeu que lhes cumpria efetuar algo mais que simplesmente "falar e orar".

Fazia esta Faculdade teológica parte da Aliança Missionária Inter-Seminários, cujo escòpo era criar e desenvolver espírito missionário entre os estudantes de Teologia das diversas Igrejas Evangélicas do país. Ao contato com os membros componentes dessa Aliança, e de suas inspiradoras reuniões anuais, deve-se em boa parte, o estabelecimento da Missão Brasileira.

Como era de esperar os países pagãos orientais lhes despertavam especial interêsse, mòrmente

a China e o Japão. Mas, a enorme distância, as rigorosíssimas exigências de exame médico, a grande dificuldade no aprender dessas línguas monossilábicas, quiçá entre as mais difíceis do mundo, fizeram os estudantes voltar a atenção para outros países, que precisassem, também urgente, do Evangelho, sem os óbices acima mencionados.

Efeitos de um folheto

Residiam, então, nas vizinhanças do Seminário, duas santas mulheres presbiterianas, cujo lar hospitaleiro era muito procurado pelos seminaristas, atenta à piedosa atmosfera que nele se respirava. Em sua companhia morava uma sobrinha, filha único do pioneiro da missão presbiteriana em nossa pátria, o Rev. A. G. Simonton, cujos sermões em português são ainda lidos com interêsse e edificação.

Através dessas visitas ficaram os estudantes sabendo algo a respeito do Brasil, então muito pouco conhecido em outros países. Caiu-lhes, alí, nas mãos um folheto intitulado "The Brasilian Leaflet", A Folha brasileira, publicado como propaganda do trabalho missionário presbiteriano. Um dos artigos, "Missões nos países colonizados pela raça latina", com especial referência ao Brasil, causou funda impressão nos futuros ministros, e lhes serviu de valiosa sugestão para as suas atividades vindouras.

Resolução

Era presidente, naqueles dias, da Sociedade Missionária dos estudantes, o mais velho dos seminaristas e professor no curso preparatoriano, Sr. J. W. Morris, que havia já aceito a indicação do seu nome, para ir trabalhar no dificílimo campo missionário japonês. Muito animou o fervoroso presidente os seus companheiros a que se voluntariassem no estabelecimento da Igreja na Terra de Santa Cruz.

Entre os mais interessados no assunto, torreavam os Srs. R. A. Roderick e F. P. Clark, que começaram, desde logo a empreender minucioso estudo da história, geografia, clima, língua, bem como das condições morais e religiosas no Brasil. O resultado dessas investigações foi resolverem os estudantes do Seminário de Virgínia "com o auxílio de Deus estabelecer uma missão no Império do Brasil".

Trocada correspondência com diversos missionários presbiterianos havia muitos residentes em nosso país, sôbre a zona mais conveniente à abertura de novo trabalho religioso, chegaram à conclusão que, da cidade de Pôrto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul, lhes acenava o clássico convite macedônio, parafraseado: "Passa ao Brasil e ajuda-nos".

Data assinalada

Havendo-se os Srs. Roderick e Clark dirigido à diretoria das "Missões Estrangeiras da Igreja", lhes foi feito sentir a inexiquibilidade de seus planos. Sem esmorecimento, voltam-se os consagrados seminaristas à Sociedade Missionária da Igreja Americana, instituição muito mais modesta, e, justamente nesso época, atravessando séria crise financeira e de interêsse missionário. Levados à presença dos diretores, mais por deferência à sua perseverança que por pretenderem ir ao encontro de suas aspirações, pleitearam os futuros ministros a causa que esposavam, com tanto entusiasmo, tamanha fé e critério que, após fervorosa oração por um dos diretores, suplicando "luz, coragem e fé", determina a Sociedade Missionária arriscar a empolgante aventura.

Foi isto a 10 de Dezembro de 1888, aliás, a mesma data que assinala a queima pública, em 1520, por parte do reformador Lutero, da bula que o excomungava. Ficou, pois, oficialmente fundada, nesse dia, a Missão Brasileira.

Choque tremendo

Terminado daí a pouco o curso teológico, foram os Revs. Roderick e Clark, após a ordenação ao diaconato, designados missionários para o Sul do Brasil.

Não lhes foi dado, porém, utilizarem-se do alto privilégio que tanto almejavam. Os seus sonhos dourados, inesperadamente desmoronaram, quais castelos de cartas, e os planos tão bem arquitetados ruiram por terra — o Rev. Roderick como resultado de acidente, e o Rev. Clark, por motivo de grave enfermidade que lhe sobreveio. Ficaram ambos inhibidos de aceitar a nomeação tão ardentemente pleiteada. Não era, ainda, chegada a hora psicológica. Tremendo foi o choque para todos os que se haviam esforçado por levar avante o estabelecimento da missão episcopal no Brasil.

Deus provê substituto

Não havia, porém, esmorecer. Tantos esforços, tantas promessas, tantas ofertas generosas, não podiam, de forma alguma, ficar relegados a silêncio, a esquecimento.

O inusitado e inesperado da ocurrência, penetrou fundo na alma dos seminaristas, em particular, na de um dêles, talvez, de todos o melhor, espiritualmente falando — o inspirador e guieiro daquela Escola de Profetas, o Sr. James Watson Morris.

O íntimo contato com os colegas Roderick e Clark, cujos planos e aspirações eram de seu inteiro conhecimento, lhe dita o irreprimível dever de os substituir, e de se apresentar candidato ao estabelecimento da nova missão.

Contrariados, rejeitaram os diretores das "Missões Estrangeiras" o seu pedido de transferência para a Missão Brasileira", pois não queriam perder um homem da sua envergadura moral e espiritual. Convencido, porém, de que Deus mudara o rumo de suas futuras atividades, persiste o Sr. Morris, e obriga os diretores a lhe aceitarem o pedido de demissão do cargo que lhe pretendiam confiar no Extremo-Oriente.

Obstáculo efêmero

Havia, no entretanto, a Comissão executiva da Sociedade Missionária determinado, algum tempo antes, não julgar recomendável, nem conveniente, fôsse enviado um homem só, a fim de abrir novo trabalho missionário. Cumpria obter-se um companheiro para o Sr. Morris, porém, um que se encontrasse à sua altura espiritual e intelectual.

Deus louvado, não levou muito o aparecimento dêsse colaborador. Em pós rápida e decisiva luta, consigo mesmo, por isso que os seus ideais haviam já convergido a outros rumos, que não o árduo trabalho de um campo missionário, tendo lhe sido acenadas, dentro de sua pátria, posições mui atrativas, e de promissor futuro, resolve, finalmente, apresentar se, na qualidade de colaborador, o colega de classe, Sr. Lucien Lee Kinsolving.

Aos 15 de Maio de 1889, aceita a Comissão executiva os pedidos dos Srs. Morris e Kinsolving, convencida que estava, de que, vista a sua robustez física, e diversidade de dons, não poderia a responsabilidade de lançar os alicerces da Missão brasileira ter caído em melhores mãos.

Achava-se, pois, resolvido o magno problema. Á inveterada pergunta: "A quem enviarei? e quem há de ir por nós?" haviam os dois jovens profetas dado a resposta decisiva, nas palavras do grande Isaías: "Eis-me aquí envia-me a mim".

Homens de visão

Morris e Kinsolving — cavalheiros de alto coturno social em sua pátria, de profunda e esmerada cultura secular e teológica, homens de fé e de visão, sim a èstes dois varões apostólicos, na qualidade de embaixadores de Cristo, coube o alto privilégio de haverem lançado os sólidos fundamentos da Igreja Episcopal Brasileira.

Não os alicerces de uma organização estrangeira, com o sabor de práticas e expressões exóticas. mas uma Igreja de cunho verdadeiramente nacional, que, sem se afastar de seus característicos litúrgicos e históricos, se iria plenamente adatar às tradições latinas do povo brasileiro, auxiliá-lo na formação de uma conciência pública nacional, que enxerga e condena erros e males,

suscetíveis de ameçar o bem-estar do povo e a estabilidade da nação.

*

* *

Após haver prégado o Evangelho em nossa pátria, durante 24 anos, o por tantos títulos ilustre missionário, Rev. Dr. W. C. Brown, a deixou para sempre, uma vez eleito bispo de Virgínia. Em iluminador artigo, publicado na revista missionária, "The Church at Work", n.º 2, 1923, frizou o antiste, com a largueza de vistas a êle peculiar, que os pioneiros desta cruzada não tinham vindo de seu país com o fim de estabelecer "a "Igreja Protestante Episcopal dos Estados da América, no Brasil. O seu objetivo fòra, simplesmente, prégar o Evangelho puro de nosso Senhor Jesus Cristo. A forma de organização, e a liturgia mesmo, seriam, no decorrer dos tempos, determinadas pelo próprio povo. Não há duvidar que colimando èste ideal havemos progredido." Não se enganou o insigne prelado.

A ordenação dos Fundadores

Conversando o Epítome Histórico da I. E. B., da lavra do culto patrício, Sr. Ignácio de O. V. Machado, se nos deparam as seguintes linhas, que, com prazer, aquí reproduzimos:

"Um fato na aparência comum e de pouca monta, mas que, no entretanto, deveria ter conseqüências largas, inefáveis, eternas, foi o que ocorreu a 29 de Junho de 1889, na capela do Seminário Teológico de Virginia, nos Estados Unidos. Das mãos do Revmo. Bispo Dr. Whistle, recebiam, alí, as sagradas ordens do diaconato, os Srs. James Watson Morris e Lucien Lee Kinsolving, dois jovens que haviam concluido o estudo das ciências divinas, e, movidos pelo espirito missionário, que soprava intensamente naquela escola de profetas, que tantos homens ilustres tem dado à causa bendita do Supliciado do Gólgota, haviam dedicado a sua vida à evangelização do Brasil."

A fim de não retardar mais a vinda dos missionários, deliberou a Comissão Permanente da diocese de Virgínia abreviar o tempo canônico de sua ordenação ao presbiterado, o que se efetuou aos 1 dias do mês de Agôsto.

Rumo ao Brasil

A partida dos Estados Unidos, segundo os dados oficiais, deu-se no dia 31 de Agôsto de 1889, do pôrto de Newport News, no Estado de Virgínia. Faz em Agôsto, exatamente 60 anos, que se registrou êsse fato.

A bordo do vapor brasileiro "Aliança", o qual levou, à justa, um mês a descer o Atlântico, desde o ponto de partida, chegaram os pioneiros episco-

palianos, à cidade do Rio de Janeiro, após estarrecente experiência de terrível furacão, no dia 26 de Setembro. Aportou, finalmente, o "Aliança" a Santos, o maior empório de café do mundo, término de sua viagem por mar, no último dia do mês.

No interior de São Paulo

A 1.º de Outubro, seguem os Revs. Morris e Kinsolving, por estrada de ferro, para a capital do mais florescente Estado brasileiro — São Paulo. Foram alí muito bem recebidos por elementos representativos das colônias norte-americana e inglêsa, que os cumularam de atenções, bem como do capelão da Igrejo Anglicana. Mas, não havia tempo para desperdiçar, fazia-se mistér agirem com presteza, a fim de em parte recuperar os anos perdidos.

Por motivos que os anais não registam, porém, não difícil de adivinhar (evitarem contato com quem falasse o inglês), seguiram os missionários, dentro de poucos dias, para a cidade do Cruzeiro, no interior do Estado paulista, e lá permaneceram seis meses, estudando o nosso idioma com o ilustre ministro presbiteriano, Rev. Benedito Ferraz, e se familiarizando, também, com o povo brasileiro, seus costumes e práticas supersticiosas, extensivas à religião.

Mudança de Regimen

Mês e meio após a chegada dos bandeirantes da Igreja Episcopal, alterou-se, radicalmente, o nosso sistema de govêrno, com a Proclamação da República, a 15 de Novembro de 1889. Deu em resultado êsse evento a imediata desoficialização da Igreja Católica Romana, e a outorga de plena liberdade e amplos direitos a todos os outros credos religiosos. Aos recem-chegados lhes foi altamente auspiciosa a notícia.

Afinal !

Ansiosos por dar início à sua sublimada missão, logo que se sentiram algo senhores da língua portuguêsa, rumaram os Revs. Morris e Kinsolving para o Rio Grande do Sul, e chegaram a Pôrto Alegre, juntamente com o casal Oliveira, seus futuros auxiliares, no dia 21 de Abril (Tiradentes) de 1890.

Munidos de fraternal carta de apresentação, que lhes dera o Rev. Eduardo Carlos Pereira, sôbre profundo filólogo, uma das glórias do evangelismo nacional, dirigiram-se à residência do Sr. Vicente Brande, diretor de um modesto Colégio Misto, e membro da Igreja Presbiteriana de São Paulo. Com a amabilidade que todos lhe conhecíamos, recebeu muito bem os visitantes e, nos primeiros dias de sua chegada à capital rio-grandense, na frase bíblica, lhes "serviu de olhos".

A Casa da Missão

De fato, no dia seguinte, o Sr. Vicente Brande deu notícia de uma casa no Caminho Novo, que ficou sendo a Casa da Missão", rezam as crônicas oficiais. Pertencia êsse prédio ao Cor. Zeferino Fraga, abastado fazendeiro em Santa Rita do Rio dos Sinos, cuja família passou, mais tarde, quase tôda, a fazer parte da Igreja. Contam-se entre êsses o Rev. Antônio Machado de Fraga, Sr. André Fraga (falecidos) e D. Cândida Fraga Cabral, viúva do venerável arcediago, Rev. Américo V. Cabral. Até bem pouco era ainda a mesma a fachada do prédio onde nasceu a Igreja Episcopal Brasileira, à Rua Voluntários da Pátria n.º 1345 (moderno).

A IGREJA EPISCOPAL EM PLENA ATIVIDADE

O primeiro Ofício divino

Valendo-nos dos Anais Eclesiásticos, encontramos a seguinte anotação: "1890 — 1.º de Junho, Domingo da Trindade. Principiam-se os ofícios divinos na casa à Rua Voluntários da Pátria n.º 387, prégando o Rev. Morris, pela primeira vez alí, em português, (sem sobrepeliz) e, lendo o ofício, o Resv. Kinsolving. Constou o fício do Credo, Coletas, Hinos e Sermão. Uma enchente. Êste ofício realizou-se às 3 ou às 3½ horas da tarde."

Domingo seguinte, no mesmo lugar, na mesma hora, e nas mesmas condições, efetuou-se nova solenidade, sendo, dessa vez, prégador o Rev. Kinsolving, e oficiante o Rev. Morris.

Dêsse modo singelo, como por certo faziam os evangelistas dos dias apostólicos, na "Casa da Missão", nasceu a Igreja Episcopal Brasileira, cujo primeiro nome oficial foi: IGREJA PROTESTANTE EPISCOPAL NO SUL DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL. O seu nome atual data de

26 de Outubro de 1900, alterado no 2.º Concílio, por proposta do venerando Rev. Dr. Morris.

"Mãos ao trabalho"

Estava definitivamente estabelecido na amada pátria o núcleo de uma Igreja Evangélica, do rito histórico episcopal, com as suas impressivas cerimònias, celebradas em vernáculo. Convide, embora, pessoas de tòdas as raças e línguas a dela fazerem parte, o seu alvo foi sempre a evangelizoção dos brasileiros que, ou não fazem parte de Igreja alguma, ou, aliás, sentem falta de uma organização religiosa que mais satisfatòriamente corresponda aos seus anseios espirituais.

Pretende a Igreja Episcopal Brasileira ir ao encontro dêsse estado de alma, e os resultados obtidos nestes sessenta anos, de sobejo confirmam a nossa asserção.

Com muita propriedade, e de pleno acòrdo com a prática dos dias apostólicos, em que Cristo enviou setenta discípulos "de dois em dois", enviou-nos, também a Igreja-mãe os seus primeiros missionários de dois em dois.

Deve-se, talvez, o fracasso da primeira tentativa de evangelização no Pará e na Bahia, ao fato de ter vindo um só ministro nessa ocasião, o qual não tinha com quem se aconselhar, trocar idéias e ouvir palavros de animação. Não há duvidar, dois embaixadores de uma especial missão servem

de equilibrar as tendências, ora optimistas, ora demasiado pessimistas. O arquitetar novos planos, o discutir problemas, o resolver dificuldades, mòrmente quando nos achamos entre pessoas de raças, línguas e costumes alheios aos nossos, exigem a simpatia e a orientação de mais de uma cabeça pensante.

Morris e Kinsolving — que conjunto selecto e harmonioso — começam logo de meter mãos à obra. Desdobrando as suas atividades, iniciam reuniões regulares, à Rua da Cavalhada, esquina da Rua do Botafogo, no bairro da Azenha.

Reconhecendo a conveniência de trabalho religioso mais no centro da cidade, alugam uma sala na Rua do Riachuelo n. 126, esquina do Beco do Pòço, e que veio a ser a origem da paróquia do Bom Pastor, a qual, anos depois, (1898), fundiu-se com a paróquia-mãe da Trindade, sob a invocação da última, e com sede na Rua dos Andradas.

Seis meses após a sua chegada a Pòrto Alegre, sentem-se os Revs. Morris e Kinsolving com coragem de ensinar no Colégio Misto do Sr. Vicente Brande, na Floresta, colégio èsse que, mais tarde, foi incorporado à Escola Americana, fundada a 3 de Fevereiro, de 1891, na Casa da Missão.

O primeiro lugar, fora da Capital, em ser visitado, foi a fazenda do "Contracto", vetusto solar da família Fraga, em Santa Rita do Rio dos Sinos, onde se acha situada a nossa mais importante pa-

róquia rural, que tantos eclesianos piedosos tem dado à Igreja.

Futuro Ministro

O dia 28 de Agosto de 1891 merece mencionado, por isso que, pleno de entusiasmo com a orientação que estava sendo impressa às atividades religiosas na novel Igreja, resolve o professor Vicente Brande, apresentar-se, oficialmente, candidato às sagradas ordens. Embora já evangélico, pode-se dizer, constituiu o então jovem professor; falecido em 1940, as primícias do trabalho episcopal no Brasil. Já por dom natural de pendores evangelizantes, já porque tivesse tido o costume de dirigir a palavra em reuniões na modesta sala de sua escola diária, já por apreciáveis conhecimentos da Palavra de Deus, foi o Sr. Vicente Brande, desde logo, aproveitado na prégação dos cultos públicos.

A primeira Santa Ceia

Data para nós brasileiros muito cara, é o dia 3 de Maio, em que se comemora o descobrimento da Terra da Vera Cruz. Pois, nesse dia de gala nacional, em 1891, caiu o 5.º domingo depois da Páscoa. No recinto, já, então, adrede preparado para a realização dos ofícios divinos, na Casa da Missão, transformada em "verdaeiro farol, de onde

jorram vivos clarões da luz da salvação eterna", foi, pelo Rev. Kinsolving, celebrada a primeira Santa Comunhão, segundo o impressivo ritual do Livro de Oração Comum. Dela participaram, além do celebrante, o Rev. Morris, o Sr. Vicente Brande, o Sr. Boaventura de Oliveira, e D. Inês de Oliveira, da Igreja Presbiteriana de São Paulo.

Aquisição altamente valiosa

Quando daí um mès, celebrou-se de novo èste Santo Sacramento, registam os Anais, foi recebido à Comunhão (modo por que se era admitido aos privilégios da Igreja, antes de tèrmos bispos), o jovem de 21 anos, Sr. Américo Vespúcio Cabral, que, semanas antes, casualmente, passara certa tarde pela frente da Casa da Missão, no momento em que cantavam um hino. Atraído pela música insólita, entrou com o companheiro, por mera curiosidade, mas ficou profundamente impressionado com tudo o que viu e ouviu.

Domingo seguinte, às mesmas horas, passa novamente por alí. Cantavam. Entrou o jovem Cabral, mas, desta vez, para nunca mais sair. Foi a encruzilhada de sua vida. O companheiro não quís entrar. Separaram-se para sempre. Abandonando o comércio que lhe acenara brilhante futuro, encontramos, três meses mais tarde, o Sr. Américo V. Cabral, ocupando o lugar de catequista e candidato às sagradas ordens. Veio a ser

o Crisóstomo da Igreja Episcopal Brasileira, quiçá, o príncipe dos prégadores do santo Evangelho, no Brasil.

A primeira Junta Paroquial

Faz jús o dia 9 de Agosto de 1891 a registo especial, pois, nessa data, foi "generosamente" transferida para a Igreja Episcopal a pequena congregação presbiteriana que contava uns 30 comungantes, fundada na cidade do Rio Grande, em 1876, pelo Rev. Emanuel Vanorden, negociante e evangelista, de origem judaico-holandesa.

O último pastor presbiteriano, residente no Rio Grande, foi o Rev. Manoel Antônio de Menezes, ministro de vasta cultura, e autor de diversos hinos da coleção Salmos e Hinos.

Correspondendo ao expontâneo pedido da própria congregação, recebeu-a em nome da Igreja, o Rev. Morris, juntamente com o catequista, Sr. Vicente Brande.

Todo trabalho incipiente, regista algum fato ou circunstância, que desfruta a honra de ser o "primeiro", ou a primeira vez. Assinalamos já diversos.

O evento, acima referido, a transferência de um grupo de comungantes para a nossa Comunhão, proporcionou elementos para a eleição da primeira Junta Paroquial, levada a efeito na Igreja Episcopal Brasileira. Merecem mencionados os nomes

dos membros componentes da mesma: Srs. Antônio Gazineu e Angelo Catalani (ambos italianos), e o Sr. Jacinto Santana (de còr).

A vinda de mais dois Missionários

Desenvolvia-se, a olhos vistos, o campo de ação da novel Igreja — o grão de mostarda entrara de crescer na ubérrima terra brasileira. Decorrido apenas ano e meio de sua fundação, tornara-se imperiosa a vinda de novos obreiros, e êstes se não fizeram esperar dilatado tempo.

As notícias de que a Igreja Episcopal estava sendo bem recebida em nossa pátria, e as "gráficas e estuantes" cartas do Rev. Morris, despertaram grande entusiasmo e intensaram o espírito missionário entre os estudantes da velha Faculdade de Teologia. Os seminaristas orgulhavam-se da parte que lhes tocava no estabelecimento da nova Missão.

As ferventes incitações dos pioneiros a seus ex-colegas para que os viessem auxiliar a conquistar "um império" para Cristo, não foram em vão.

A classe que terminaria o curso em 1891 era tida, pelos lentes do Seminário, como a mais promissora de há alguns anos, quer do ponto de vista cultural, quer no que respeitava ao zêlo às "cousas que são lá de cima". Diversos dos candidatos às sagradas ordens, haviam já resolvido oferece-

rem-se para os campos missionários, caso se lhes deparasse oportunidade.

Após a visita de distinto missionário, que operava na China, tão convincente foi a sua alocução, que muitos estudantes reuniram-se no quarto do seminarista Meem, e tomaram alí atitudes definidas, sendo que três dêles, os Srs. W. C. Brown, W. D. Smith e J. G. Meem, decidiram-se pelo Brasil. A resolução do último fôro reforçada pelo fato de seu pai, o General Meem, engenheiro civil, haver trabalhado na construção da Estrada de Ferro Central do Brasil.

O Sr. Brown, exímio linguista, fizera curso parcial de leis na Universidade de Virgínia, e ensinara com muita proficiência, no Ginásio Episcopal da Diocese.

O Sr. Meem, seguindo tradições da família, cursara a Academia Militar do mesmo Estado, tendo recebido medalha de ouro ao fim do curso. Continuou algum tempo na Academia, com o posto de capitão, e lente da cadeira de química.

Com vocação para a carreira eclesiástica, matricularam-se ambos no Seminário de Virgínia, no qual deixaram merecida fama.

Eram êstes os novos candidatos às atividades missionárias em nosso pátria. A ministros dêsse calibre, soia o bispo Kinsolving denominar: "Homens número um".

Afigurou-se-nos ser de interêsse os pormenores acima, com respeito aos dois co-fundadores

da Igreja Episcopal Brasileira. A vinda dos futuros missionários registou-se, qual era de esperar, com mais facilidade e menos agitação.

Do Sr. Smith o que conseguimos apurar foi que, por motivos imperiosos, após haver acompanhado os outros dois companheiros na visita a quinze cidades, em propaganda muito bem sucedida, teve de desistir do seu intento.

A caminho do Brasil

Continuando a prática apostólica de enviar os embaixadores do Evangelho, de "dois em dois", logo após a sua ordenação ao presbiterado que, como no caso dos pioneiros, tivera o interstício do diaconato diminuido, embarcam os Revs. Brown e Meem, para o Brasil, por sinal que o foi no mesmo "bom vapor Aliança", que trouxera os Revs. Morris e Kinsolving. Partiu, também, de Newport-News a 12 de Setembro de 1891. O Rev. Brown era casado com D. Ida Brown.

Chegaram ao Rio Grande aos 22 de Outubro. Naqueles dias eram as viagens muito demoradas.

A primeira Diaconisa

Em sua companhia veio, também, a primeira diaconisa que tivemos, e a única que permaneceu mais tempo aquí. D. Maria Packard, da velha aristocracia virginiana, e filha do provecto deão do

Seminário, Rev. Dr. Packard. Prestou Miss Packard inestimáveis serviços à Igreja brasileira, já como organista, professora e visitadora paroquial, tanto em Pòrto Algre, onde residiu uns vinte anos, como, ao depois, no Rio de Janeiro.

Voltou em 1920, definitivamente, para os Estados Unidos, onde faleceu em avançada idade, sem jamais esquecer os amigos que grangeara no Brasil.

Conjunto providencial

Com a chegada dos Revs. Brown e Meem, cavalheiros não sòmente de fina estirpe e de profunda cultura secular e teológica, mas cristãos de ilibado caráter e evangelistas de larga visão, achava-se a Igreja Episcopal no Brasil, admiràvelmente bem aparelhada, como só raro outros campos missionários o têm sido, para com galhardia e fé, afrontar quaisquer óbices que se lhe antepusesse à sua marcha avante.

Atitude nobre

Os dois pioneiros Morris e Kinsolving, com a elevação de vistas, que constituia o apanágio de seus sentimentos cristãos, de bom grado estendiam sempre a seus colegas e colaboradores Brown e Meem, as honras do título de instituidores da Igreja Episcopal Brasileira, por isso que, cada um dêles, de modo todo particular, contribuiu com o

seu quinhão e dons, para o estabelecimento de uma Igreja nacional, "com alicerces que nenhum poder humano abaterá".

Dada a sua mui eficiente e consagrada cooperação, pode-se dizer, desde o início, dos catequistas Brande, Cabral e Fraga, aos quais ninguém por certo negará o direito de, também, serem considerados "fundadores", a ninguém admire o auspicioso surto, que, a breve trecho, logrou atingir a Igreja Episcopal neste país.

A destituição de um dos primeiros diáconos, quiçá, por excesso de zêlo, foi, ao que se nos antoja, a única nota dissonante, no decorrer dos quatro primeiros anos da existência da Igreja Episcopal no Brasil.

Distribuição de obreiros

Dispondo de oito ministradores — quatro clericais e quatro leigos — cumpria na linguagem do profeta Isaías, "Alongar as cordas da tenda e afixar estacas", em novos sítios.

Havia já duas missões organizadas e dois pontos de prégação na Capital do Estado do Rio Grande do Sul. Em Santa Rita era vultoso o número de comungantes. Na cidade do Rio Grande, a congregação elegera a primeira Junta Paroquial. Os catequistas visitaram com boa aceitação as localidades vizinhas a Pôrto Alegre — São Leopoldo, Viamão, Santo Antônio, Belém Velho, Estância Grande, Passo da Areia. Na Aldeia dos

Anjos (Gravataí), não os "anjos", mas "a molecagem assalariada", intentou desacatar o catequista.

Tocara, pois, a hora, de ocupar a cidade de Pelotas — a Princesa do Sul.

A primeira reunião conjunta

De fato, efetuou-se a 23 de Maio de 1892, na moradia dos missionários, à Rua da Independência, nos Moinhos de Vento, Pôrto Alegre, a primeira Convocação dos obreiros episcopalianos, embora informal, a fim de tratarem da marcha progressiva da Igreja.

Resultou na seguinte distribuição dos ministros e catequistas:

Pôrto Alegre — Missão do Caminho Novo: Rev. J. W. Morris. — Missão da Rua Riachuelo: Rev. Brown e Sr. Cabral.

Santa Rita — Rev. Morris e Sr. Oliveira. (residente).

Rio Grande — Rev. Kinsolving e Sr. Brande.

Pelotas — Missão por abrir: Rev. Meem e Sr. Fraga.

Abertura da Missão em Pelotas

Aos 15 de Setembro de 1892, chegam o Rev. Meem e Sr. Antônio Machado de Fraga e família à aristocrática cidade de Pelotas.

Em menos de um mês, precisamente a 9 de Outubro, realiza-se o primeiro ofício divino público, às 3 horas da tarde, no "Sobradinho", à Rua General Osório. Dirigiu a solenidade e prégou o Rev. Meem. Um mês depois é fundada a Escola Dominical.

No dia do Natal, inaugura-se a sede do trabalho em ponto mais ao centro, com salão bem espaçoso, à Praça da República, esquina da Rua Felix da Cunha, onde outrora funcionara a Intendência Municipal. Deu-lhe o Rev. Meem, quanto possível, internamente, aspecto de Casa de Oração.

O número de pessoas gradas que, desde o início, começaram de frequentar os nossos cultos, justifica o que já foi dito, que a Igreja Episcopal entrou "com o pé direito" na cidade de Pelotas.

Distrito Missionário

Não fomos, durante os primeiros dezessete anos, um Distrito Missionário sob as concomitantes restrições canônicas.

Éramos simples missão episcopal, que colimava estabelecer no Brasil, o mais breve possível, uma Igreja nacional, independente. De tal modo, porém, cresceu a missão que, em 1905, fomos aconselhados pela Sociedade Missionária, nossa mantenedora, nos dirigíssemos ao Conselho Nacional da I. M., solicitando o "status" de Distrito Missionário.

Foi o que fez o Concílio de 1907, dirigindo àquela organização um Memorial, assinado por todos os conciliares, "contanto que as prerrogativas atualmente gozadas pela mesma (isto é, a I.E.B.) sejam ressalvadas e guardadas." Dos que o assinaram, existem no trabalho ativo, apenas três pessoas: o então Rev. Thomas, o Rev. Barcelos da Cunha, e o autor.

A única resposta que obtivemos, foi através do seu Relatório, em 1908, no qual o Revmo. Kinsolving declara que a Convenção Geral aceitou o nosso pedido "conservados todos os direitos e prerrogativas até agora exercidos pela Igreja Episcopal Brasileira."

Visto ter continuado o mesmo Bispo, em nada se alterou o rítmo de nossas atividades, nem o nome de nossa Igreja, no Brasil.

A PRIMEIRA VISITAÇÃO EPISCOPAL

Antecedentes

Estava, a princípio, a Igreja Episcopal no Brasil, sob a jurisdição eclesiástica, não oficial, do venerando Bispo de Virgínia, pròvàvelmente pelo fato de os quatro primeiros missionários serem todos virginianos, e provirem da Faculdade Teológica de Virgínia. Fazia-se, pois, mistér, normalizar a situação canònica dêste novo ramo da Igreja de Cristo, e conferir aspecto legal às suas atividades religiosas, que aqui se desenvolviam ràpidamente.

Mais de cem pessoas estavam já filiadas, à Igreja em quatro municipios, recebidas por simples admissão à Santa Ceia do Senhor, após o respectivo preparo catequético. Quatro candidatos às Sagradas Ordens aguardavam ansiosos ordenação episcopal ao diaconato. No que respeita às instituições que dependem da organização regular de uma diocese, ou distrito missionário, estava ainda tudo por ageitar. Fazia-se, portanto, sentir

a imediata vinda de um Bispo à nascente Igreja Brasileira.

Considerando prementes as circunstâncias, incumbe o então Bispo-presidente da Igreja-mãe ao Revmo. Dr. George W. Peterkin, diocesano da Virgínia do Ocidente, de fazer a primeira visitação episcopal à Igreja que se estava estabelecendo no Brasil, e de lhe outorgar a organização de que havia mister para o seu legal funcionamento.

Chegada ao Rio Grande

Em cumprimento a essas ordens, aporta o Revmo. prelado à cidade do Rio Grande, no dia 23 de Agôsto de 1893, onde se demorou até o dia 30. Decorreram sob grande atividade os dias passados no Rio Grande. Houve ofícios divinos quase tôdas as noite, falando o Revmo. Peterkin, naturalmente, por meio de intérpretes. O pároco, Rev. Kinsolving, apresentou 24 candidatos a fim de receberem o rito apostólico da Confirmação, ou Imposição das mãos, bem como faziam os apóstolos na Igreja primitiva. Foram as primícias dos confirmados na Igreja Episcopal Brasileira. Na volta do Sr. Bispo da Capital do Estado, confirmaram-se mais seis pessoas, elevando o total a 30 novos eclesianos. Dêstes, ao que nos foi dado apurar, existe ainda, fiel a Cristo e à Igreja, apenas uma pessoa: D. Elsa Krischke Meem, viúva do Venerável Arcediago do Rio de Janeiro, Rev. Dr.

J. G. Meem, por sinal, a primeira jovem patrícia a quem foi administrado o rito apostólico da Confirmação.

Durante a semana, procedeu o prelado visitante ao exame, determinado pelos Cânones, dos catequistas e candidatos às sagradas ordens, Srs. Vicente Brande e Antônio Machado Fraga.

A primeira ordenação

A 28 de Agôsto, foi o Sr. Vicente Brande, com 33 anos, rezam os Anais, ordenado ao diaconato, de conformidade com a prática da Igreja Episcopal. Pela segunda vez, dentro de quatro dias, teve o Sr. Vicente Brande o alto privilégio de ser "o primeiro" em atos oficiais da Igreja.

São José do Norte

O pequeno São José do Norte, berço do valoroso Almirante Tamandaré, gozou, também da honra da visita do Revmo. Bispo, que confirmou seis candidatos, apresentados pelo pároco riograndense. Fez parte dessa classe D. Maria Joaquina de Farias, mais tarde diaconisa em Bagé, verdadeira êmula da apostólica Phebe.

Em Pelotas

No último dia de Agôsto, já se achava o Sr. Bispo na cidade de Pelotas, onde permaneceu uma

semana. No espaçoso salão-capela, que comportava umas duzentas pessoas, apresentou o páróco e fundador do trabalho pelotense, Rev. Meem, 26 candidatos à Confirmação. Todos, menos um, de nomes portuguêses e sem nenhuma ligação anterior a outras denominações evangélicas. Representou trabalho direto do pároco e de seu eficiente auxiliar, Sr. A. M. Fraga, que, a primeiro de Setembro, é ordenado diácono.

Dessa classe de confirmação existem ainda, além da octogenária D. Rita Ferreira Fraga, viúva do Rev. Fraga, residente em Santa Rita, D. Florentina Dias Santos, que continua a residir em Pelotas e D. Célia Gomes Duarte, moradora, faz anos, no município de Cangussú. Permanecem firmes e fiéis a seu divino Mestre e à Igreja a que se filiaram.

Em Porto-Alegre

"Muitos primeiros serão os derradeiros", declarou o divino Mestre. Foi o que se registrou com a missão episcopal porto-alegrense. Ainda que a primeira em ser estabelecida foi quase a última a receber a visita do Revmo. Bispo, por motivo de sua posição geográfica. Em compensação, foi onde o Prelado visitante demorou-se mais tempo, e onde teve oportunidade de se inteirar com mais minudências, já do trabalho em andamento, já das futuras possibilidades religiosas em nosso país.

Deu o Sr. Bispo todos os passos necessários para que a Igreja Episcopal no Brasil ficasse devidamente aparelhada, a fim de com eficiência atender a quaisquer imprevistos, enquanto não tivéssemos o privilégio de um Bispo residente.

Na Missão à Rua do Riachuelo, sendo reitor o Rev. Brown, coadjuvado pelo Sr. Cabral,, foram confirmados 22 candidatos, e na Missão do Caminho Novo, a cargo do Rev. Morris, impôs o Bispo as mãos sôbre 14 pessoas, ao todo, pois, 36 novos soldados de Cristo. Dêstes sabemos vivem ainda, sempre leais a Cristo, a eclesiana já mencionada na Introdução e o professor Alfredo C. Dias, residente em Ponta Grossa, no Paraná.

Examinou Sua Revma. os candidatos às sagradas ordens, Srs. Américo Vespúcio Cabral e Boaventura Sousa de Oliveira. Serviram de intérpretes os Revs. Morris e Brown, que a ambos haviam ministrado os ensinos teológicos, de conformidade com os Cánones.

Como se registou em Rio Grande e Pelotas, houve, também em Pôrto Alegre uma ordenação ao diaconato. Aos 12 de Setembro, é solenemente ordenado à primeira ordem apostólica o catequista, Sr. Cabral, com 23 anos de idade, na sala de cultos, à Rua do Riachuelo n.º 126. Celebrou-se, durante a solenidade, pela vez primeira nesse local, a Santa Eucaristia.

Em Santa Rita do Rio dos Sinos

Passando à missão campestre de Santa Rita, a última em ser visitada, demorou-se alí o Revmo. Bispo apenas três dias, e impôs as mãos sôbre 41 candidatos, o maior número apresentado ao rito apostólico da Confirmação em qualquer de nossas missões, nesta primeira visitação episcopal. Foi, também, ordenado ao diaconato o catequista residente, Sr. Boaventura de Oliveira.

Após investigação, soubemos existirem ainda, ao menos, duas dessas pessoas que, então, se filiaram à Igreja: D. Antônia Fraga Martins e D. Cândida Fraga Cabral, "a primeira convertida na vizinhança".

A PRIMEIRA COMISSÃO PERMANENTE

Estavam, pois, visitadas tòdas as paróquias, como modernamente diríamos, em nos referindo a essas missões. Daí a pouco trecho, voltaria para sua pátria o por tantos títulos ilustre Bispo Peterkin.

Em razão de haver sido a primeira vez que um Bispo não-católico romano palmilhou as terras do Rio Grande do Sul, não admira as manifestações de simpatia e deferência estendidas ao insigne prelado visitante.

Antes de se retirar de nosso país, após uma visita de mês e meio, escreveu o Revmo. Bispo Peterkin importante Pastoral, dirigida aos "Presbíteros e Diáconos da Igreja Protestante Episcopal no Brasil, e às Congregações a seu cargo", bem como uma importante "Declaração de Princípios". São ambos, documentos de subido valor, e tratam de assuntos que muito interessavam à novel Igreja, mòrmente do ponto de vista doutrinal. Encontram-se, na íntegra, publicados em o número de Outubro de 1893 de "O Estandarte Cristão".

Várias foram as comissões nomeadas por Sua Revma., com poderes especiais, até que se efetuasse a primeira Convocação oficial, por êle autorizada, à qual compareceriam representantes leigos escolhidos pelas respectivas congregações.

Constitue a Comissão Permanente o mais importante de todos os encargos de responsabilidade nas Igrejas de ordem episcopal, por isso que, além de outras atribuições, que lhe são determinadas pelas leis canônicas, cumpre, na ausêncio do Bispo, exercer a Autoridade Eclesiástica. Estima-se à conta de distinção especial, dela fazermos parte.

Merecem, pois, registo os nómes dos constituintes clericais e leigos da primeira Comissão Permanente da Igreja Episcopal no Brasil. Foram os Revs. J. W. Morris, L. L. Kinsolving, W. C. Brown e J. G. Meem, e os Srs. Major Lucas Sarmento, de Sant aRita, Angelo Catalan, do Rio Grande, e Alípio J. dos Santos, de Pelotas.

Desde então, elegem-se anualmente, por ocasião dos Concílios, (a princípio, Convocações), novas Comissões Permanentes, compostas de seis membros — três clericais e três leigos.

Nomeadas, esta e outras comissões, achava-se a Igreja Episcopal devidamente aparelhada para seguir avante, rumo ao estabelecimento de uma Igreja Nacional — Católica e Protestante. Católica no que concerne a tôda a verdade de Deus. Protestante contra todo o êrro do homem.

A SEGUNDA VISITA EPISCOPAL

Convite

Decorridos cêrca de quatro anos, tornou-se necessária outra visitá episcopal.

Impossobilitado de vir o Revmo. Peterkin, por determinação sua, dirigiu-se o presidente da Comissão Permanente ao Revmo. Diocesano das Ilhas de Falkland, no sul da América do Sul, e superintendente de tòdos as Igrejas Anglicanas neste hemisfério, Revmo. Dr. W. H. Sterling e convidou-o a, em seu nome, fazer visitação episcopal à Igreja Brasileira.

Confirmações

Aceito fraternalmente o convite, designou o Sr. Bispo o mês de Maio de 1897, para sua vinda ao nosso Estado, onde se demorou duas semanas, e visitou, para fins de Confirmação, tòdas as missões organizadas. Receberam o rito apostólico da Imposição das Mãos 159 candidatos, o que elevou

a maís de 300 o número de eclesianos em plena comunhão com a Igreja.

Ordenações

Decorrido o tempo canônico, e, achando-se em ordem os respectivos papéis, foram a 13 de Maio, na Capela do Bom Pastor, em Pôrto Alegre, elevador por Sua Revma., segundo a prática litúrgica episcopal, à ordem de Presbíteros, os diáconos Revs. Brande, Cabral e Fraga.

Três idiomas

Sempre que o Revmo. Bispo oficiou, o fez em língua inglêsa, interpretado por algum dos missionários, mas a Ordem da Confirmação, êle a pronunciou em espanhol, respondendo o clero e o povo em português.

Sete Presbíteros

Havia, agora, na Igreja Episcopal do Brasil, sete presbíteros, aptso para tomarem sob sua responsabilidade individual o pastorado de qualquer paróquia ou missão.

AS CONVOCAÇÕES

Explicação

Antes de têrmos Bispos residentes, dava-se o nome de Convocação às reuniões anuais da Igreja, em que se estudavam os melhores métodos da difusão do Santo Evangelho em nosso país. Conservando o termo, urge, de passagem, observar que, em português, não é èsse vocábulo sinônimo de reunião, qual se dá na língua inglêsa.

A primeira Convocação

Já nos referimos à primeira reunião conjunta informal dos missionários e catequistas, levada a efeito em Maio de 1892.

Por determinação do Revmo. Bispo Peterkin, realizou-se na cidade do Rio Grande, de 3 a 8 de Março de 1894, a primeira Convocação autorizada da Igreja Episcopal, à qual compareceram três presbíteros e quatro diáconos. Não houve ainda representação leiga. As atas acham-se impressas

no Estandarte Cristão, mês de Março dêsse ano, bem como a Constituição da Igreja Protestante Episcopal no Sul do Brasil, a qual consta de doze artigos. No primeiro se declara que aceitamos a Constituição e Canones da Igreja-mãe "enquanto forem aplicáveis às nossas circunstâncias e necessidades".

A instrução do clero foi outro ponto que ocupou a atenção dos presentes.

A segunda Convocação

Em ordem cronológica a segunda, mas a primeira Convocação, a que compareceram delegados leigos — os eclesianos: Srs. Ernesto Bastos, da Capela do Calvário, em Santa Rita, os Srs. J. P. Santos Norte, da Capela do Bom Pastor e Bruno Marceo, da Capela da Trindade, ambos de Pôrto Alegre, e Sr. Joaquim A. Fróes, da Capela do Redentor, em Pelotas.

Reuniu-se esta Convocação na Capela da Trindade, dos dias 22 a 27 de Abril de 1895.

Entre os assuntos resolvidos, figura o de se denominar Deão ao presidente da assembléia. Foi criado o cargo de Encarregado das Escolas Dominicais, e fundada a Biblioteca Estrêla do Sul, para uso dos estudantes de teologia. Tornou-se o núcleo de que se desdobrou a Biblioteca em nosso atual Seminário.

Dessa Convocação em diante, começoram as Atas e outros documentos, nelas apresentados, a ser publicados em folheto especial. Conta êste primeiro 50 páginas, e custou 200$000 a sua impressão. As Atas, hoje, constituem volume de cem páginas, fòra os enormes quadros estatísticos. Custa 30 vêzes mais a sua publicação.

Ficou, também, resolvido, nesse ano, passasse o Estandarte Cristão a ser o órgão oficial da Igreja.

A terceira Convocação

Efetuou-se na Capela do Redentor, em Pelotas, de 15 a 18 de Janeiro de 1896.

Foi, pela vez primeira, lido o relatório do Registrador, o Rev. Meem, a quem se deve a precisão e minudências de certos fatos, por êle compilados, com respeito à fundação de nossa Igreja. Cada item era lido separadamente, e, depois de discutido, aprovado, por isso que correspondia à realidade dos fatos. É, em síntese, a história oficial de nossa Igreja, de que fez amplo uso o autor no presente trabalho.

Aprova-se um voto de louvor e agradecimento ao distinto leigo, Sr. Frederico G. Schmidt, pelos serviços prestados ao Estandarte Cristão.

Com exceção da Capital, ficaram os limites dos municípios, sendo considerados como os das paróquias.

Em resposta ao memorial da Igreja Metodista, sôbre divisão de zonas de trabalho, ficou resolvido nada se decidir, à vista da "estreiteza de tempo".

Proíbe aos leigos de ocuparem o púlpito sem licença da Comissão Permanente.

Lê o Deão o relatório concernente às atividades do ano anterior, o qual é publicado em apêndice.

A quarta Convocação

Foi na Capela do Bom Pastor, em Pôrto Alegre, que se realizou a quarta Convocação, de 20 a 25 de Janeiro de 1897.

Com muito propriedade, determinou omitir-se o vocábulo "Sul" do título oficial da Igreja, que se destina ao país todo e não apenas ao Estado sulino.

Foram apresentados a esta reunião anual mais relatórios de interêsse que em qualquer Convocação anterior.

Aparece, também, pela primeira vez, um relatório de Estatística Geral, que revela têrmos, naquele tempo, 7 ministros, 273 comungantes, e que a receita atingira 13 contos de réis.

A quinta Convocação

Levada a efeito na cidade do Rio Grande, de 22 a 29 de Janeiro de 1898, não mandou imprimir

as suas Atas, que foram publicadas no Estandarte Cristão.

Resolve a instalação de um Seminário Teológico.

Funda a Sociedade Missionária da Igreja Brasileiro.

À vista da imperiosa necessidade de um Bispo residente, resolve-se apelar para a Convenção Geral, que nos outorgue um prelado, à semelhança do concedido à Igreja do Haití, com a qual a Igreja-mãe estabelecera uma Concordata.

Opina o Rev. Kinsolving, ser melhor têrmos um bispo sem concordata alguma. Acrescenta o Rev. Meem que, quanto mais simples fôr o acôrdo, tanto melhor.

Convocações extraordinárias

Celebraram-se duas Convocações extraordinárias a fim de tratar de assuntos especiais.

Uma, em Junho de 1896, com o intuito de examinar a tradução do Livro de Oração Comum, feita pela comissão anteriormente designada.

A outra, em Maio de 1898, na qual se processou a eleição de nosso primeiro Bispo.

O ESTANDARTE CRISTÃO

Os primeiros números

Fazendo-se sentir a fálta de um jornal para pòr a Igreja tòda a par de seus movimentos, planos futuros, e mais prementes necessidades, surgiu no mês de Janeiro de 1893, "O Estandarte Cristão", que tinha por redatores os Revs. Morris e Brown. Era o formato de 32 × 45 cent. e a anualidade de Rs. 3$000. Publicava-se um número por mès, com a tiragem de 300 exemplares.

Declara o artigo de fundo inicial ser o seu objetivo dar notícias das atividades religiosas em nossa pátria, principalmente as do "ramo da Igreja cristã, que o Estandarte Cristão representa, e se acha tão auspiciosamente laborando no Estado do Rio Grande do Sul". Publica, também, artigos sòbre a Quadra eclesiástica, há pouco finda, e outros de caráter educativo-religioso. Epítome histórico da Igreja Episcopal. Notícias de ordem geral, mas, o que é de admirar, nenhuma notícia paroquial.

Contém o segundo número as mesmas seções anteriores, acrescidas da relação dos nomes dos missionários, dos catequistas, e dos lugares onde se acham exercendo as suas atividades. Abundantes são, desta feita, as notícias paroquiais.

Na edição de Dezembro, de mesmo ano, aparece entre os redatores, o nome do Rev. Américo V. Cabral, que, aliás, desde o início, cooperava na feitura do jornal, e, ficou, mais tarde, redator a sós.

Colaborador valioso

Em Agôsto de 1894, inicia sua valiosa colaboração o leigo rio-grandense, Sr. Frederico G. Schmidt, com o artigo "A Fé". Desde, então, até poucos anos atrás, escreveu o consagrado eclesiano para as colunas de nosso periódico, do qual foi, diversos anos, redator de fato, quando o era mais de nome o Rev. Dr. Brown.

Várias direções

Além dos nomes já mencionados, esteve o periódico, alguns anos, a cargo da pena e direção do Dr. João Mozart de Melo. Fazia parte da redação, nesse tempo, como secretário, o jornalista rio-grandense Sr. Alípio Cadaval, fundador de "O Tempo".

Lutando sempre com dificuldades financeiras, como é praxe dos jornais religiosos em geral,

logrou, finalmente, o nosso periódico equilibrar as suas finanças, quando passou a gerência às mãos do Rev. W. M. M. Thomas, então pároco, na cidade do Rio Grande.

Desde aquêles dias, se tem sempre mantido com os seus próprios recursos, no que é muito coadjuvado pela coleta que, a seu favor, se levanta, anualmente, nas paróquias.

Com o intervalo de apenas dois anos (1929 — 1930), em que foram redatores os Revs. Américo V. Cabral, João B. B. da Cunha e George U. Krischke, nos quais passou a direção, de unipessoal que era, para a de uma comissão, o que, aliás, persiste até o momento atual, esteve o periódico da Igreja, desde 1909 a 1939, sob a administração do Rev. Severo da Silva (falecido em 1939), um dos mais acatados jornalistas do evangelismo nacional.

Nessa nova fase, hão emprestado à revista episcopaliana as luzes do seu talento os Revs. Dr. Athalício Pithan, Henrique Todt Jr., Egmont Machado Krischke, Dr. Otacílio M. da Costa, Natanael D. da Silva, Plínio Simões, Orlando Batista e Rodolfo G. Nogueira. Outros ministros colaboram, também, para que o Estandarte Cristão ocupe lugar saliente, em meio de seus colegas da imprensa evangélica do Brasil. Cumpre salientar-se a feitura artística do jornal, os artigos de fundo, a interessante e variada colaboração de diversos leigos consagrados, e o desenvolvido noticiário das

paróquias. A tiragem é quatro vêzes maior que ao ser iniciada a sua publicação.

Finanças

A receita regular, proveniente das assinturas, da coleta anual, e, de ofertas especiais, tem, felizmente, dado para o custeio das despesas. Oxalá, continue sempre assim.

Outros periódicos

Sendo, como todos sabem, elemento de inestimável valor a propaganda por meio da imprensa, não admira o intenso uso, que dela se faz em todos os arraiais religiosos.

Daí o surgir, de tempos a tempos, em diversas paróquias, modestas folhas, ora de informação puramente paroquial — os Boletins — ora de caráter de propaganda religiosa e ideológica.

De nossas pesquisas, conseguimos saber, existiram já, na Igreja Episcopal Brasileira, as seguintes publicações, a maior parte de curta duração. Algumas aparecem ainda, de espaço a espaço.

A Estrêla do Oriente, Santa Maria — 1902.
O Semeador, Pòrto Alegre — 1907
O Militante, Pelotas — 1908.
Unitas, Rio Grande — 1916.
Boletim Paroquial, Pòrto Alegre — 1919.

O Arauto Cristão, Bagé — 1920.
O Clarim, Rio de Janeiro — 1922.
O Clarim, Pelotas — 1929.
O Eclesiano, Pòrto Alegre — 1932.
O Paroquiano, Pelotas — 1938.
Boletim Paroquial, Rio Grande, 1939.
Boletim da Missão Nordeste, Viamão — 1939.
A Cruz de Santo André — 1939.
O Cronista, Bagé — 1940.
O Missionário (Órgão da Missão Japonêsa).
U. M. C.

OS NOSSOS PRELADOS

O PRIMEIRO BISPO

Sua eleição

Que a uma Igreja de ordem episcopal não seja dado prescindir da presença de quem, na qualidade histórica e administrativa de bispo, lhe superintenda os destinos, é o que nos cumpre esperar.

Estivéssemos, embora, sob a jurisdição do consagrado bispo Peterkin, que nos visitou uma vez, e, ainda que, por convite seu, o bispo Sterling, das Ilhas de Falkland, com sede em Buenos-Aires, nos houvesse ministrado visitação episcopal, tornava-se, a olhos vistos, sensível a falta de um prelado residente e imperativa a escolha de quem lhe fizesse as vèzes.

Reconhecendo que mais dilatada delonga, nesse sentido, teria como resultado prejudicar o desdobramento de nossas atividades religiosas, foi, por conselho de autoridades eclesiásticas da Igreja-

mãe, convocada uma reunião de clérigos e delegados leigos, a fim de elegerem em bispo um de nossos ministros e enviá-lo aos Estados Unidos, para ser alí sagrado, segundo o rito histórico episcopal. Com as Igrejas estabelecidas no México e no Haiti, fôra o problema resolvido da mesma forma.

A 30 de Maio de 1898 reune-se na Capela do Bom Pastor, em Pôrto Alegre, uma Convocação extraordinária, à qual compareceram seis presbíteros e cinco delegados leigos. Dos clérigos, achava-se ausente, nos Estados Unidos, o Rev. Brown.

Procedendo-se por ordens, segundo determinam os canones, foi, em primeiro escrutínio, eleito, por quatro votos clericais, o Rev. Lucien Lee Kinsolving, pároco na cidade do Rio Grande. Tocando a vez de os leigos darem os seus votos, sufragaram todos o mesmo nome.

Enviado o resultado da eleição à Câmara dos Bispos, entendeu esta, levada por escrúpulos canônicos, não fôssemos, embora, um Distrito missionário, a proceder, ela mesmo, a nova eleição. Ficou, porém, ratificada a preferência da Igreja Episcopal no Brasil, por isso que a Câmara elege, por unanimidade de votos, o Rev. Kinsolving.

Note-se, no entretanto, que o nosso primeiro Bispo era, até 1907, considerado Bispo de uma Igreja Estrangeira, e, como tal, tinha, apenas, direito a assento, porém, não a voto, nas assembléias dos Bispos.

Sagração solene

Designado o dia da Epifânia e a ampla Igreja de S. Bartolomeu, de Nova York, para os efeitos da solenidade, acorreram à mesma, pelo inusitado da circunstância — a sagração do primeiro bispo de uma Igreja estrangeira — além dos três prelados consagradores de lei, outros dez dos bispos de maior projeção na Igreja Episcopal dos Estados Unidos.

O prégador oficial, Revmo. Dr. George Kinsolving, Bispo de Texas, e irmão do consagrando, salientou em sua oração que, embora tivesse sido "o Evangelismo (baixo ritualismo) virginiano que dera o pioneiro Kinsolving para a Igreja Brasileira, contudo, quando soou a hora de ser designado o primeiro bispo dessa Igreja, fòra um "high churchman" (alto ritualista) que se adiantou a lhe apresentar o nome, aliás, aceito, entusiàsticamente, pela Câmara em pêso. Teria, portanto, o novo prelado, o apòio moral e material, de todos os matizes litúrgicos da Igreja."

Além dos atestados e outros documentos usuais de "promessa de conformidade" foi lido, na ocasião, mais um papel, em razão de que, com o decorrer do tempo, quando houvesse três bispos, a Igreja no Brasil se poderia tornar independente da Igreja nos Estados Unidos.

Sem procurar escurecer as dificuldades inerentes ao trabalho religioso na América Latina,

mas, antevendo dias de auspicioso progresso, voltou o novo prelado para a sede de suas atividades episcopais, pleno de fé e de entusiasmo.

Opinião valiosa

A mais que secular revista de Nova York, *The Churchman*, ao dar notícia dessa eleição, assim se refere à personalidade do Rev. Kinsolving:

"É o Bispo-eleito vastamente conhecido em nosso país. Homem de grande fôrça de caráter, juízo bem equilibrado, maravilhoso magnetismo, cavalheiro de fino trato e adaptabilidade, de profunda consagração, possuidor de singulares dons oratórios, prégador emérito."

Não é muito comum lerem-se em jornais religiosos, tantos encômios dirigidos a um ministro, a menos que, de fato, o mereça.

Podemos acrescentar, com referência a êsses dons, que o Revmo. Dr. Kinsolving era tido na conta de um dos "luzeiros", quando se achava presente nas Convenções Gerais da Igreja-mãe. Foi êle, também, distinguuido com o convite de ser o prégador em uma das mais importantes solenidades da afamada Conferência de Lambeth (1910), e que se efetuou na Catedral de São Paulo, o mais suntuoso templo de Londres e do Cristianismo Evangélico mundial.

A atuação do bispo Kinsolving

Do acêrto da escolha do insigne missionário para primeiro diocesano da Igreja Episcopal Brasileira, dizem sobejo, os resultados obtidos durante os quase trinta anos de seu episcopado. À semelhança da homenagem prestada à memória do afamado arquiteto da Catedral de S. Paulo, em Londres, pode-se, também, dizer de nosso inesquecível prelado: "Si monumentum requiris, circumspice —se exigís monumento, olhai em tôrno de vós." Está aí a Igreja Episcopal Brasileira, a fim de atestar da grandeza do profeta, do administrador, do pai em Deus que foi o Revmo. Dr. Lucien Lee Kinsolving.

Os números da estatística, se, por um lado, não logram nos informar da envergadura espiritual dos indivíduos, têm a vantagem de dizer, eloqüentemente, do progresso material das instituições.

Quando sua Exma. Revma. assumiu as rédeas do govêrno da diocese, havia 7 ministros, 15 lugares de prégação, 365 comungantes, 7 Escolas dominicais com 236 alunos. A receita anual era de vinte mil cruzeiros, e o valor das propriedades da Igreja computava-se em 300 mil cruzeiros.

Ao ser aposentado, cêrca de 30 anos mais tarde, regista a estatística os seguintes dados: 32 ministros, 90 lugares de prégação, mais de 3 mil comungantes, 53 Escolas dominicais com 3.300

alunos. A receita dèsse ano foi de 230 mil cruzeiros. O valor das propriedades se havia elevado a 2.800 cruzeiros. É o seu monumento material, além da artística herma mandada levantar em memória sua, no adro, à frente da Igreja do Salvador, na cidade do Rio Grande.

Dos efeitos espirituais de sua atuação episcopal, das almas que conduziu ao sopé da cruz do Salvador, dos corações a que ministrou o bálsamo consolador do Evangelho, dos decaídos que levantou, dos desiludidos, cuja fé fortaleceu, dos amigos e admiradores que adquiriu, só Deus mesmo o sabe. Constitui mistério que ultrapassa as nossas possibilidades!

Que Deus o haja no Reino da Glória!

O SEGUNDO BISPO

A sua escolha

Não admira que tão estenuantes atividades quais as de nossos venerandos prelados, pronto esgotem as suas reservas físicas. Foi o que se deu com o primeiro diocesano desta Igreja, não obstante a disposição robusta de que parecia dotado. Ao sentir estarem, gradativamente, mingoando as fôrças, solicitou o saudoso Bispo Kinsolving, à Câmara dos Bispos, lhe desse um coadjutor.

Atende, sem delongas, a mais alta autoridade executiva eclesiástica o justo pedido e escolhe o missionário, Rev. W. M. M. Thomas, fundador do Colégio Cruzeiro do Sul, em Bispo Sufragâneo da Igreja Episcopal Brasileira.

A sagração episcopal

Basta a recomendação do seu nome, feita. não há duvidar, pelo Revmo. Kinsolving, para que tenhamos a certeza recaiu a escolha em pessoa

na altura de exercer tão árduo quanto dignificante cargo.

Foi o Revmo. Thomas doutorado em divindade por sua alma mater, o Seminário de Virgínia, e a impressiva cerimônia da sagração efetuada na Igreja de São Paulo, na cidade de Baltimore, capital do Estado de Maryland, a 28 de Dezembro de 1925. Além do sagrador, o Revmo. Bispo Talbot, compareceram à solenidade e nela tomaram parte, mòrmente na imposição das mãos, outros sete prelados, inclusive os Bispos Kinsolving e Brown. Ao Revmo. Dr. Brown coube a tarefa de prégador oficial. Havia para cima de sessenta clérigos revestidos com os costumados paramentos na ceremònia pontifical.

Na qualidade de Sufragâneo exerceu o Bispo Thomas funções episcopais até o definitivo afastamento de nosso primeiro Bispo Revmo. Dr. Kinsolving, o que se registou a 6 de Janeiro de 1928, data em que foi aposentado, exatamente 29 anos, em pós a sua investidura na dignidade episcopal.

Progresso real

Em que pesem os obstáculos que o mundo oferece ao desenvolvimento da causa do Evangelho, que, afinal de contas, é a causa da humanidade, apraz-nos assinalar que a Igreja Episcopal Brasileira tem crescido, de dia a dia, desde que foi estabelecida na pátria amada. Èsse cresci-

mento, porém, se há, por diversos motivos, feito mais perceptível nestes últimos três lustros.

Continuador, embora, de trabalho encetado sob promitentes auspícios, existem, no entretanto, vários aspectos característicos da eficiente orientação de nosso segundo prelado.

Confrontando apenas os dados estatísticos, é de justiça salientemos surpreendente há sido o progresso de várias fases e atividades da Igreja.

Passemos, pois, uma vista rápida através dêsses significativos números.

Tínhamos, em 1925, à justa, 25 clérigos, inclusive dois bispos. Em 1946, havia 45 clérigos. Já em 1948, incluindo os três prelados, atingira êsse item a 52. Mais do que dobrou, portanto, êsse número.

Na primeira data acima, registava a estatística 2.929 comungantes. Em 1946, tínhamos 7.178, ou mais de duas e meia vêzes.

Havia, em 1925, 81 pontos de pregação do santo Evangelho. Temos, agora, 157. Dobrou, pois, o número de lugares onde se anuncia, regularmente, a mensagem da salvação.

Os alunos e professôres das Escolas Dominicais, passaram no mesmo decurso de tempo, de 2.637 para 7.166. Quase triplicou.

A receita das paróquias foi em 1925 de Cr$ 191.614,00. A do ano de 1946, elevou-se a Cr. 1.095.346,00, ou, beirando de seis vêzes maior.

O valor das propriedades da Igreja — tem-

plos, casas paroquiais, colégios, etc., que no ano de 1925 atingira a respeitável soma de Cr$ 2.139.678,00, registava em 1946 a empolgante cifra de Cr$ 9.714.758,00.

Se isso não representa progresso, ao menos de natureza material, desconhecemos, então, o sentido dêsse vocábulo. No tangente, porém, a influência de ordem espiritual, é matéria que escapa às nossas possibilidades de observar e comentar. Por sem dúvida, a sua atuação na esfera religiosa e moral, não terá sido menor que no terreno puramente material.

No apagar, pois, das luzes do seu episcopado, deve o nosso segundo bispo, sentir-se mui grato a Deus e a seus colaboradores, nacionais e estrangeiros, pelos magníficos resultados conseguidos neste quarto de século.

Aposentadoria

Ao dar a última demão nestes originais, ouvimos, acaba o Revmo. Bispo Thomas de passar a Autoridade Eclesiástica desta Diocese, às mãos de seu sucessor canônico, o Revmo. Coadjutor, Sr. Bispo, Dr. L. C. Melcher.

Solicitou, outrossim, Sua Revma. aposentadoria, a que, por todos os títulos, lhe assiste, de há muito, pleno direito.

O PRIMEIRO BISPO NACIONAL

A atuação dos missionários

Referiu, certa vez, o Rev. Dr. Roberto Speer, afamado guieiro religioso, profundo conhecedor de todos os campos missionários, que á precípua função das missões é "plantar a Igreja e pòr em movimento determinadas fôrças, nunca, porém, estabelecer-se como instituição de caráter permanente". Iniciar, mas não pretender completar a gigantesca obra da cristianização geral dêste ou daquele país. Isso é tarefa que compete aos nacionais levarem a efeito.

Cumpre seja a atuação do missionário pautada por tão sublimada visão, e que êle, com afinco se esforce para que, aos poucos e o mais breve possível, a sua presença e cooperação se tornem de todo dispensáveis. O missionário é, portanto, simples bandeirante da Igreja de Cristo, à qual, no espírito de seu Mestre, consagra o melhor de sua vida. O "naturalizar o Cristianismo", em cada país, só mesmo o ministro nacional o poderá fazer satisfatòriamente.

O toque da alvorada

Decorrido meio século, com cêrca de uns cincoenta ministros preparados teològicamente em seus seminários, era de esperar se encontrasse a Igreja Episcopal Brasileira na altura de já lhe ser dado apresentar um ou mais candidatos, em condições eficientes de começar a participar da administração geral da diocese.

O auspicioso crescimento anual das grandes paróquias, tôdas elas a cargo de ministros nacionais, sobejo comprovam a capacidade e a consagração do clero brasileiro episcopal, como aliás, já se verificara com o de outras Igrejas irmãs, hoje, inteira, ou quase inteiramente, nas mãos de ministros brasileiros.

Em mais de um concílio foi ventilado o assunto, não sem certo constrangimento, por isso que todo nacional que se levantasse para fazer sentir que era já chegada a hora de se encarar sèriamente o problema, se lhe afigurava estar alguém comentando apresentava-se êle na qualidade de "papável" ao elevado cargo de Bispo. Outro motivo por que certos ministros se abstiam de manifestar opinião a respeito, era por pensar que semelhante discussão, porventura melindrasse nossos amados amigos, os missionários, mòrmente nosso Revmo. prelado. Alguns, por sua vez, argumentavam ser ainda cêdo para nos aventurarmos em matéria de tanta gravidade, antes de

haver um fundo substancioso, que garantisse a manutenção do primeiro bispo nacional.

A hora da decisão

Aproximava-se, porém, a data festiva do ano jubilar, e a ingente necessidade de ter nosso operoso Diocesano um coadjutor a fim de o aliviar algo de certos encargos que sòmente bispos os podem desempenhar. Daí o ter havido por bem nosso Pastor-chefe, pois cumpria dêle partisse a iniciativa, de solicitar da Câmara dos Bispos, nos concedesse a sagração de um bispo sufragâneo brasileiro, visto a Sociedade Missionária da I.E.B. haver assumido a responsabilidade do pagamento integral do ordenado do primeiro bispo nacional. Foi recebida com muita simpatia a sua solicitação.

A eleição

Indicou o nosso diocesano à Câmara dos Bispos para o referido cargo o nome de um dos clerigos nacionais que, no seu entender, melhor satisfaria aos altos interêsses da Igreja.

À vista da recomendação feita, votou a Câmara dos Bispos, a 8 de Novembro de 1939, unânimemente, no nome do Rev. Dr. Attalício Pithan, então pároco da Igreja do Crucificado, de Bagé, e um dos ministros episcopais mais velhos, depois de passada a linha dos valetudinários, que, encon-

trem-se, embora, ainda alguns no serviço ativo da Igreja, já lhe deram tudo, ou, quase tudo, que seus poderes físicos, intelectuais e teológicos lhes facultaram — preparando-a, nesses cincoenta anos, sob o" calor do dia", para as festivas solenidades de seu primeiro jubileu.

Ao notarem que os seus esforços não foram em vão, dão-se, os poucos que ainda restam, da velha guarda, por satisfeitos da parte que lhes tocou, cumprindo-lhes, aplicarem a si mesmos, as palavras do santo Evangelho: "somos servos inúteis, porque fizemos sòmente o que devíamos fazer".

A solenidade da sagração

Dado, por tòdas as dioceses, o consentimento canònico, marcou o Revmo. Thomas, o dia 21 de Abril, aliás o dia que assinalava a chegada a Pòrto Alegre, 50 anos atrás, dos Revs. Morris e Kinsolving, para a sagração de nosso primeiro bispo nacional.

Foi orador ficial da ceremònia, a que compareceram autoridades civís e militares, e representantes de outras Igrejas e instituições, o Revmo. Bispo Dom Efrain Salinas e Velasco, da Igreja Episcopal Mexicana, cuja oração em espanhol, muito impressionou o vultoso auditório, que se premia nas três naves da espaçosa Igreja da Trindade, a paróquia matriz da I.E.B.

Cooperou, também na imposição das mãos o Revmo. Bispo Alexandre Hugo Blankinship, diocesano da Ilha de Cuba, que veiu especialmente a fim de integrar o número de três bispos, necessário, segundo velhas tradições, para validade do ato da sagração episcopal.

Ambos os bispos visitantes deixaram a melhor impressão possível, quer por seus notáveis sermões, quer por suas maneiras lhanas e insinuantes.

Faltaram à solenidade da sagração apenas quatro ministros, por motivos vários, de forma que deve ter sido, em verdade, impressionante a marcha processional dos bispos, depois o clero, tendo à frente, o còro da paróquia, com a respectiva indumentária.

Afinal !

Havendo, pois, alcançado a realização que, de há tanto tempo, com veemência o desejávamos, incumbe à Igreja tòda — clerigos e leigos — fazer a parte que lhes compete, a fim de que, ao festejar o centenário de sua fundação em nosso país, tenha a Igreja crescido, no mínimo, outro tanto, guardando com firmeza e fidelidade o "depósito" tradicional, evangélico, que os venerandos homens de Deus, Morris, Kinsolving, Brown e Meem nos legaram.

Esperanças

Sôbre as esperanças de que se acha tomada a Igreja Episcopal Brasileira, com respeito à atuação de seu Bispo sufragâneo, Dom Athalício Pithan, trasladamos com prazer, o que sôbre o novel prelado publicou, em seu número de 15 de Maio de 1940, o Estandarte Cristão:

"Elevado, recentemente, ao episcopado, Sua Revma. enfeixa, nesta hora, grande parte das mais belas esperanças da Igreja Nacional.

Espírito dinâmico e culto, alma de escól, os anos fecundos do seu presbiterado, como educador e como sacerdote, são garantias de um futuro de trabalho intenso a favor da Igreja amada.

Filho de nossa terra, êle sente todos os nossos problemas, os nossos anseios e os nossos ideais.

A Igreja acompanha de joelhos as pisadas do varão insigne, pedindo que Deus lhe aponte os passos, e que as bençãos do seu episcopado, sejam bençãos sôbre a Igreja do Brasil."

Atividades

Decorridos nove anos, após escrito o capítulo acima cumpre-nos registar se têm cingido as atividades de nosso Sufragâneo, especialmente, a visitações episcopais, com a administração do rito apostólico da Confirmação, nos dois Estados sulinos; a superintendência dos colégios da Diocese

e a direção geral do Departamento de publicidade — O Estandarte Cristão e a Imprensa Episcopal.

Em outras esferas de atividade, tem, muitas vèzes, sido auscultada a sua opinião, e solicitado o seu prestadio auxílio.

Distinção

Não faz muito, foi Sua Exma. Revma. unânimemente eleito para membro da Academia Sul-Riograndense de Letras, distinção essa que, de sobejo, corresponde à sua vultosa e impressiva bagagem literária.

Afora trabalhos anteriores, desde que foi eleito ao episcopado, escreveu Dom Athalício Pithan, diversas obras e ficções em prosa e verso, sendo que uma delas — O Divino Mestre — publicada pela Globo Editora, teve muito boa aceitação da parte de nosso público ledor.

O QUARTO BISPO

A Igreja cresce

Visto o contínuo desenvolvimento da Igreja Episcopal Brasileira, tanto no Rio Grande do Sul, como na Capital da República, e nos Estados de São Paulo, Paraná e Santa Catarina, fazia-se, urgentemente, necessária a atuação de mais um dignitário eclesiástico.

Temos já, cumpre não esquecer, dois bispos com residência na capital do Estado sulino, mas a expansão das atividades diocesanas atingiu tal impulso, que o próprio Estado terá, muito breve, de ser dividido em duas circunscrições eclesiásticas. Existem, com efeito, diversos planos nesse sentido.

A eleição do quarto Bispo

Reconhecendo a realidade e premência de tais circunstâncias, acrescidas do fato de, após quarenta e quatro anos de ininterruptas atividades missionárias, sendo vinte e três de episcopado, já se achar o nosso venerando antístite com as fôrças físicas um tanto desgastadas, foi que a Câmara

dos Bispos houve por bem determinar a escolha e sagração de um prelado auxiliar. Tomaria êle, sôbre si, a responsabilidade de mais intenso desenvolvimento na zona, que tem por sede a Metrópole do país.

Unânimemente eleito em Bispo-coadjutor pela respectiva Câmara, aceitou o honroso encargo o Rev. Luís Chester Melcher, B. D., pároco de uma das maiores e mais florescentes congregações da Igreja-mãe, a histórica paróquia da Trindade, em Columbia, Carolina do Sul. Eleva-se a mil e quinhentos o número de comungantes dessa Igreja, cujos ofícios divinos dominicais registam a animadora presença de dois milhares de ouvintes. Beira de oitocentos mil cruzeiros a receita anual dessa próspera paróquia.

Homem de visão

Trocar ministério tão brilhante pela tarefa de Bispo-coadjutor (embora com o direito de sucessão) de um Distrito Missionário, sôbre os precalços da falta de conhecimento da língua e dos costumes de seus futuros diocesanos, sòmente um clérigo, dotado de fé, coragem e visão, seria capaz de assim proceder. Espírito de visão, em absoluto, não lhe falta. É de notar como já está o Revmo. Melcher apelando por franca e eficiente colaboração da parte, tanto do clero como dos eclesianos em geral.

O 50.º Concílio, levado a efeito na cidade de

Pelotas, apresentou a Sua Revma. as mais efusivas boas-vindas.

Outro tanto fizeram diversas paróquias, em reuniões especiais.

Rumo "avante", é a palavra de ordem do novo prelado, que acaba de completar meio século de existência.

Do que temos lido, visto e ouvido, antoja-nos ser o Revmo. Dr. Melcher, exatamente o homem, de que a Igreja Episcopal no Brasil havia mister, nesta encruzilhada de sua vida de sessenta anos de estrênuos labores.

A sua sagração

Efetuou-se a 5 de Fevereiro de 1948, no amplo recinto da Igreja da Trindade, da qual fôra pároco durante 17 anos, o ceremonial da sagração, que foi irradiado.

O templo transbordou de paroquianos e amigos.

Presidiu o longo e impressivo ritual, o mui Revmo. Bispo-presidente, Dom Henrique K. Sherril, assistido pelos Revmos. prelados, Srs. Bispos Gravatt, Dandridge, Carrutters, Jackson e Keeler. Esteve o sermão oficial a cargo do Revmo. Dr. M. S. Barnwelle, prelado da diocese de Minesota.

O primeiro ato oficial de Dom Luís Melcher foi administrar o rito apostólico da Confirmação à última classe de confirmandos, preparados ainda sob o seu pastorado.

Rumo ao Brasil

A 27 de Fevereiro parte Sua Revma. de Nova York, a bordo do "Argentina", e aquí aportou aos 9 de Março, tendo levado justamente um terço do tempo gasto pelos dois primeiros missionários, faz 60 anos.

Está o recem-chegado antiste procurando aprender o nosso belo, mas difícil, idioma, e já pronuncia a Benção apostólica com clara dicção na língua de Camões. Só após conseguido apartamento, que serve de gabinete episcopal e de residência, mandou Sua Revma. buscar a família — Sua Exma. espòsa, D. Maria Cury Melcher, e os três filhos — um jovem (futuro ministro), uma moça e uma pequena menina.

Outras notas

Antes de eleito pároco da Igreja da Trindade, sua última paróquia, havia já o novo prelado, servido de deão da Catedral de Ancon, na Zona do Canal de Panamá, bem como de reitor em duas outras paróquias.

Ordenado ao Diaconato, em 1925, obteve o grau de Bacharel em Divindade, pelo Seminário Teológico da Universidade do Sul, em Sewanee, Tennessee, instituição que lhe conferiu, honoris causa, o título de Doutor em Divindade.

NOTAS ADICIONAIS

Novo Bispo nacional

Solicitou o presidente do Conselho Nacional da I.M. ao nosso Diocesano, fôsse auscultado o desejo da Igreja no Brasil, quanto a sua preferência, no que respeita a futuros candidatos ao episcopado nacional.

Levado o momentoso assunto perante o 51.º Concílio, efetuado no mês de Fevereiro do corrente ano, na cidade do Rio Grande, R.G. do S., foram sufragados por 53 eleitores, na maioria clérigos, 17 nomes de presbíteros, sendo os mais votados os Revs. Egmont Machado Krischke, com 48 votos e Plínio L. Simões, com 27 votos. Os restantes lograram 13 votos para baixo.

Foi altamente expressiva a atitude dos conciliares.

Bispos Sufragâneos

No tocante às atribuições e atividades dos Bispos Sufragâneos, dado ser cargo ainda pouco co-

nhecido dos eclesianos em geral, afigura-se-nos de bom aviso alguns esclarecimentos.

Rezam os Cânones que o Bsipo Sufragâneo agirá, em todos os respeitos, na qualidade de Auxiliar do Bispo Diocesano, ou do Distrito Missionário, e sob a sua direção.

Pode qualquer Sufragâneo ser eleito em Bispo, ou Coadjutor, de uma Diocese, ou Distrito Missionário.

Sem que se tenha de proceder a nova sagração, faz-se, porém, mister o consentimento da Convenção Geral, ou da Câmara dos Bispos, e da maioria das Comissões Permanentes das Dioceses, antes que o Sufragâneo tome posse oficial, na qualidade de Diocesano, do govêrno de qualquer Diocese.

Divisão da Diocese

Existem, no presente, dois planos rumo à divisão geográfica e administrativa da Igreja Episcopal, em nosso país. Cogita um dêsses projetos no estabelecimento de três distritos independentes — o do Centro, que inclui os Estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná, e dois no Estado do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, sendo que um dêles teria Pòrto Alegre, metrópole do Rio

Grande do Sul, como sede de suas atividades; no outro ficaria a jurisdição eclesiástica sediada na florescente cidade de Santa Maria da Boca do Monte, ou em Pelotas, ou em Bagé.

De acôrdo com outro plano, ficaríamos, pelo presente, restritos a apenas duas dioceses, ou distritos, o do Centro e o do Sul, que incluiria todo o Estado do Rio Grande e o de Santa Catarina.

Parece, pendem as simpatias mais em favor de três que de duas dioceses.

Cabe, naturalmente, à Câmara dos Bispos, após ouvidos os diversos argumentos, dar a última palavra, sôbre a matéria vigente.

DESDOBRAMENTO DA IGREJA

Organização de núcleos

Tivesse, embora, por escôpo estabelecer a Igreja de norte a sul do Brasil, foi a primeira determinação dos bandeirantes episcopais de começar pelo Estado do Rio Grande do Sul, já à vista da correspondência trocada com missionários presbiterianos, sediados em S. Paulo, que lhes acenavam o Estado sulino como "um campo aberto", já por ser esta uma das unidades mais expressivas da nação brasileira.

Vimos, também, que a política de nossos fundadores fôra de estabeleçer trabalho nos centros mais populosos, onde houvesse maior probabilidade da organizaação de núcleos fortes, que serviriam, no futuro, de centros irradiadores. Seguindo essa orientação foram ocupadas as cidades de Pôrto Alegre, Rio Grande e Pelotas, com missões, respectivamente em Rio dos Sinos, Viamão, S. José do Norte e Areal. São Leopoldo começou de ser visitada, mensalmente, pelo catequista Cabral, que,

a princípio, prégava nos templos luteranos, gentilmente cedidos pelos pastores em cargo.

As "Missões"

Nos primeiros anos do estabelecimento da Igreja, era praxe levarem-se a efeito, de tempos a tempos, nas três metrópoles do Estado, séries, aliás, muito bem sucedidas, de cultos especiais, apropriadamente designados "Missões", em nossos Anais. Duravam de oito a dez dias. Fazer ou prégar missão é linguagem clássica de nosso idioma e tradicional prática religiosa em nosso país.

Colimavam estas missões atrair pessoas estranhas à Igreja, e, de fato, o conseguiam em grande número. Dava o venerando missionário, Rev. Morris, muito valor a essa classe de propaganda. Seguido encontramos o seu nome ligado a tais atividades. Quem, no entretanto, lhes imprimiu brilho invulgar foi o jovem prégador, Rev. A. V. Cabral, o Crisóstomo rio-grandense, em quem o porte, a idade, a cultura da língua e da Bíblia, e, acima de tudo, o ardor da fé e os surtos da eloquência — tudo, conspirava para fazer dêle instrumento nas mãos de Deus a fim de atrair multidões às nossas modestas Casas de Oração, naquelas prístinas eras, simples salas alugadas.

Não nos podemos furtar ao ensejo de respigar alguns dos mais entusiásticos parágrafos de uma correspondência do então pároco do Rio Grande,

Rev. Kinsolving, para o "Brazil Leaflet", ao descrevr certa missão, na Capela do Salvador.

"A assistència cresce todos os dias. Os esforços do Cabral honrariam qualquer púlpito. Como tem èle progredido em poder e eficiência. O prégador toca os corações pela fôrça da verdade. As suas mensagens partem da bigorna da alma, e Deus está, diàriamente, dando provas de Sua benção.

No culto de domingo de tarde, prégando à colònia inglèsa, terminou o joven ministro, concitando a seus ouvites se esforçassem por ser dignos das cinzas de seus antepassados, que dormiam nos virentes cemitérios de sua pátria nativa.

À noite, era de ver a onda humana, que se premia nos não acanhados limites da Capela do Salvador, não obstante a coincidència da visita do prelado católico romano. O eloqüente prégador achava-se alí em nome e por ordem de seu Mestre. Era um novo "Athanasius contra mundum".

Não procurou o orador armar ao efeito. Prégou o Evangelho simples, glorioso. Ao atingir o climax de sua mensagem — o poder da retidão, empolgou o auditório todo, e, ao terminar um de seus arrebatadores períodos, ouviu-se um "muito bem", como que representando o sentir de todos os presentes.

É de ver o entusiasmo por que o Cabral se refere ao futuro da Igreja neste país.

Foram dias de avivamento religioso na cidade do Rio Grande. A imprensa dava diàriamente resumo dos sermões do Rev. Cabral."

Novos pontos ocupados

Com a fusão, em 1898, das duas paróquias pòrto-alegrenses em uma só, com o nome de Trindade, já sediada em espaçoso e apropriado local, à Rua dos Andradas, sob a reitoria do Rev. A. V. Cabral, ficaram disponíveis dois ministros. Um dêles, o Rev. Vicente Brande, foi mandado abrir trabalho em Jaguarão, e o Rev. Morris tornou-se pioneiro no interior do Éstado, com séde e m Santa Maria da Boca do Monte.

Com a ordenação de mais três diáconos em 1903, estabcleceu-se trabalho religioso em Florída, município de Cangussú, Bagé e S. Leopoldo.

Achando-se, desde essa data, em pleno funcionamento o Seminário na cidade do Rio Grande, crescia a olhos vistos o número de clérigos.

Em 1910 tinha o Revmo. prelado 20 ministros sob sua jurisdição. Não admira, pois, encontrarmos nas crònicas da Igreja a fundação, nesse tempo, de novas paróquias em S. Gabriel, Montenegro, D. Pedrito, Livramento e S.o Francisco de Paula, além de missões menores em conexão com essas paróquias.

Esteve durante vários anos o trabalho em S. Francisco de Paula, sob os cuidados pastorais

do Venerável Arcedíago Cabral, tendo por auxiliar residente na vila o catequista Sr. Pedro D. Barcelos.

A atuação do Rev. Marçal dos Reis, durante o seu curto reitorado foi muito apreciada, até por elementos alheios à Igreja.

Rosário, Boa Vista do Erichim, Ivo Ribeiro, Cacequí e Caçapava, Pinheiro Machado foram outras cidades e vilas ocupadas neste Estado pela Igreja Episcopal.

Em Pòrto Alegre estabelecem-se as paróquias da Ascensão (1916), ligada ao Colégio Cruzeiro do Sul, no arrabalde de Teresópolis, e a do Redentor (1921), no bairro sem igrejas, chamado Cidade Baixa.

Em 1906 passou a séde de trabalho em Florída para S. Helena, que ficou com missões em Florída, Cangussy e S. Antònio, sob a direção do Diácono perpétuo Rev. Henrique Zschornack.

Na colònia Ramos funda-se em 1916 a paróquia da Páscoa, atendida pelo pároco de Pelotas.

O núcleo no Passo do Rio Caí organiza-se em paróquia (1927), sob a invocação de S. João Evangelista, aos cuidados pastorais do pároco de Santa Rita.

A Missão Nordeste, fundada pelo venerável Arcediago Cabral em 1909, tendo por séde a paróquia da Graça em Viamão, serve a quatro municípios, Viamão, Santo Antònio da Patrulha, S. Francisco de Paula, Tòrres e Praia Grande, em

S. Catarina. O pároco é coadjuvado por três catequistas.

Na Capital da República

Em seu relatório, apresentado ao Concílio de 1908, declara o Bispo Kinsolving que "um terceiro desejo seu consumado é o de haver a Igreja desdobrado a sua bandeira na Capital da República".

Coube ao missionário, Rev. Dr. W. C. Brown, a insigne honra dêsse importante sucesso. Consultar o capítulo — As Grandes Paróquias.

Um ano após (1909), funda-se no subúrbio do Meier, hoje, verdadeira "urbs", a missão da Trindade, que teve por primeiro pároco, o Rev. Carlos Sergel. Durante a curta "incumbência" do Rev. Miguel B. da Cunha, adquire a congregação, em 1913, um amplo terreno, que se estende de rua a rua, no qual foi levantado o Templo e o Salão Paroquial, quando ali exercia seu ministério o Rev. Nemésio de Almeida.

Diversos clérigos têm servido de guieiros espirituais nessa promissiva comunidade, porém, o que aí se demorou mais tempo, (cêrca de quinze anos), foi o Rev. Euclydes Deslandes, agora, encarregado da Missão na Ilha do Bom Jesus, serviço êsse ao qual consagra especial carinho.

O trabalho religioso no Môrro de Santa Teresa, a atual paróquia de São Paulo, desdobrou-se da modesta Missão, fundada em 1917, pelo Rev. Dr. Meem, na Assistência de Santa Teresa, a convite

do filantropo, Dr. Francisco de Castro, seu principal mantenedor. Após o falecimento do Dr. Castro, passou a Capela a funcionar em sala alugada, até que se construiu o belíssimo templo, de puras linhas eclesiásticas. Pena não se achar ainda terminado por dentro, nem ter sido possível seguir a planta original, no que respeita ao frontispício e torre, tenha, embora, custado mais de trezentos mil cruzeiros.

Faz alguns anos, acha-se dirigindo a paróquia o Rev. Rodolfo Rasmussen, que acaba de inaugurar, em dependências, aos fundos do edifício, um Ambulatório, cuja clientela cresce de dia a dia, ocupando tôda a manhã do esforçado ministro.

Na Missão da Transfiguração, na Ilha do Bom Jesus, próprio nacional, com Asilo para os Inválidos da Pátria e suas famílias, temos, desde 1916, florescente trabalho de evangelização, e, em terreno cedido pelo govêrno, uma bem aparelhada capelinha, onde se efetuam ofícios divinos regulares, todos os Domingos, de manhã, ou, à tarde.

A Missão do Bom Pastor, ao sopé do Môrro de São Carlos, fundada em 1923, possui viva Escola Dominical e cultos regulares. Acha-se aos cuidados pastorais da paróquia do Redentor .

No Lar Cristão Matilde de Oliveira, no subúrbio de Jacarépaguá, efetuam-se ofícios religiosos todos os Domingos, à tarde, dirigidos, ora por ministros, ora por leigos consagrados.

Acha-se a Missão de São Lucas, no bairro de Copacabana, provisòriamente (desde 1933), sediada no belo e bem mobiliado templo da "Union Church" cujas solenidades são efetuadas em língua inglêsa, para estrangeiros. Foi seu fundador o Rev. Franklin T. Osborn, B.A.T. desde então, pároco efetivo.

Pena é, não tenhamos nesse aristocrático bairro, com possibilidades especiais de desdobramento, prédio a nosso dispòr, quer no que respeita a dias e horas mais convenientes à realização de nossas cerimônias, quer no que se refere à estabilização de uma paróquia em tão importante lugar.

Em Niteroi

Na Capital do Estado do Rio de Janeiro, do outro lado da Baía do Guanabara, há vários eclesianos, alí residentes.

Posto à nossa disposição o templo da Igreja Anglicana, são efetuados ofícios divinos, quinzenalmente, nesse lugar, dirigidos pelo Rev. Deslandes.

Em Santa Catarina

Atingiram os arautos da Igreja Episcopal o Estado de Santa Catarina, por dois pontos distintos e afastados um do outro — Praia Grande, não longe do litoral, e Rio do Peixe, bem no interior.

Originou o último. em 1917, valente grupo de eclesianos de origem teutònica, outrora moradores na Colònia de Santa Helena (Pelotas), tendo à frente seu velho guieiro espiriutal, o Rev. Henrique Zschornack.

Alegando escassez de terras (Lebensraum) para as suas numerosas famílias, não raro de quinze e mais filhos, e, aproveitando os preços baixos das colònias, na então mui perigosa zona do "Contestado", à margem direita do caudaloso Rio Uruguai, para ali se transportaram, "com armas e bagagens", todos os elementos de origem germânica, filiados à comunidade episcopal de Santa Helena.

Foram, não há negar, bem sucedidos em seu novo habitat. Muitos dêsses colonos, anos após, fizeram nova imigração, para o noroeste do Paraná, constituindo-se em vanguardeiros da abertura de novos pontos de prégação do Evangelho.

Capela de Agnus Dei

Sob a invocação de Agnus Dei (Cordeiro de Deus), nome dado à modesta Capela, que tem ser-

vido de séde ao trabalho episcopal, nessa recôndita região, continuou o Rev. Zschornak a pastorear o seu antigo rebanho, e a se pôr em dia com os instáveis acontecimentos do mundo, através da leitura de revistas de sua pátria. Foi aposentado, em 1928, com mais de oitenta anos de idade, e faleceu aos noventa e tantos anos.

Ficou a paróquia, bastante tempo a cargo do Rev. Alberto Blank, pároco da Igreja de Cristo, em José Bonifácio, R. G. do Sul. Dêsse último lu gar, atendia, também, o Rev. Blank, os interêsses espirituais e materiais dos índios do Toldo Ventara, que nele depositavam singular confiança.

Desde 1938, assumiu o encargo de dirigir a paróquia de Agnus Dei e as suas espalhadas missões — Rancho Grande, Anta Gorda e Taquaral — o Rev. Francisco Jassnicker.

Praia Grande

A missão em Praia Grande, município de Araranguá, constitui desdobramento da vasta Missão Nordeste, que se estende desde Viamão, pelos municípios de Santó Antônio, Osório e Tòrres, até o Estado de Santa Catarina. Foi fundada, em 1923, pelo Venerável Arcedíago Cabral, com a eficiente cooperação do dianteiro, Cap. Francisco Batista dos Santos, que já o havia auxiliado em outras zonas. Acha-se aos cuidados pastorais do pároco de Viamão, Rev. Dr. Gamaliel Cabral, que tem por auxiliar o catequista Sr. Oliveiros Muniz dos

Reis, residente em Praia Grande, onde se acha sediada a Capela da Páscoa.

Estado de São Paulo

Foi na cidade de Santos, o maior pôrto cafeeiro do mundo, que o falecido Rev. J. Orton, por muitos anos ministro presbiteriano, mas de troncos anglicanos, após ordenado segundo o histórico rito episcopal, estabeleceu, em 1921, a primeira missão da Igreja Episcopal Brasileira, no Estado Bandeirante, onde 32 anos antes, haviam aportado os Revs. Morris e Kinsolving. A Igreja Anglicana trabalha alí, faz muitos decênios, mas se limita, exclusivamente, a proporcionar assistência espiritual a elementos da colônia britânica. Além do pequeno núcleo na cidade, estabeleceu o Rev. Orton diversas missões no litoral e na serra. Merece notada a facilidade com que o ministro conseguia terreno, em diversos lugares para serem neles construidos, futuramente, igrejas e capelas.

Decorridos doze anos, passou o trabalho episcopal nessa zona a ser desdobrado em Missão Serrana Santista, aos cuidados pastorais do Rev. Orton, e Missão Litorânea Santista, tendo por sede a Capela de São Marcos, na cidade, e, como pároco o Rev. Clodoaldo C. Ramos.

Em 1935 é o Rev. João Timóteo da Silva nomeado pároco da Igreja de S. Marcos, e missões anexas, posição que ocupa até o presente.

São Paulo

Em 1924, ano no qual se registou a revolução chefiada pelo Generl Isidoro, na capital paulista, foi desiguado o autor dêste livro, para dar aí início a uma missão da Igreja Episcopal Brasileira, seguindo os moldes tão bem sucedidos no Estado do Rio Grande do Sul.

Depois de vários meses de estudar a topografia da Capital, bem como a posição dos outros núcleos evangélicos, decidiu o Rev. Krischke alugar um esplêndido salão, à Rua Marquês de Itú, acessível por dezenove linhas de bondes elétricos. Era um ponto estratégico. O movimento armado, acima referido, atrazou em vários meses a abertura definitiva da missão, mas proporcionou oportunidade de mobilarmos eclesiàsticamente a modesta capelinha, que recebeu o nome de Capela do Salvador.

No dia da inauguração achavam-se presentes diversos ministros de nossa e de Igrejas irmãs.

Com a colaboração de eclesianos do Sul, e a boa-vontade de irmãos de outras Igrejas, tivemos, desde o início, animadoras assistências em nossos cultos de pessoas gradas.

Decorridos apenas três meses após a abertura do trabalho na capital paulista é o pároco convidado a voltar para a sua velha paróquia, em Pòrto Alegre. Teve por substituto o Rev. Salomão Ferraz, idealizador do belíssimo templo de S. Paulo,

em S. Teresa, Capital Federal. Durante o seu reitorado de dez anos mudou-se a Capela para dois outros pontos diferentes.

Surgindo uma série de dificuldades, foi o trabalho episcopal, provisòriamente, fechado, para ser reaberto, em 1936, pelo Rev. João Timóteo da Silva, pároco em Santos, no bairro das Perdizes, com a colaboração do casal Primavera, consagrados eclesianos do Rio Grande do Sul.

Três anos mais tarde, passa a dirigir a missão o veterano Rev. Carlos Sergel, que conseguiu amplo salão, no bairro de Barra Funda. Eclesiàsticamente mobilado, desenvolveu-se com rapidez a missão da Trindade, chegando a hospedar, em 1941, o 43.º Concílio anual, o segundo, até agora, efetuado fora do Rio Grande do Sul.

Ligadas à paróquia da Trindade estão as missões de Mauá, Ribeirão Pires e Santo André.

Desde 1944, encontra-se a congregação da Trindade, aos desvelos pastorais do Rev. Gaudêncio Vergara dos Santos, sob cuja orientação está em perceptível desenvolvimento. Vendido o prédio acima referido, conseguiu o Revmo. Bispo Thomas vultosa verba para aquisiçao, no bairro das Perdizes, de amplo terreno com dois bons prédios no centro. Nos baixos de um dêles foi, provisòriamente, instalada a Capela, e a parte superior transformada em residência pastoral. É seu coadjutor o Rev. Agostinho Sória.

A MISSÃO JAPONESA

Pródromos

Dada a exiguidade de terras nas superpovoadas ilhas nipônicas, não admira tenha o govêrno japonês se esforçado por colocar o seu excesso de população em outros países, qual o fizeram, no passado, diversas nações européias.

Desde que não procurem formar os abomináveis "quistos", de que já tivemos desagradáveis experiências, em alguns estados, mas se empenhem por, tão ligeiro quanto possível, identificar-se com a sua nova esfera de vida — não haverá inconvenientes com a introdução limitada de elementos estrangeiros aproveitáveis, neste grande e ubérrimo país.

Fazemos votos seja colimando êsse alvo, que, para o Brasil, se transportaram neste último quarto de século, mais de duzentos mil nipônicos, os quais se estabeleceram, principalmente , no Estado de São Paulo, onde têm sido muito bem sucedidos

em diversas fases de atividades, mòrmente na agricultura.

Efeitos de um temporal

Poucos anos antes da vinda das primeiras levas de imigrantes orientais, achava-se um jovem nipônico no exercício de um curso de navegação comercial. Foi, certo dia, o navio, no qual praticava, surpreendido por apavorante tempestade. Reconhecendo a iminência do perigo que corriam, determina o futuro navegador dirigir-se, em hora tão angustiosa, "ao Deus deconhecido", solicitando o Seu auxílio salvador, e prometendo, caso fôsse favoràvelmente atendido, de procurar conhecê-lo e sinceramente serví-lo, o resto de sua vida. Naufragou o navio, todos pereceram afogados, menos o capitão e o jovem místico.

Fiel ao que prometera, pôs-se o Sr. Ito (assim se chamava), imediatamente, em busca da divindade, a quem devia a sua salvação. Foram-lhe os passos, providencialmente guiados a uma das muitas escolas que a Igreja Episcopal abrira no Japão, em caráter de propaganda religiosa e de serviço intelectual àquele povo. Teve, nesse templo de ensino, oportunidade de se pòr em contato e comunhão espiritual com aquêle Deus desconhecido até a hora da tempestade. Abandonando os planos anteriores, resolve consagrar-se, corpo e alma, ao serviço de Deus.

Entra para o Seminário teológico, e, uma vez terminado o respectivo curso, oferece-se a vir trabalhar no longínquo Brasil, e anunciar a seus patrícios o Evangelho do amor e da graça de Deus.

Que maravilhosa oportunidade para iluminar as trevas espirituais daqueles que haviam deixado na pátria distante, não apenas interèsses materiais, mas também, as suas tradições religiosas — aquèles milhares de deuses que "nada sabem, nem entendem". Estava-lhes vasio o coração, e o jovem profeta de Deus possuia justamente aquilo de que tanto haviam mister — o Pão e a Água da Vida.

Em plena atividade

Aporta à cidade de Santos, em 1923, o já, então, Candidato às Sagradas Ordens, Sr. João Yasogi Ito, trazendo credenciais do Revmo. Bispo de Tókio. Em Outubro dèsse mesmo ano, avista-se o Sr. Ito, na capital paulista, com o Revmo. Bispo Kinsolving, e o apresenta a diversos patrícios seus, filiados à Igreja Episcopal no Japão. Daí a pouco trecho é nomeado Catequista, a fim de trabalhar entre os da sua raça. Tudo, naturalmente, a princípio, na lingua oriental.

Em Novembro de 1923, regista o livreto "Brazil", "efetua-se o primeiro ofício divino para japoneses, na Igreja Anglicana de São Paulo. Foram catequizados pelo Sr. Ito, e batizados pelo pároco anglicano."

Em Janeiro do seguinte ano, nas mesmas condições acima, administra-se o batismo a outras pessoas. No mês de Abril, aproveita o Revmo. Kinsolving a sua visita a S. Paulo para administrar o rito da Imposição das mãos a diversos candidatos que o catequista havia preparado. Foram as primícias dos seus esforços de evangelização.

Desdobramento

Dotado de inusitada energia, em que pese o seu aparente misticismo, estabeleceu, nestes 25 anos, o já, agora, Venerável Arcedíago Ito, diversas paróquias, missões e colégios. Algumas dessas paróquias têm logrado florescente surto, como a paróquia de S. João, na capital paulista, que conta duzentos comungantes e propriedades no valor de 400 mil cruzeiros. A de S. Mateus, em Bilac, com 150 membros e propriedades avaliadas em 200 mil cruzeiros. As paróquias de Todos os Santos, em Manga Larga e Ascensão, em Guaimbé, com animador número de eclesianos e valiosas propriedades. Além dessas paróquias existem diversas missões nos Estados de S. Paulo e Paraná.

Requer cêrca de um mês aos nossos Revmos. prelados a visitação oficial do campo evangelístico do Venerável Ito. Não se encontra, naturalmente, só, o Sr. Arcedíago. Como resultado de seu dinamismo e personalidade, conseguiu o Rev. Ito se consagrassem ao Sagrado Ministério diver-

sos patrícios seus, que estão seguindo a esteira de seu guieiro espiritual. Os mais jovens cursaram o programa ginasial do Colégio Cruzeiro do Sul, em Pôrto Alegre, passando em seguida para o Seminário teológico. Marcou época a sua aplicação aos estudos.

Shimanuki, Yuba, Kaneko e Kainuma são nomes lugares comuns aos episcopalianos da capital gaúcha, e têm sido colaboradores de muita eficiência. Dois ministros de mais idade são os Revs. Isso e Ono.

Atingem o número de treze as paróquias e missões sob a jurisdição do Venerável Arcedíago Ito, com mais de mil eclesianos e aderentes, que contribuem, anualmente, para cima de cem mil cruzeiros.

O periódico da missão entre os nipônicos é "O Missionário", jornal de quatro páginas, sendo três no idioma japonês e uma na língua do país. Fazemos votos seja breve, todo êle, publicado em português. Conta já dez anos de existência.

AS GRANDES PARÓQUIAS

Paróquias há que nunca apresentaram a menor probabilidade de, um dia, virem tornar-se grandes e independentes. Outras, porém, manifestaram, desde o início, sinais irrefutáveis, de que, no decorrer dos anos, passariam a ser fatores de alta relevância no desdobramento das atividades da Igreja.

Não há negar, têm muitas das pequenas paróquias, enviado elementos de alto valor espiritual, para reforçar as grandes comunidades. Merecem, portanto, a nossa apreciação e respeito. Oxalá continuem, sempre, zelando pelo precioso "depósito", que lhes foi confiado.

Ainda que não sejam em avultado número as chamadas "grandes paróquias", constituem, no entretanto, o que poderíamos denominar a coluna vertebral de nossa mada Igreja.

A paróquia da Trindade

Encarada em conjunto, acha-se, qual era de esperar, a paróquia da Trindade, de Pôrto Alegre,

em primeiro lugar. É a paróquia mãe da Igreja Episcopal Brasileira. Fundada em 1890, achava-se localizada em zona pouco satisfatória, até que, em 1898, passou a fundir-se com a paróquia do Bom Pastor, no centro da metrópole sulina sob a invocação de Igreja da Trindade.

Decorridos apenas dois anos, é lançada a pedra fundamental do imponente templo, de dimensões catedráticas, sito à Rua dos Andradas. Passou já o interior do edifício sagrado por diversas reformas e pinturas. Cumpre salientar-se a colocação de artísticos vitrais, a compra de um moderno órgão, a completa reforma do Santuário e seus móveis, o revestimento do assoalho com parquetes de cortiça, oferta dos fabricantes, a construção de um artístico "còro", sobranceiro à porta da entrada, a organização de um grupo de cantores, com indumentária coral, sob a batuta de competente mestre de capela.

Estão as propriedades — o templo e o edifício paroquial, respectivamente, avaliadas, em um milhão e em meio milhão de cruzeiros.

Foi o Edifício Paroquial, à Rua General João Manuel, n. 340, inaugurado em 1930, construido com a generosa oferta de Cr$ 120.000,00, resultante da venda de parte das joias de rica eclesiana da paróquia da Graça, de Nova York, cujo pároco simpatizou com o apêlo que fizemos naquela ocasião. A paróquia da Trindade levantou Cr$ 40.000,00, para o mesmo fim. O salão nobre

comporta 200 pessôas e está mobilado de confortáveis cadeiras de imbuia.

São os dois primeiros pisos ocupados com atividades paroquiais; o terceiro pela espaçosa residência do reitor.

Salienta-se a Igreja da Trindade dos outros templos episcopais, pela prática, nas cerimònias litúrgicas, de característicos de alto-ritualismo.

O número de comungantes eleva-se a 500 eclesianos, e a receita anual atinge a 80 mil cruzeiros. São, ainda, de notar as vultosas assistências aos ofícios divinos dominicais. Urge se mencione, também, a eficiente cooperação dos leigos — homens e senhoras — mórmente no que respeita às finanças.

Serviram de párocos e guias espirituais, nestes sessenta anos, os Revs. Morris, Brande, Cabral (20 anos), Krischke (18 anos), Appel (desde 1936).

A paróquia do Crucificado

Vem logo, em segundo lugar, nos quer parecer, a paróquia do Crucifiado, em Bagé, estabelecida em 1903, pelo Rev. Antònio J. L. Guimarães.

Desde o ofício divino inaugural, em que se achavam presentes 700 pessoas, notou-se que o trabalho religioso nessa cidade fronteiriça, prognosticava auspicioso aspecto. Eram de ouvir os animadores relatórios apresentados, nos concílios anuais, pelo primeiro pároco, que dedicou tòda a

sua carreira ministerial de 27 anos à florescente cidade da fronteira.

O templo, em que pese muito bem localizado, jamais correspondeu ao tamanho e ao valor da paróquia. De há muito se fala em substituí-lo por um edifício à altura do progresso material e espiritual da comunidade. Se não nos trai a memória não excedeu o custo da construção a trinta mil cruzeiros, levantados dentro da própria congregação.

Ao fim de 10 anos superava já o número de comungantes ao de tòdas as outras paróquias, excetuada sómente a da Trindade. O salão paroquial, aos fundos, não corresponde, também, às necessidades sociais da congregação.

Um dos grandes distintivos dessa paróquia foi sempre a vultosa assistência aos ofícios divinos, em qualquer dia da semana. Desde o início, foram já batizadas cêrca de cinco mil crianças. O número de comungantes excede de 800 (o maior de todos), ou dois têrços dos candidatos apresentados à Confirmação, nestes 45 anos.

É, outrossim, a paróquia que exibe a mais intensa atividade de assistência social, o que lhe tem grangeado muito simpatia de elementos alheios à Igreja. Dentre êsses sobressaiem os seguintes: o Lar Cristão São Paulo, o Albergue Noturno, o Roupeiro Sant'Ana, a Cidade dos Meninos, com 45 rapazes, a Evangelização dos presos

na Cadeia Civil, as Escolas de Alfabetização, com mais de 600 estudantes.

A receita anual beira de 220 mil cruzeiros, sendo que 130 mil são contribuidos para assistência social, inclusive ofertas extra-paroquiais.

Foram párocos, nestes 45 anos, os Revs. Antônio J. L. Guimarães (23 anos), Athalício Pithan, (13 anos), Egmont Machado Krischke (4½ anos), Antônio T. Guedes (desde 1944).

A paróquia do Salvador

É a paróquia do Salvador, na cidade do Rio Grande, a mais antiga comunidade evangélica brasileira no Estado do Rio Grande do Sul.

Pelo ano 1876, chega a essa cidade marítima o negociante, Sr. Emanuel Van Orden, holandês, de origem judaica e cidadânia norte-americana. Era negociante e evangelista, ao mesmo tempo. Logo de chegada estabeleceu uma livraria e tipografia, a qual mais tarde passou a ser conhecida como Livraria Americana, e, com êsse nome, ainda existe.

Aos Domingos dirigia o Sr. Van Orden cultos com prégação do Evangelho, primeiro em sua própria residência, pela manhã, em inglês, à noite, em português. Passou depois a alugar amplas salas, a fim de nelas realizar as cerimônias religiosas, até que se estabilizou em conveniente prédio, à Rua 20 de Fevereiro, esquina da Rua Vileta.

Foi aí que, em 1887, com a presença de mais outros ministros, ficou oficialmente organizada a Igreja Presbiteriana do Rio Grande, com 39 comungantes. Retirando-se, mais tarde, o Rev. Van Ordem para São Paulo, deixou na qualidade de substituto e guia espiritual o culto português, Rev. Manoel Antònio de Menezes. Esteve o consagrado ministro alguns anos à testa do trabalho evangélico no Rio Grande, sendo que, em 1891, é definitivamente transferido para São Paulo.

Um ano após a sua chegada, funda o evangelista Van Orden o bem redigido periódico "O Prégador Cristão", que foi o primeiro órgão de propaganda evangélica, publicado em língua portuguèsa, no Estado do Rio Grande do Sul.

Lutando, a princípio, com algumas dificuldades, inherentes à introdução de um novo Credo, consegue o Sr. Van Orden a boa vontade do Cònsul dos Estados Unidos, o Sr. George Frederico Upton, cuja ocasional presença, devidamente fardado muito contribuiu para auxiliar a manter a ordem e o respeito, nas cerimònias religiosas.

É de notar que diversas famílias italianas filiaram-se à novel Igreja, predominando, porém, no comèço, o elemento de còr.

A primeira senhora brasileira branca, que aceitou o Credo evangélico, no Rio Grande do Sul, foi D. Emília Upton Krischke, mãe do autor, a qual, desde 1871. por ocasião de seu consórcio, assumiu perante um Pastor luterano e duas tes-

temunhas, o compromisso de adotar e seguir os princípios da Religião evangélica. Cumpriu a sua promessa durante 71 anos. Pouco após, foram outras senhoras seguindo o seu exemplo.

Merece mencionado que dêsse modesto núcleo evangélico, fundado por um judeu convertido, procederam cinco prégadores do Santo Evangelho: o Rev. Dr. Henrique Vogel, notável helenista, que fez o curso telógico na Europa, o Rev. Alfredo Van Orden, educado nos Estados Unidos, o Rev. Francisco Lotufo, italiano, que se veio tornar ministro de grande projeção na Igreja Presbiteriana Independente, o Rev. Júlio de Almeida Coelho, escritor de mérito, cujos artigos no Estandarte Cristão eram lidos com muito interêsse e proveito, e, afinal, o autor, que até os 10 anos de idade, foi aluno da Escola Dominical Presbiteriana.

Vimos já que, em Agôsto de 1891, recebe o Rev. Morris, oficialmente, ao seio da Igreja Episcopal a pequena comunidade presbiteriana riograndense – membros, móveis e local. Dois meses mais tarde chega, providencialmente, dos Estados Unidos, o missionário Rev. Brown, o qual, ainda que pouco conhecimento tivesse da língua portuguêsa, é constituído em reitor interino do consagrado rebanho que havia mudado de nome e práticas litúrgicas, porém, não de princípios religiosos.

Ao voltar de sua pátria o Rev. Kinsolving, casado com D. Alice B. Kinsolving, é o mesmo

designado pároco da Capela do Salvador. Dai a pouco trecho, passa a modesta sala de cultos, sensìvelmente aumentada aos fundos, a exibir nos móveis do presbitério, nos bancos para o povo, afinal, em tudo, atmosfera acentuadamente episcopal. Foi extraordinário o surto da paróquia do Salvador, durante a administração de seis anos do Rev. Kinsolving. Qualquer que fôsse o aspecto de atividade paroquial, ou de progresso, era naqueles tempos, invariàvelmente, apontada essa comunidade como figurando em primeira plana.

Ao ser eleito bispo, em 1898, é o Rev. Kinsolving substituido pelo Rev. Brown. Com um guieiro espiritual dessa envergadura, não houve, qual era de esperar, solução de continuidade, no crescimento da paróquia, até 1903, data em que foi transferido para o Rio de Janeiro.

A Igreja do Salvador, tôda de granito, por fora, sita à Praça Tamandaré, inaugurada em 1901, continua sendo considerada como um dos mais belos templos evangélicos, de tôda a América latina.

Aos fundos do templo, em espaçoso terreno, doado pela Exma. família Kinsolving, assenta o espaçoso Edifício Paroquial, com acomodações no pavimento térreo para as atividades sociais, e, no superior, para residência do pároco. Custou Cr$ 150.000,00. Foi construido no reitorado do Rev. Osborn.

Espera, dentro em breve, proclamar a paró-

quia a sua independência financeira. Tem cêrca de 300 comungantes, e a receita de 1946, excedeu de Cr$ 40.000,00.

Estiveram já, à testa da direção da paróquia, os Revs. Kinsolving (6 anos), Rev. Brown (5 anos), Rev. Thomas (4 anos), Rev. Krischke (10 anos), Rev. Leão (5 anos), Rev. Osborn (8 anos), Rev. Weber (7 anos). Desde 1941, acha-se o Rev. Todt Jr. dirigindo a mesma. Vários outros ministros administraram a paróquia poucos meses ou anos.

Esteve a Capela da Ressurreição, em S. José do Norte, sempre entregue aos cuidados dos ministros do Rio Grande. Contou já os seus dias de grande animação. Acha-se agora, pràticamente, extinta, a paróquia. Dela procedeu, em 1900, o candidato às Sagradas Ordens, Rev. Antônio J. L. Guimarães.

A paróquia do Redentor

Rezam os nossos anais que, uma vez ocupadas as cidades de Pôrto Alegre e Rio Grande, cabia desfraldar-se o estandarte episcopaliano na aristocrática cidade de Pelotas, por antonomásia — a Princesa do Sul.

Bem avisados, pois, andaram os membros da primeira Reunião conjunta dos ministros quando, em 1892, designaram para essa importante missão

o mais aristocrático de nossos ministros — o Rev. João G. Meem.

Foram os primeiros cultos efetuados à Rua General Osório, em um "sobradinho" e também em um grande salão nos baixos do "Sobrado Azul", pertencente, faz muitos anos, à família Duval.

A mudança para a Praça da República foi altamente vantajosa. Ocupamos alí um prédio histórico. Nele havia estava preso, por motivos políticos, o Barão de Itapitocaí, avò do Rev. Barcelos da Cunha.

Raramente se tem dado início a um trabalho religioso com tantas pessoas dignas, assistindo aos mesmos, desde os primeiros cultos. Não poucos descendentes dessas famílias, continuam ainda fiéis ao santo Evangelho.

Nunca houve antes, na cidade de Pelotas, outra Igreja evangélica. Chamamos já a atenção para o fato de que na primeira Confirmação, todos os candidatos tinham nomes lusitanos, com apenas uma exceção. Representava, portanto, esfôrço direto e influência pessoal de seu fundador, e do catequista, Sr. Fraga, patrício nosso, de pouca cultura literária, mas de facilidade de expressão, e muito tato no tratar com estranhos. Devido a essa virtude, conseguiu èle desarticular uma atitude hostil que, contra a sua pessoa estavam engendrando jovens elementos desordeiros.

Nesse promitente local desenvolveu -se com

rapidez o nosso trabalho religioso. Por ocasião da visita episcopal é ordenado diácono o catequista, Sr. Antônio M. Fraga.

Reune-se, em 1896, na Capela do Redentor, a Terceira Convocação, a cujas reuniões nos foi dado o privilégio de estar presente. Não existe mais nenhum só dos delegados clericais e leigos que a ela assistiram. Refere o deão, em seu relatório, que "a paróquia do Redentor, cuja hospitalidade generosa, hoje gozamos, anda sempre no seu acostumado passo militar... é de justiça dizer que a paróquia, sob as ordens de seu pastor militar (antes de entrar para o Seminário, havia o Rev. Meem atingido o pôsto de Capitão) avança a passo de carga."

Esteve, até 1900, a paróquia sediada nesse ponto, quando apareceu local mais satisfatório ainda — a sede da antiga Filarmônica Pelotense, à Rua General Neto, que, sôbre avantajar-se arquitetònicamente, comportava o dôbro do auditório. Para ali se transferiu a sede da paróquia do Redentor até a inauguração oficial do amplo e majestoso templo, à Rua 15 de Novembro, em 17 de Outubro de 1909.

Dêsse edifício eclesiástico, orgulho de nossa Igreja e da cidade de Pelotas, relatou o Revmo. Bispo Kinsolving: "representa a consagração de muitas aspirações e anseios, durante longos anos. O edifício, com o seu puro estilo, suas proporções grandiosas, suas linhas, arcos e ângulos harmôni-

cos, é o produto do intelecto e coração do próprio pároco... desenhista, arquiteto e construtor-mestre da imponente obra."

Em 1912 passa o Rev. Meem a direção da paróquia, à qual serviu durante 20 anos, ao Rev. José Severo da Silva, que fazia já algum tempo, alí se encontrava na qualidade de coadjutor. Sob êsse reitorado continuou a paróquia a progredir, tendo, em 1924, solicitado a condição de paróquia independente.

O Edifício Paroquial, ou Exedra, como alí chamam, inaugurado em 1922, contém tôdas as dependências necessárias para os fins a que se destina.

Sôbre o Orfanato e o Colégio Santa Margarida, consultem-se os capítulos especiais que tratam dêsses assuntos.

Quase ao terminar o ano de 1939 (21 de Dezembro) falece, repentinamente, o Ven. Arcedíago Pelotense, Rev. José Severo da Silva, que, durante 28 anos, administrou a paróquia do Redentor. É o mais longo reitorado que os nossos anais assinalam, e, por sinal, um dos mais profícuos.

Substituiu-o o Rev. Henrique Todt Jr., que estava já servindo de coadjutor.

Com surpresa geral se viu a paróquia, em 1940, favorecida pela bonificação de Cr$ 200.000,00, com que fôra contemplada uma de suas apólices, resgatáveis sòmente ao fim de quarenta anos. Compra a Junta Paroquial, imediato, uma confor-

tável residência para o reitor, a pouco distância do templo. Está avaliada em três vêzes a quantia por que foi adquirida.

Em 1942 é o Ven. Arcediago de Pelotas, Rev. Mário Bohrer Weber, convidado para assumir a direção da paróquia.

Desde a sua fundação foi a paróquia do Redentor servida pelos Revs. Meem (20 anos), Severo da Silva (28 anos), Todt J. (2 anos). Nas ausências do Rev. Meem, por motivo de férias, diversos ministros o substituiram, interinamente.

A paróquia do Mediador

Conversando as notas do historiógrafo da Igreja, relativas ao ano de 1900, se nos antolha o seguinte apontamento, aos 11 dias de Fevereiro: "São inaugurados na Capela do Mediador, em Santa Maria da Boca do Monte, os ofícios divinos. Na noite dêsse dia... realizou-se o primeiro serviço, sob a direção do pároco missionário, Rev. J. W. Morris." Achavam-se, também, presentes à cerimônia, o Revmo. Bispo e o Rev. George W. Ribble.

Referindo-se, pouco depois, a êsse acontecimento, discorre o nosso primeiro prelado: "Principiou-se a sementeira com tôda a esperançosa segurança... e o missionário, ali residente, constitue penhor de que o bom êxito inicial não será efêmero. Com a sua madura experiência, colocou

o missionário santa-mariense a Igreja, dentro de poucos meses, em uma posição de prestígio moral, que nos levou anos a alcançar, nos dias de nossa inexperiência, nas várias missões antigas." Foi, portanto, sob tão favoráveis auspícios que se iniciou o trabalho episcopal, na florescente cidade de Santa Maria da Boca do Monte.

Cumpre se registe que, antes da abertura oficial, à Rua do Comércio, onde a Capela permaneceu 6 anos, haviam-se efetuado conferências religiosas, no salão nobre da Prefeitura Municipal, bondosamente cedido pelo venerando Prefeito de então, o Cor. Francisco de Abreu Vale Machado, pai e avô de futuros eclesianos e ministros.

No relatório do fim dêsse ano, figura já a Escola Dominical com 60 alunos. Foram sempre as Escolas Domingueiras da paróquia fator saliente, nessa comunidade de posição estratégica. Chegamos a ter, em 1922, cêrca de 600 alunos matriculados em 10 Escolas.

Não passou de dois anos o reitorado do Rev. Morris, pois teve de retirar-se para a sua pátria, devido a grave acidente que sobreveio a uma filhinha sua. Foi-lhe substituto interino, o também missionário, Rev. George W. Ribble, Bacharel em Divindade.

Em Abril de 1903, chega à paróquia do Mediador, a fim de lhe dirigir os destinos, o diácono Rev. Carlos H. C. Sergel, que havia abandonado a promissora carreira de alto funcionário do Lon-

don & Brazilian Bank, a fim de se consagrar ao ministério da Igreja de Deus. Marcou a sua gestão, de apenas quatro anos, época na história da paróquia.

Adquirido amplo terreno, no ponto mais central da cidade, começaram logo intensa campanha pró-construção da Igreja do Mediador. À semelhança do registado na cidade de Pelotas, foi o pároco não sòmente o desenhista da planta e arquiteto, mas, também, o seu incansável empreiteiro. Ficou o edifício sagrado, de estilo gótico-normando, e que comporta 200 pessóas assentadas, em 40 mil cruzeiros, anotação essa que, por mera casualidade, nos veio às mãos. Como apenas a metade foi levantada na paróquia, não será difícil adivinhar-se quem contribuiu a outra metade da quantia acima.

Entre as muitas aproveitáveis lições ministradas pelo Rev. Sergel merecem realçadas duas: assiduidade na assistência aos ofícios divinos e generosidade nas contribuições.

Coube ao autor o alto privilégio de o substituir, em 1906, logo após a sua ordenação. Dessa primeira incumbência ministerial guardamos inefáveis recordações.

No ano seguinte adquire a paróquia amplo terreno, com 150 metros de fundo, junto ao templo, por Cr$ 1.500,00. Foi uma compra de ocasião, que se tornou possível fazer com a oferta de dois terços dessa quantia, pelo nosso antecces-

sor. Anos depois, vendeu-se a parte não usada do terreno, aos fundos, por seis mil cruzeiros.

A confortável residência do reitor, nesse local, construiu-a o então pároco, o ex-Reverendo Lindau Ferreira.

O utilíssimo salão, para atividades sociais, levantado em continuação ao presbitério, coube ao Rev. José Brasiliense Leão mandar construí-lo, em 1925, quando no exercícios de suas funções paroquiais alí.

Merece referência especial a data de 24 de Maio de 1917, pois, nesse dia, proclamou-se a emancipação financeira da paróquia, aliás, a primeira que deu êsse corajoso passo. Escolhe, qual era de esperar, a Junta da paróquia, como seu primeiro pároco colado, o Rev. Barcelos da Cunha, iniciador dêsse movimento.

Com administrações relativamente curtas serviram os interêsses espirituais e materiais da comunidade, além dos já mencionados ministros, os Revs. Orlando Batista, Egmont Machado Krischke e Gaudêncio Vergara dos Santos.

Desde 1942 acha-se a paróquia sob a reitoria do Rev. Dr. Virgínio Pereira Neves.

É de justiça se faça menção do nome de D. Isolina Appel que, durante um quarto de século, foi a infalível e consagrada organista da paróquia.

Durante muitos anos, manteve a paróquia cultos mensais regulares na então Vila Júlio de Castilhos, onde tínhamos diversos comungantes. Na Colònia Ijuí, pelo mesmo motivo, celebravam-se, ocasionalmente, cerimònias religiosas. Chegamos até ter uma Escola-Capela, sob a direção de D. Welly Palquist.

No povoado do Pinhal, de onde saíram muitos eclesianos, houve, um tempo, celebração quinzenal (no verão semanal) de cultos com animadora freqüència. Por iniciativa de alguns eclesianos construiu-se alí uma pequena Capela.

Com inusitada satisfação, assinalamos que da paróquia do Mediador já procederam seis ministros do Santo Evangelho, inclusive o Revmo. Bispo, Dom Athalício Pithan.

Deve, pois, ser particularmente grato, ao agora nonagenário Rev. Dr. Morris, saber que o pequeno grão, por èle semeado, faz quase meio século, resultou na frondosa árvore que alí se está desenvolvendo.

A paróquia do Redentor — Rio de Janeiro

Sòmente cèrca de 20 anos após estabelecida no sul do país, foi que a Igreja Episcopal efetuou

o primeiro ofício divino, em língua portuguêsa, na Capital da República.

Referem os Anais que, oficiando o Rev. Dr. Brown, realizou-se êsse acontecimento, aos 31 dias de Maio de 1908, no histórico Templo anglicano, situado em frente ao Teatro Municipal, generosamente cedido pela respectiva Junta da Paróquia.

Em Fevereiro do ano seguinte, estava já instalada a Capela do Redentor, nos altos do bem localizado prédio da Rua Haddock Lobo n.º 45. Foi a sala mais espaçosa devidamente adatada à realização dos cultos regulares.

Continuou ainda, alguns anos, na qualidade de pároco. o Rev. Dr. Brown, que exercia, também, nessa ocasião, a presidência da Comissão Tradutora da Bíblia, que produziu a chamada Versão Brasileira.

Teve o missionário por eficientes coadjutores os Revs. Carlos Sergel e Miguel Barcelos da Cunha. Designado o Rev. Sergel para abrir nova missão em outro ponto da Capital, ficou apenas o Rev. Cunha no serviço de coadjutor.

Referindo-se a essa fase do trabalho episcopal na metrópole do Brasil, escreveu o Bispo Kinsolving: "Há progresso manifesto, não tanto em novas adesões à nossa causa, porém, na influência espiritual que vão adquirindo os nossos representantes na Capital Federal."

Pena que o jovem patrício, Rev. Cunha, de gènio afável e inusitado dons oratórios, a ponto

de se haver tornado, em pouco tempo, um dos mais populares prégadores desta grande cidade, tivesse sido atacado por devastadora enfermidade que, ràpidamente, lhe combaliu o organismo, obrigando-o a recorrer a clima mais ameno, infelizmente, sem resultado satisfatório.

Em Maio de 1913, faz a abastada fazendeira, D. Ana Gonzaga, generosa doação de uma propriedade, avaliada, naquela época, em Cr$ 10.000,00, e que ficou a título de patrimônio da paróquia.

Havendo sido o Rev. Dr. Brown, a 20 de Maio de 1914, eleito, pela terceira vez, Bispo da Igreja, desta feita em Coadjutor da Diocese de Virgínia, resolve aceitar o honroso cargo. Assume a direção da paróquia o Rev. Dr. Meem, que já o estava substituindo, interinamente, desde 1912.

Adquire a paróquia, em Janeiro de 1915, um amplo terreno com 26 metros de frente e 70 de fundo, na mesma Rua Haddock Lobo, pela quantia de Cr$ 60.000,00. Rejeitou já a Junta Paroquial a vultosa oferta de um milhão e seiscentos mil cruzeiros pelo dito terreno. É ideal o ponto, embora um pouco ruidoso para Igreja.

Foi o velho prédio existente no terreno, sob a direção do Rev. Dr. Meem e do conhecido arquiteto Jannuzi, provisòriamente, transformado em modesta, porém, reverente Casa de Oração. Decorridos, agora, 35 anos, cumpre seja mui breve, inteiramente demolido o velho edifício, e nele le-

vantado um suntuoso templo, digno da Igreja Episcopal Brasileira, da Capital da República e dos dedicados eclesianos. Regista-se forte aspiração e movimento, da parte do pároco e dos paroquianos, nesse sentido.

Presta-se o espaçoso local para a instalação de tôdas as atividades regulares de uma grande paróquia: Templo, Edifício Paroquial, Presbitério, e outras dependências suplementares.

Desfralda-se, em 4 de Novembro de 1917, a Bandeira Nacional, dentro do Santuário da Igreja do Redentor. Foi a vez primeira que se registou èsse fato em qualquer de nossos templos.

Assinala o dia 11 de Setembro de 1919 a fundação da Liga Juvenil, na paróquia.

Oficiando o Rev. Dr. Meem, celebra-se a 15 de Janeiro de 1922 a impressiva cerimònia cívico-religiosa da Benção das Espadas, perante vultoso auditório. Em nenhuma outra Igreja Evangélica, no Brasil, havia antes sido levada a efeito uma tal cerimònia.

Após melindrosa operação, falece em 20 de Novembro de 1924, no Hospital dos Estrangeiros, o Venerável Arcedíago do Rio de Janeiro, Rev. Dr. João G. Meem, que consagrou 32 anos de profícuo serviço missionário à Igreja Episcobal Brasileira, "da qual teve a imperecível honra de ser, por favor divino e designação, um de seus fundadores", disse o Revmo. Bispo Kinsolving no elogio fúnebre, por ocasião do 27.° Concílio. Terminou a sua

carreira ministerial, no campo missionário, onde se encontra inhumado.

Substituiram-no, interinamente, os Revs. Arnaldo Bohrer, Carlos Sergel e Alberto Roberts.

Desde 28 de Janeiro de 1930, acha-se à frente da direção da paróquia o Venerável Arcedíago do Rio de Janeiro, Revmo. Nemésio de Almeida, tido na conta de um dos mais fluentes prégadores do Santo Evangelho, na Capital da República.

Nestes 18 anos duplicou o número de comungantes e triplicou a Receita da paróquia.

O sólido Edifício Paroquial que, fàcilmente, comporta a construção de mais um andar, para servir de presbitério, e a pequena casa, destinada à residência do zelador, foram, ambos, levantados, a custa dos paroquianos, em 1939.

Existem mais duas ou três paróquias, que, quase poderiam ser qualificadas de "grandes". Mui breve, de certo, enquadrar-se-ão nessa categoria.

O LIVRO DE ORAÇÃO COMUM

Origem

É o título de nosso histórico formulário religioso altamente expressivo. Chama-se Livro de Oração Comum, por isso que o seu uso principal se regista por ocasião dos ofícios públicos da Igreja, e também, por refletir as necessidades, sentimentos e devoções comuns a todos os fiéis em Cristo Jesus.

Desde os dias apostólicos têm existido, com maior ou menor desenvolvimento, certas fórmulas e expressões de caráter litúrgico; haja visto o testemunho de multiseculares pergaminhos, alguns tão velhos quanto os da própria Bíblia.

Há nos três ramos do Cristianismo, quatro grandes famílias de Liturgias, abonadas com os venerandos nomes de S. Pedro, S. João, S. Tiago, e do evangelista S. Marcos. Em que pese a variedade de suas formas e fraseologia, exibem partes comuns a tôdas elas, sem alteração apreciável, o que indica haver sido um só o manancial em que tôdas se abeberaram.

A das Igrejas do ramo anglicano, pertence a liturgia do apóstolo S. João, tendo por origem a cidade de Éfeso, na Ásia Menor, onde consta residiu por dilatado tempo o apóstolo. De Éfeso passou para Lyon, ao sul de França, e dessa última cidade foi levada para a terra dos Bretões, ainda semi-selvagens.

Na Inglaterra, conquanto fôsse muito forte a influência de Roma, desde o século sexto, jamais perdeu a liturgia nacional anglicana certos característicos, que denunciam a sua procedência oriental.

Do comêrço do século 11 até meados do século 16, prevaleceu na "Ecclesia Anglicana" o chamado Uso de Sarum (nome latino da cidade e diocese de Salisbury), cujo Livro de Ofícios, constitui o arcabouço de nosso admirável Livro de Oração Comum. De caminho, não será ocioso acrescentar que, feita exceção de algumas Litanias no vernáculo, tudo o mais era em latim eclesiástico.

O primeiro Livro de Oração

Aceitos os princípios da Reforma, após a morte do cruel e libertino Henrique VIII, 1547, o que logo preocupou os antistes da Igreja nacional, anglicana, agora livre da dominação estrangeira de um milênio, foi o preparo de um devocionário para uso público e particular, sem, contudo, que-

brar as tradições de um passado histórico de mil e quinhentos anos.

Escoimado de erros, inovações e corruções que, aos poucos, se haviam introduzido nos velhos formulários, e lhes desfigurado a simplicidade primitiva e a ortodoxia doutrinal, mas, conservando as porções, claramente sancionadas pelas Sagradas Escrituras, e consagradas pelo uso de séculos, foi, por último, sob o reinado de Eduardo VI, aos 9 dias do mês de Junho de 1549, Domingo de Pentecostes, entregue ao uso da Igreja, o primeiro Livro de Oração Comum, no idioma do povo, com todos os Ofícios e Cerimônias públicas. Dentro em pouco, será comemorado o quadringentésimo aniversário dêsse histórico sucesso.

Revisões do Livro Anglicano

Passou èsse formulário litúrgico, que em sua feitura teve por principal autor o afamado Arcebispo Cranmer, Primaz da Igreja Anglicana, martirizado em 1556, no govêrno de Maria Sanguinária, sim, passou èsse Livro por quatro revisões, sendo que a última foi em 1662, a qual lhe imprimiu aspecto muito semelhante ao de que fazemos uso na atualidade.

Desde essa data, têm fracassado no Parlamento, tòdas as tentativas de revisão, embora aprovadas pelas autoridades eclesiásticas e conciliares. Constituem os percalços de uma Igreja oficial.

A sua influência

É, logo após a Bíblia, o Livro de Oração Comum, a obra literária mais conhecida, de maior uso e influência na língua inglesa . Tornou-se, não há negar, um dos clássicos da literatura universal, achando-se já traduzido em mais de 150 idiomas e dialetos. "Santificado pelo sangue de mártires e aperfeiçoado pelo talento de escolares, tem, durante quatro séculos, sido o veículo de transmitir súplicas e alimentar a fé a sucessivas gerações."

Na livre América

Pouco depois da Independência política dos Estados Unidos, tratou a continuadora das tradições religiosas anglicanas, nesse país, de articular os seus elementos constituintes. Logo após a sagração de seu terceiro Bispo estava a Igreja devida e històricamente constituida. Na Convenção Geral, efetuada na cidade de Filadélfia, a 16 de Outubro de 1789, foi promulgado o Livro de Oração Comum revisto, para uso na Igreja Protestante Episcopal dos Estados Unidos da América do Norte. Comemorou a Igreja, nesse país, em 1939, o seu sesquicentenário.

Longe de pretender afastar-se da velha Igreja-mãe em pontos essenciais de doutrina, disciplina ou culto, exerceu a Igreja, na América livre, apenas o direito de adaptação e variação, à vista das

novas condições políticas do país, e com o intuito de o enriquecer de orações e ofícios especiais, não previstos no ritual antigo.

Revisões do Livro Americano

A não ser no que respeita a pequenas alterações nas rubricas, sôbre pormenores do ritual, e o acréscimo de alguns Ofícios ocasionais, não se registou, substancialmente, mudança alguma, até o ano de 1892. A revisão dêsse ano foi altamente conservadora, tendendo de preferência, em diversos pontos, a voltar ao velho Livro anglicano. Revisão de maior vulto foi a levada a afeito em 1928, mas, tomada como um todo, o Livro é sempre o mesmo nas suas linhas gerais.

A primeira versão portuguesa

A primeira versão do Livro de Oração Comum em língua portuguêsa, de que temos conhecimento, foi feita em 1695, por Abendana, do Livro anglicano, e por encomenda da Sociedade das Índias Orientais. Abendana, que se nos afigura era um filólogo indiano, fez a sua versão para o dialeto indo-portuguès, idioma falado ainda nas possessões portuguêsas da Índia. Existe no Arquivo da Igreja, um dos raríssimos exemplares dessa estranha versão, datado de 1826. Como amostra da lìnguagem, citamos o seguinte trecho: "E en-

trando ele ne o barco, seu discipulos já segui com ele. E olha, já levanta hum grande tromento ne o mar, assi que o barco tinha coberto com as ondas, mas ele tinha drom." S. Mateus 8:23, 24.

Publicou a Sociedade de Propaganda de Conhecimento Cristão diversas edições revistas do Livro de Oração neses patoá. Nota-se que as novas edições procuravam aproximar-se cada vez mais do português corrente. A que possuimos de 1875, talvez a última publicada pela referida casa editora, é em puro vernáculo.

Chamou-nos a atenção de ser Deus geralmente tratado por vós. No Pai nosso, no Credo e no Gloria Patri, encontramos, invariàvelmente, o vocábulo Padre, ao invés de Pai, que, aliás, é a forma corrente nas orações.

De passagem, cumpre acrescentar que tôdas essas edições são do livro da Igreja de Inglaterra.

1.ª versão para o Brasil

Coube ao Rev. Ricardo Holden que, como já vimos, foi o primeiro missionário da Igreja Episcopal em trabalhar no Brasil, a insigne honra de verter para o nosso idioma o Livro de Oração Comum, então em uso nos Estados Unidos, sem alteração alguma no seu título ou conteúdo.

Foi êsse trabalho feito entre os anos de 1859 a 1861, e publicado nos Estados Unidos. Da edição de 1871, aparentemente a última feita, sem que

nos seja dada saber onde foi usada, existe um exemplar no arquivo de nosso custódio do Livro de Oração Comum. Traz na capa impresso o nome do antecedente possuidor — Rev. Lucien Lee Kinsolving — que antes de deixar para sempre a sua diocese o doou à Igreja Episcopal Brasileira.

É um livro de inestimável valor histórico, pois, ao que apuramos, da tradução do Rev. Holden, existe, apenas um outro exemplar na biblioteca da Church Missions House, em Nova York. Todos os outros volumes parece terem sido consumidos pelo fogo da intolerância religiosa daqueles dias.

À vista de haver êsse missionário, antes de se consagrar à carreira clerical, labutado alguns anos no comércio, em nosso país, teve êle oportunidade de adquirir ponderoso conhecimento do português. A fiel tradução, bem como os inspirados hinos de sua autoria, existentes no livro "Salmos e Hinos", fartamente o comprovam.

A edição de 1892

Havendo iniciado o trabalho de evangelização em Junho de 1890, devem os fundadores da Igreja Episcopal, em nossa pátria, ter-se ressentido muito da falta de seu costumado devocionário.

Como vimos acima, havia sòmente dois exemplares do Livro de Oração em português. Eram, não há duvidar, "os poucos exemplares, felizmente encontrados nos enferrujados alfarrabistas de Lisboa", a que se refere o Rev. Kinsolving.

Foi essa falta providencialmente removida com a impressão, nos Estados Unidos, de um livreto que continha os ofícios da Oração da Manhã e da Oração da Tarde, a Ladaínha, e algumas seleções dos Salmos.

Confrontando com o livro de 1874, nota-se ser reprodução exata do mesmo. As ligeiras alterações nas rubricas, refletem a revisão, já efetuada no livro da Igreja-mãe.

É de notar que no frontispício se lê: "segundo o uso da Igreja Protestante Episcopal nos Estados Unidos da América", mas, nas orações a favor das autoridades civis, foi acrescentado, entre parêntese, a expressão, "do Brasil", após "Presidente dos Estados Unidos". Isto, tanto no título, como no corpo da oração.

Possui, o autor um dos rarissimos exemplares dessa edição de "Porções do Livro de Oração Comum em lingua portuguêsa", como lhe chamou o Revmo. Bispo Potter, de Nova York, que a recomendou para uso em nossa Igreja, até que possuíssemos o livro completo. Houve duas edições, de mil exemplares cada uma, impressas nos Estados Unidos, e aquí distribuidos, na maioria, gratuitamente.

Ofícios avulsos

Nesses primeiros anos, foram diversas vèzes mandados imprimir, avulsos, em panfletos, os Ofí-

cios da Comunhão. Confirmação, Ordenação e o Catecismo. Serviram essas publicações para dar idéia do caráter histórico e autorizado da Igreja Episcopal, bem como realçar a beleza e a solenidade de sua liturgia, provocando expressões de viva apreciação da parte de muitas pessoas.

A 1.ª Versão Brasileira

Quando o Revmo. Dr. Peterkin nos visitou, em 1893, tomou êle conhecimento da "revisão das antigas traduções" que, com o máximo cuidado estava sendo feita pelos quatro missionários, sendo que o Rev. Brown era o principal tradutor, e o jovem diácono, Rev. Cabral, o seu eficiente colaborador, nas expressões vernáculas, mòrmente na intrincada linguagem das rubricas e de certos passos doutrinários.

Em Junho de 1896 efetuou-se, em Pôrto Alegre, uma reunião extraordinária da Convocação, a fim de examinar o trabalho já completado, em sua inteireza. Após dois dias de estrênuo exame das partes principais do devocionário, ficou uma comissão, composta dos Revs. Brown, Meem e Cabral, encarregada de repassar a versão tôda, com o máximo cuidado, e remeter para os Estados Unidos, os originais, pois o livro seria alí publicado, sob as vistas do Rev. Brown. De fato, em 1898, estava sendo disseminado, às mãos cheias, entre o povo rio-grandense, a ansiosamente esperada 1.ª

edição do Livro de Oração Comum, e da qual se fizeram várias reimpressões.

A única alteração feita no texto, em relação ao livro da Igreja-mãe, foi a que se refere às orações a favor das autoridades civis, como se dera com o livro de 1892.

Já na edição de 1903, encontramos no frontispício, "segundo o uso da Igreja Episcopal Brasileira", o que se não via nas edições anteriores.

Livro provisório

Tendo a Igreja se expandido ràpidamente, mui breve começamos de sentir a falta de novos exemplares de nosso maravilhoso devocionário, procurado, também, por membros de outras Igrejas evangélicas.

À vista de se achar em andamento nova revisão do Livro de Oração nos Estados Unidos, julgou, acertadamente, o nosso Concílio, ser vantajoso esperarmos o resultado dessa revisão, antes de se proceder à impressão de nosso devocionário.

Como, porém, a demora se estava dilatando muito, com prejuizo para a realização inteligente das cerimônias públicas, resolveu, o Cléricus de Pôrto Alegre, em 1925, com o "imprimatur" do Revmo. Bispo Kinsolving, publicar um Livro de Oração abreviado, com o título de Ofícios Divinos. Continha a Oração Matutina e a Oração Ves-

pertina, o Ofício da Comunhão, a Litânia, Seleções dos Salmos, Ofícios ocasionais, Coletas.

Teve muito boa aceitação, principalmente entre os que não conheciam o nosso ritual na sua inteireza.

A 1.ª Edição Brasileira

Durante três para quatro anos, trabalhou a comissão do Livro de Oração Comum no preparo do livro que se acha ao presente em uso na Igreja Episcopal Brasileira. Anualmente, nos concílios, eram eleitos os membros dessa comissão, que terminou pelos Revs. Cabral, Krischke, Barcelos da Cunha e Bohrer, além do Revmo. Bispo. Entre os membros anteriores encontramos os nomes dos Revs. Ferraz, Vale Machado, Pithan e Severo da Silva.

Reunia-se a comissão a miúde, e nos últimos tempos, semanalmente, um dia inteiro, na biblioteca do Colégio Cruzeiro do Sul. Fôssem, embora, de convívio fraternal èstes conselhos de ordem filológica, litúrgica e doutrinal, a troca de idéias e as discussões tornavam-se, por vêzes, fortemente animadas.

Não se cogitou de fazer um livro novo. Conservamos na linguagem consagrada pelo uso de perto de quarenta anos, tanto quanto possível, limando-lhe as asperezas e desvios de vernaculidade. Aproveitamos as modificações introduzidas na revisão

de 1928 ao livro da Igreja nos Estados Unidos, que, aliás, foram mais do costumado. (Veja-se o relatório episcopal de 1930).

Cumpre ressaltar que nesta edição brasileira, a Ratificação, o Prefácio, e o Certificado do Custódio, o primeiro assinado pelo Revmo. Bispo Thomas, e os dois últimos pelo Venerável Arcedíago Cabral, imprimem a êste livro, aspecto e feitura acentuadamente nacionais. É, por excelência, a Liturgia da Igreja Episcopal Brasileira, qual se depreende da judiciosa declaração abaixo, à página IV do Livro: "Esta versão do Livro de Oração Comum, autorizada pelos Concilios da Igreja Episcopal Brasileira de 21 de Abril de 1928 e 25 de Abril de 1929, é estabelecida e declarada como a Liturgia desta Igreja, e, como tal, deve ser recebida e usada por todos os membros dela." Assina essa declaração o Revmo. Bispo Thomas, na qualidade de Diocesano da Igreja Episcopal Brasileira.

Em 1930, saia das oficinas da Livraria do Globo, em Pelotas, a primeira edição brasileira de nosso Livro de Oração Comum.

O árduo trabalho de revisão das provas tipográficas foi, todo êle, feito pelo Ven. Arcediago de Pelotas, Rev. José Severo da Silva, diretor, então, da Imprensa Episcopal.

Elevou-se a seis mil exemplares a tiragem, e se acha, presentemente, de todo, esgotada.

Em que pesem certos senões que escaparam, foi, em geral, muito bem aceita esta primeira edição, genuinamente brasileira, de nosso inspirador Devocionário.

Declarações importantes

Repassando as Atas dos Concílios, no intuito de obter dados para certos artigos desta História, havemos encontrado alguns itens de subido valor.

No 26.º Concílio (1924), quando se tratava da revisão do Livro de Oração Comum, propõe o missionário, Rev. Dr. Meem, não vigorem as mudanças feitas no Livro da Igreja-mãe, "senão depois de aprovadas e sancionadas pelo nosso Concílio."

Durante a discussão do assunto, acrescenta, ainda, o Revmo. Bispo Kinsolving: "que as prerrogativas litúrgicas da Igreja Episcopal Brasileira ficaram salvaguardadas, em 1907, pela Câmara dos Bispos."

A nova revisão

Oficialmente nomeada pelo Revmo. Sr. Presidente do Concílio, efetuou a nova Comissão Revisora do Livro de Oração Comum a sua primeira

assentada no dia 12 de Abril de 1945. Aos 3 dias de Julho de 1946, após a 66.ª reunião ordinária, declara o Sr. Presidente se havia finalizado o estudo e revisão de nosso devocionário, em todos os seus diversos aspectos.

Ficou de início estabelecido seria observado o seguinte plano de trabalhos: examinar cuidadosamente as rubricas; adotar a nova ortografia; basear as passagens bíblicas na Versão Brasileira; revisar os Salmos, calcados na Versão de Santos Saraiva; rever o estilo das coletas e outras orações; examinar o conteúdo das págs. I a XXXVIII, substituindo-se o atual Lecionário pelo novo; aproximar-se, tanto quanto possível, ao Livro Padrão; adaptar os Cânticos à música; considerar-se a permanência dos 39 Artigos; distribuir a revisão dos Ofícios entre os diversos revisores, que os submeteriam à apreciação do plenário da Comissão. Trabalho de largo fôlego, não há duvidar.

Todo êsse vultoso serviço foi inteiramente dactilografado, e, de há muito, se encontra pronto para ser entregue à casa editôra.

Fizeram parte dessa Comissão, desde o início, os Revmos. Srs. Bispos Thomas e Pithan, bem como os Revs. Orlando Batista, Egmont M. Krischke, Jessé K. Appel e Natanael D. da Silva. Serviu na qualidade de secretário o Rev. Rodolfo

G. Nogueira, o qual não só lavrou as atas das sessões, como registou as anotações das emendas efetuadas.

A maior parte das sessões foram levadas a efeito no amplo edifício do Seminário Teológico, em Pòrto Alegre, R. G. do Sul.

Digno de nota

Quando a anterior Comissão Revisora apresentou ao Concílio, em 1929, o seu exaustivo trabalho, havia apenas trinta ministros, no serviço ativo da Igreja. Foram as alterações, então feitas, submetidas ao exame do Concílio, dentro de partes de quatro sessões, devida e amplamente discutidas, e, por via de regra, aprovadas, ou, unânimemente, ou, após "ligeira discussão".

Agora, que o número de clérigos subiu a cincoenta, não admira as acaloradas discussões que, em tôrno da nova versão, se acham registadas nas Atas conciliares de 1946 e 1947. É que a Igreja está crescendo, não apenas em número, mas, também, na eficiência de seus colaboradores clericais e leigos, com esclarecida noção das responsabilidades que sôbre êles impendem.

SOCIEDADE MISSIONÁRIA DA IGREJA EPISCOPAL BRASILEIRA

Fundação

Quando, em Janeiro, de 1898, se reuniu a 5.ª Convocação anual, na cidade do Rio Grande, foi, por iniciativa do Rev. A. V. Cabral, fundada a S.M. da I.E.B. Era seu fim precípuo, qual ainda o é, de levantar fundos para o sustento do clero nacional.

Qublicaram-se os Estatutos no Estandarte Cristão, dêsse ano, sendo que o primeiro presidente foi o Dr. João Rasmussen; secretário, o Sr. F. G. Schmidt e tesoureiro o Sr. Cap. Ernesto de Castro, todos êstes, nomes de projeção, na cidade do Rio Grande, e na paróquia do Salvador.

Atividades

Não foram, aparentemente, bem compreendidas as finalidades desta importante instituição diocesana, o que, talvez explique as diversas crises,

por que a mesma tem passado, sem que jamais se haja deixado de interessar pelo cumprimento de seu programa inicial.

Diversos nomes

Em 1905, passou a denominar-se: "Missões Nacionais", dirigida por uma Comissão de três membros. Extinta a Comissão, em 1911, resolve o Concílio nomear, apenas, um Tesoureiro. Volta, em 1921, a seu primitivo nome, tendo por principal escòpo, a Evangelização dos índios.

Novas finalidades

Aprova o Concílio de 1934 outros estatutos e alvos para a S.M.

Desde 1938, amalgamou-se esta instituição com o Fundo de Sustento do Clero, sendo, nesse ano, aprovado pelo Concílio, um orçamento de Cr$ 60.000,00, para ordenados de ministros, Fundo de Pensões, Evangelização dos índios, Missões novas, e auxílio ao Orfanato. Foi, também, aprovada a sugestão de ser 50% da receita ordinária empregado no pagamento de ordenados do clero.

Esperavam, dessa forma, os depositários do Fundo, pudessem, dentro em breve, dispòr da quantia necessária, a fim de atender a tòdas as despesas em vista (cento e vinte mil cruzeiros), inclusive trinta mil, para o subsídio do Sr. Bispo Sufragâneo.

Não há negar, teve bom èxito o plano, pois, em 1940, arrecadou-se mais de 102.000 cruzeiros. Cinco anos, mais tarde, havia já a receita subido a Cr$ 163.787,00. Os últimos dados em mão (1946), revelam que a receita desse ano foi superior a duzentos e quarenta e dois mil cruzeiros, ou seja 91 % das cotas atribuidas às diversas paróquias.

Animação e apelo

Tomada de entusiasmo e confiança pelos bons resultados obtidos, aventurou-se a diretoria da Junta Administrativa a formular um orçamento de Cr$ 388.600,00, para 1947.

Acredita a I.E.B. em um surto de generosidade da Igreja em geral, e, muito em particular, no sentimento de honra, de patriotismo e de fé, da parte de todos os eclesianos, para que a Sociedade Missionária fique habilitada a fàcilmente poder atender a todos os seus crescentes compromissos anuais.

O orçamento para 1949 eleva-se a 580.000,00 cruzeiros.

A FACULDADE DE TEOLOGIA

Preocupação

Conversando os "Anais" da Igreja Presbiteriana do Brasil, logo se nos depara a forte preocupação de seus fundadores com estabelecer uma Escola de Profetas, em nosso país, o que, aliás, o conseguiram oito anos após a sua chegada.

Não menor foi o problema com que se defrontaram, também, os pioneiros da Igreja Episcopal Brasileira. O enviar os moços, que prometem, para o estrangeiro, a fim de alí receberem a necessária instrução teológica, sôbre muito dispendioso, daria margem a que os inimigos da Igreja a acoimassem de instituição alienígena, e fator desintegrante de nossos sentimentos de brasilidade.

Dotados, como providencialmente o fomos, de inusitada quadra de missionários fundadores, nos quais não sabemos que mais admirar, se a sua consagração e cultura teológica, se a sua lhaneza e conhecimentos de ordem secular. Nessas condições, não faltariam lentes para o futuro Seminário. A dificuldade maior estava em harmonizar a

sua localização com as necessidades dos trabalhos evangelizantes nas diversas paróquias.

A Mentalidade latina

Na publicação periódica "The Church at Work", já referida, escreveu o Bispo Brown: "Depois de ter estado (no Brasil) vinte e quatro anos, cheguei à conclusão de que é absolutamente impossível para a mente anglo-saxònia conhecer, a fundo, a mentalidade latina, dentro de uma geração. Daí o se nos tornar claro a absoluta necessidade de aparelharmos, com instrução apropriada, um ministério nacional.

Foi o meu privilégio educar todos os dezeseis ministros, em trabalho ativo no Brasil. (Isto em 1923). Temos um ministério proficientemente educado."

Os primeiros passos

Menos de dois anos, após iniciada a missão em Pòrto Alegre, havia já três candidatos dispostos a se dedicarem à vida ministerial, e de fato, na qualidade de catequistas, estavam já prestando inestimáveis serviços à nascente Igreja. Foi, portanto, muito perfuntório o curso teológico de nossos primeiros ministros nacionais, principalmente dos que não conheciam o inglês. A literatura telógica em língua portuguèsa, é, até hoje, muita escassa e deficiente.

Como a Igreja Episcopal, em todo o mundo, timbra pelo esmerado preparo de seus ministros, não admira que na primeira Convocação (1891), fôsse amplamente ventilado o problema do devido preparo do clero nacional.

Não se pôde, durante anos, cogitar de um Seminário, no verdadeiro sentido da palavra. Os candidatos às sagradas ordens estudavam com os missionários, em cujas paróquias serviam de coadjutores, e, no tempo oportuno, faziam, perante os capelães examinadores, os exames requeridos pelas leis canônicas.

Embrião de Seminário

Houvesse, embora, a 5.ª Convocação (1898), determinando fôsse estabelecida em Pôrto Alegre a nossa Escola de Profetas, tendo por deão o Rev. Brown, só dois anos mais tarde é que essa instituição começou de funcionar, embrionária, na cidade do Rio Grande, para cuja paróquia fôra transferido o insigne educador. Os dois primeiros seminaristas eram homens casados, com alguma experiência da vida — os Srs. Júlio de Almeida Coelho e Antônio José Lopes Guimarães. Decorrido um ano, lhes foi fazer companhia o Sr. Carlos Henrique Clemente Sergel, alto funcionário de um banco inglês, que abandonou o compensador emprêgo, a fim de se consagrar ao ministério cristão.

Afinal !

Rezam os anais: "Junho, 15, 1903 — Abertura solene do Seminário Teológico de nossa Igreja, com a celebração da Santa Ceia, na Igreja do Salvador". Ao justo, 13 anos desde a fundação da Igreja! Começou nessa data o Seminário pròpriamente dito. Glória a Deus!

Havia oito seminaristas, os Srs. Lindau Ferreira, João Batista Barcelos da Cunha, João Mozart de Melo e George Upton Krischke, no curso teológico, e os Srs. José Severo da Silva, Inácio de Oliveira Vale Machado, José Leão e Nemésio de Almeida, no curso preparatório.

Merecem mencionados os nomes dos lentes: os Revs. Brown, Meem e Ribble e, posteriormente, o Revmo. Bispo Kinsolving. A cadeira de português estava a cargo do culto poeta e literato Sr. Mário de Artagão.

Em 1906, ao iniciar o ano letivo, havia a matrícula do Seminário atingido o número apostólico — 12 aspirantes ao sagrado ministério. Faz 43 anos que se registou o auspicioso evento, mas, pesa confessarmos, nunca mais se reproduziu. Além dos já mencionados entraram mais os seguintes: Srs. Luís Alves Rolim, Miguel Barcelos da Cunha, Lindolfo Color, Arnaldo Bohrer e Otávio de Sousa Braga, todos no curso preparatoriano. Dêstes só dois continuaram o curso até o fim, o último faleceu durante os estudos.

Em Setembro dêsse ano é nomeado reitor o Rev. Dr. Meem, residente em Pelotas.

Fecha-se o Seminário

Com a ordenação do Rev. Bohrer, em 1910, fechou-se o Seminário, por tempo indeterminado, em obediência à política de "limitar o número do clero nacional à capacidade e expontaneidade da Igreja de lhes ministrar, em parte, o sustento, após terminados os estudos no Seminário e sua ordenação."

Se de um lado teve esta drástica medida "resultados satisfatórios", no entender do Revmo. Bispo, pois "o sustento do clero aumentou para a par com o crescimento da Igreja", do outro lado, com o fechamento do Seminário, por dez anos, num momento crítico, em que, no espaço de três anos perdemos nove ministros, por diversas causas, houve sensível desequilíbrio em nosso estado-maior eclesiástico, do qual, com a graça de Deus, já nos estamos, paulatinamente refazendo.

A sua reabertura

Com a volta do venerando Rev. Dr. Morris, após 18 anos de ausência do nosso país, foi reaberta a Faculdade de Teologia, aos 11 dias de Maio de 1920. Desta vez, localizado em Pôrto Alegre, conforme o plano primitivo. Funcionou, pro-

visòriamente, com dois candidatos apenas, os Srs. Mário Bohrer Weber e Nataniel Cabral, em uma sala de sua residência, cedida pelo diretor do Colégio Cruzeiro do Sul.

No início do novo ano letivo, instalado já em confortável prédio e espaçoso terreno, havia no Seminário seis postulantes, nele residindo, divididos em duas turmas. Os novos seminaristas eram os Srs. Rodolfo Rasmussen, João Timóteo da Silva, Alberto Blank e Clodoaldo Ramos. O último continuava estudando no Cruzeiro do Sul.

Além do reitor, ensinavam os Revs. Thomas, Krischke e Bohrer.

Prédio próprio

Em 1921, como resposta às fervorosas orações do piedoso homem de Deus, reitor do Seminário, Rev. Dr. Morris, uma senhora rica, cujo espôso havia adquirido muitos bens no comércio do Pará, enviou dos Estados Unidos, vinte mil dólares (então cêrca de cento e setenta contos de réis), para a compra de um prédio que satisfizesse os fins do Seminário. Foi adquirida a propriedade em que o mesmo já se achava instalado.

"Laus Deo, o Seminário tem, hoje, um patrimônio de excepcional idoneidade, com templo contíguo, onde os jovens profetas se podem treinar, sonhar os seus sonhos e ver as suas visões "escreveu o Revmo. Bispo Kinsolving.

Novos recrutas

No relatório episcopal de 1922 encontramos os seguintes nomes de novos seminaristas, na qualidade de postulantes: os Srs. Gamaliel F. Cabral, Euclides Goulart e Júlio Feijó.

Passa a engrossar a lista de futuros ministros o Sr. Athalício Pithan, que estivera alguns anos fora do Estado, após haver terminado o curso do Cruzeiro do Sul.

Diz o relatório do Rev. Bohrer, substituto do Dr. Morris na reitoria do Seminário, apresentado em 1929, que "o ano de 1928 foi o início de uma nova era para o Seminário Teológico, funcionando regularmente duas classes, com oito estudantes". Acrescenta haverem concluido o curso os Srs. Gaudêncio Vergara dos Santos e Dijon de Almeida Peralles.

Outros seminarostas dèsse tempo foram os Srs. Mário Olmos, Egmont Krischke, Henrique Todt J. e Álvaro Balbão.

Na relação do ano de 1930, encontramos mais os seguintes nomes, além dos acima mencionados, como fazendo parte das duas classes de ensino teológico: Srs. Lourenço Takeo Shimanuki, Orlando Ramos de Oliveira, Gastão Oliveira, Nataniel Duval da Silva, Orlando Batista e Jessé Krebs Appel.

Fechado novamente o Seminário durante dois anos, foi reaberto em Março de 1935, sob a direção

do Rev. Raymundo E. Fuessle, com dois seminaristas, os Srs. Estevão Yuba e Virgínio Pereira Neves.

Após terminados os preparatórios no Ginásio Cruzeiro do Sul, ingressaram no Seminário, no primeiro ano, 1937, os Srs. Sírio Morais, Libero Córdova, Otacílio Moreira da Costa e Marcos Seelig.

No ano seguinte (1938), passaram a estudar no Curso Pre-Teológico, os Srs. Plínio Lauer Simões, Marçal Ramos Lopes de Oliveira, Wilson Carvalho Camargo, Albino Alfredo Winkler, Antônio Joaquim Teixeira Guedes e Mário Gomes.

Em 1940 é o grupo de seminaristas acrescido do Sr. Paulo Yuji Kanekò.

São os seguintes os estudantes que iniciaram o curso telógico, em 1943: Srs. Agostinho Sória, Diamantino Buenos, Arthur Kratz, Silvano Rocha Filho, Nadir Matos e Samuel Kainuma. Fez, também, parte dessa turma o professor Sr. Ernesto Bernhoeft, encarregado do trabalho em Santa Rita.

Matricularam-se, em 1946, os Srs. Kurt Kleeman, Saulo Marques da Silva, Paulo Dalfollo e Lauro Borba da Silva, que, com especial aproveitamento haviam terminado o Curso Pre-Teológico no Instituto José Manoel da Conceição (S. Paulo).

Qual se havia dado na primeira fase de nosso Seminário, também na segunda repetiu-se o fato de alguns dos estudantes, por motivos vários, não terem continuado os estudos teológicos. Reconheceram, em tempo, que a sua vocação os chamava para outras atividades.

Feita exceção de alguns ministros que vieram de outras Igrejas, e prestaram exames perante os Capelães xaminadores, todos os mais clérigos nacionais fizeram o seu curso teológico em nossa Escola de Profetas. A estima e consideração por que são tratados onde quer que se apresentem, constituem eloqüente testemunho da cultura secular e teológica que a Igreja Episcopal Brasileira tem procurado proporcionar a seu clero.

O novo edifício

À vista da generosa dádiva que liberal eclesiano nos Estados Unidos fez ao nosso Seminário, foi possível a construção do belo edifício, mandado levantar pelo Sr. Revmo. Bispo Thomas, para uso das aulas e residência dos estudantes.

Reitores

Desde 1937, esteve ocupando o cargo de Vice-reitor de nossa Faculdade Teológica o missionário

Rev. Alberto N. Roberts , Bacharel em Artes e Teologia.

Em 1946, é nomeado pelo Revmo. Diocesano, o Rev. Orlando Batista, Bacharel em Teologia, reitor do Seminário.

AS SOCIEDADES DE SENHORAS

Origem

Em Maio de 1898, dirige a eclesiana D. Alice B. Kinsolving circulares aos diversos párocos de nossa Igreja, sugerindo a fundação, em tòdas as paróquias, de ramos da Sociedade Auxiliadora de Senhoras, à semelhança do existente na Igreja-mãe.

Foi a sua idéia muito bem aceita, e nesse mesmo ano, estabelecem-se agremiações de senhoras com título uniforme, nas paróquias então organizadas.

Com outros nomes, tínhamos já em Pòrto Alegre e no Rio Grande, grupos de senhoras com finalidades semelhantes, mas à vista do entusiástico apèlo da espôsa de quem seria, daí a pouco trecho, o nosso primeiro bispo, ficou uniformizada em tòdas as paróquias a existência de tão importante instituição da Igreja.

De fato, a 26 de Abril de 1894, havia sido fundada na paróquia do Salvador, Cidade do Rio Grande, a Sociedade de Artefatos, a fim de "por

todos os meios lícitos, obter fundos para a construção de um templo".

A sua cooperação

Vêzes sem número, temos ouvido de muitos clérigos a pública declaração, de constituir a S.A. de S. o "braço direito" dos párocos, não só no que respeita ao auxílio financeiro, que proporcionam, como também no desempenho do variado programa de atividades paroquiais, sejam de ordem religiosa, social ou filantrópica.

Por via de regra, desconhecem essas sociedades o vocábulo "não", sempre que a sua cooperação é de alguma forma solicitada.

Crescimento

Cresceu, nestes 40 anos passados, o número de ramos das sociedades de 11 para 52. Eleva-se a matrícula das sócias a 1.800. Segundo o relatório de 1946 atingiu a receita dêsse ano a cêrca de Cr$ 260.000,00 proveniente de mensalidades, festivais, bazares, etc. Representa pouco menos da quarta parte das contribuições totais da Diocese.

Propriedade do Nome

Pelo exposto acima, não há negar, exprime muito bem a palavra "auxiliadora" o espírito das

esforçadas eclesianas que, tomadas de gratidão pelo muito que devem à religião cristã, em lhes haver elevado na ordem social e moral do mundo, à semelhança das santas mulheres dos dias apostólicos que "de seus bens assistiam" Cristo e seus discípulos, estas, na medida de suas fôrças, estão, também, cooperando em prol do estabelecimento do reino de Deus na terra.

A Federação

Desde a data de seu estabelecimento definitivo, se tem mantido a praxe de enviar, de três em três anos, uma contribuição especial à Federação das S.S. A.A. de Senhoras, nos Estados Unidos, que, depois, generosamente, distribui a vultosa soma da Oferta Unida de Ação de Graças, entre os diversos campos missionários da Igreja. A nossa contribuição, em 1946, montou a Cr$ 7.453,70.

A Federação brasileira efetua, anualmente, por ocasião dos concílios, interessantes reuniões de estudo religioso, missionário e social.

A 23 de Outubro de 1900, ao ser efetuado na então Capela da Trindade, em Pôrto Alegre, o segundo concílio da Igreja, realizou-se, também, a primeira reunião anual da Federação das S.S. A.A. de S.S. no Brasil. A pedido da presidente da sociedade local, assumiu a presidência o Revmo. Bispo Kinsolving. Foi orador oficial o Rev. Dr.

Morris, por coincidência, os dois fundadores da Igreja.

Leram animadores relatórios as representantes das sociedades de Pôrto Alegre, Rio Grande, Pelotas e Rio dos Sinos, as únicas que se fizeram representar. Hoje, a representação é numerosa.

Noite festiva

Decorreram anos, e, agora, a noite da Federação, constitui uma das notas marcantes de nosso concílio diocesano.

Além da sessão pública efetuada no templo, por via de regra, repleto de senhoras e de homens, e na qual, após a cerimônia religiosa, é lido apenas o resumo das estatísticas e ouvido o discurso pragmátício, costumam as sociedades locais oferecer, no salão da paróquia, fidalga e elegante festa social, aos membros conciliares e às representantes das diversas sociedades.

Outras notas

No 36.º concílio (1934), levado a efeito na cidade do Rio Grande, foi, pela vez primeira, tirada fotografia da diretoria e representantes da Federação, juntamente com os membros conciliares.

Outra nota digna de registo, temo-la no modo distinto e impressivo por que seis moças de vestes

brancas, com véus azuis-claros, pendendo da cabeça, procederam ao levantamento da Oferta Unida, por ocasião do 40.º concílio (1938), na Igreja da Trindade, de Pôrto Alegre.

Grupos independentes

Ainda que sem ligação direta com a S.A. de S., temos em diversas paróquias, os grupos das Dorcas e os das Lídias, compostos de eclesianas que entenderam ser de utilidade a fundação de núcleos, que se reunissem semanalmente, a fim de intensar o cultivo do espírito de fraternidade e de sociabilidade, entre as senhoras da Igreja, sôbre cooperarem, também, na solução dos problemas financeiros, paroquiais e diocesanos, mas, à sua livre escolha e determinação.

Vigésimo aniversário

Em Abril de 1948, celebrou o Grupo das Dorcas, da paróquia da Trindade (Pôrto Alegre), o 20.º aniversário de sua fundação com fina e animada reunião social.

É de notar achavam-se presentes as três eclesianas, fundadoras do Grupo das Dorcas, em 1928: D.D. Nenê Bopp Acker, Esther Appel Bopp e Cecy Bopp Kroeff Pires.

Proporcionou grande satisfação ao autor, gentilmente convidado com sua espôsa, D. Maria José

Machado Krischke, colaboradora do Grupo, logo após fundado, ver nessa festiva ocasião antigos paroquianos seus, alguns de há mais de 42 anos. Acham-se nessas condições as três fundadoras, e muitos outros dos presentes, provindos de várias paróquias.

Fidelidade indefectivel à Igreja e a seus principios, após decorridos decênios constitui sinal indicador de perseverança, de fé, de caráter e de sentimentos, virtudes pouco encontradiças nestes "dias maus" que atravessamos, porém, muito preconizadas pela religião a que pertencemos.

AS SOCIEDADES AUXILIADORAS "JUNIOR"

Origem

Dizem os Anais que, a 21 de Junho de 1903, fundou-se, na paróquia do Salvador, na cidade do Rio Grande, uma sociedade de mocinhas evangélicas com o sugestivo nome de Martinas. Bacoreja-nos ter sido a primeira dessas instituições estabelecidas na Igreja Episcopal Brasileira.

Programa

O seu programa de ação em muito semelha ao das sociedades de senhoras, dentro naturalmente da órbita da idade das respectivas sócias.

Mudança de nome

Existem, presentemente, em tôdas as paróquias maiores, organizações de mocinhas com o nome de Auxiliadora Júnior. Outras adotaram o de Filhas do Rei.

Federação

As Auxiliadoras de Jovens acham-se filiadas à Federação das S.S. A.A. de S.S., com quem se congregam por ocasião da grande reunião anual.

Estatística

Segundo a estatística de 1946, contam-se 16 ramificações com 417 associadas.

Elevou-se a receita a Cr$ 21.389,60, entre mensalidades e outras fontes.

União da Mocidade Episcopal

Fundada em 1941, visa essa importante Instituição desenvolver o espírito de camaradagem social e cristã, dentro da juventude da Igreja, a fim de, quanto possível, afastá-la das influências desintegrantes do mundo e do materialismo assoberbante. Dentro de seu programa figura a realização de retiros espirituais.

Existem cêrca de 30 filiais, nos Estados do Rio Grande do Sul, São Paulo e Rio de Janeiro, muitas em plena atividade e florescência.

O número de sócios — moças e moços — atinge a 700 jovens. A receita está beirando de 20 mil cruzeiros.

Secretário Geral

"Precisa a U.M.E. de um Secretário Geral, no ponto a que chegou o seu desenvolvimento. Será vão desperdício uma Comissão descentralizada, que mal se pode reunir, de afogadilho, nos interlúdios conciliares. Um S.G. que possa organizár o programa das atividades anuais e visitar as paróquias, que solicitem a sua presença e assistência técnica.... é imprescindível ao futuro progresso dêste movimento... iniciado sob tãos bons auspícios."

Do relatório da Comissão sôbre o Estado da Igreja.

AS SOCIEDADES DE HOMENS

Várias são as sociedades de homens que, nestes anos passados, se hão estabelecido na I.E.B., com finalidades religiosas, recreativas, e, também, financeiras. É êste último aspecto, em algumas sociedades, a sua principal razão de ser.

Desde que a Igreja começou de sentir lhe cabe a responsabilidade de se ir aos poucos emancipando financeiramente, estão muitos eclesianos, por meio destas sociedades, contribuindo com quantias ponderáveis, rumo a essa patriótica e natural finalidade.

Em 1892

A primeira sociedade de homens em ser fundada, foi a Irmandade de Santo André, a 5 de Abril de 1892, em Pôrto Alegre. Existe ainda uma fotografia, tirada em Maio de 1892, na qual se achavam, provàvelmente, todos os seus membros.

Como não encontramos outros dados a respeito de suas atividades, é de supôr que, ao se

espalharem os ministros e catequistas por diversos pontos do estado, deixou a mesma de existir.

Em outras paróquuias

Pouco depois de fundada a sociedade acima mencionada encontramos referência a uma associação com o mesmo nome e finalidades na paróquia do Calvário, em S. Rita.

Decorrem alguns anos, e, aos 5 de Abril de 1901, estabelece-se na cidade de S. Maria, outro ramo da Associação de S. André.

Estamos de nós para nós, que nenhuma dessas sociedades seguiu, à risca, o programa da instituição na Igreja-mãe.

Outros nomes

Rezam os Anais que aos 7 dias de Agôsto de 1902, funda-se na paróquia do Salvador, no Rio Grande, a Sociedade Literária de Moços Cristãos, a qual, em 1906, passou a denominar-se Legião da Cruz.

No mesmo ano, a 15 de Novembro, regista-se a fundação da Milícia Cristã, na paróquia do Redentor em Pelotas. A classe bíblica constitui um de seus característicos.

Em Janeiro e Fevereiro de 1900 revivem as sociedades de homens, respectivamente, em S. Rita e Pôrto Alegre, porém, com o nome mudado para Legião da Cruz.

Em 24 de Maio de 1918 regista-se nova ressurreição da sociedade de homens na paróquia da Trindade, de Pòrto Alegre. Desde, então, tornou-se forte sustentáculo do movimento para o sustento próprio da paróquia.

Com os nomes de Legião da Cruz e Milícia Cristã, existem sociedades de moços e homens em diversas paróquias.

Federação

Em mais de um concílio, tem-se cogitado da conveniência de se federarem tòdas as sociedades masculinas em uma só agremiação, à semelhança das Sociedades Auxiliadoras de Senhoras, mas, até o presente, nada se conseguiu nesse sentido.

A IRMANDADE DE SANTO ANDRÉ

Finalidade

É a irmandade uma organização religiosa que tem por objetivo a divulgação do Reino de Cristo entre os homens, principaldmente entre os moços da Igreja. Para os rapazes menores existe uma secção júnior. Foi fundada, em 1883, nos Estados Unidos da América do Norte, e se acha, presentemente, representada em diversos campos missionários.

Constituem as suas duas regras fundamentais:

1) — *Ò Princípio de Oração* — Orar diàriamente pela divulgação do Evangelho entre os homens, e pelas bençãos de Deus sôbre o trabalho da irmandade.

2) — *O Princípio de Serviço* — Fazer, pelo menos, um esfôrço ardente, cada semana, para que algum homem se sinta mais perto de Cristo, por meio de Súa Igreja.

O trabalho ativo da irmandade, é feito por meio de capítulos paroquiais. Existem, ao todo,

cêrca de 500 capítulos com perto de cinco mil membros, em diversas partes do mundo.

O ramo brasileiro

O ramo brasileiro desta Irmandade fundou-se em 1935, na paróquia da Ascensão, em Pôrto Alegre, R.G.S.

A sua constituição geral foi aprovada pelo 40.º concílio anual da Igreja.

Aos membros dá-se-lhes o nome de andrelinos.

Consiste o distintivo da instituição em uma cruz vermelha, disposta em forma de X (cruz decussata), conhecida històricamente por Cruz de Santo André.

Além do Manual e da Constituição, tem a Irmandade publicado diversos folhetos de edificação e de propaganda religiosa. O seu órgão oficial é "A Cruz de Santo André"

Ocapitulo da paróquia da Ascensão, de Pôrto Alegre, durante vários anos, patrocinou a irradiação mensal de um Ofício Devocional do Ar, que teve muita aceitação em todo o Estado.

Deve haver cêrca de vinte capítulos da útil sociedade em nossa Igreja.

A IMPRENSA EPISCOPAL

Várias Igrejas hão tentado possuir a sua Casa Publicadora, visando facilitar a publicação de jornais, livros, folhetos e outros elementos de propaganda religiosa. Algumas têm sido bem sucedidas, outras não. Tudo depende de haver pessoa idônea para dirigí-la. Estas pessoas não se encontram fàcilmente. São até bem raras. Casos conhecemos de ministros tirados de seus cargos pastorais, a fim de salvar de ruina certa algumas dessas instituições.

Não devera ser assim. A missão do ministro é muito outra.

A nossa Imprensa Episcopal, fundada em 1929, constitui um dos raros exemplos de bom êxito comercial, mas muito deu que fazer a seu consagrado ex-diretor, Rev. Severo da Silva.

Além do Estandarte Cristão e das Atas do Concílio, publica a Imprensa bom número de folhetos de propaganda religiosa. Aceita, também, trabalhos de fora.

Foi, em 1946, o movimento financeiro da Imprensa Episcopal cêrca de cem mil cruzeiros.

Após o falecimento de seu fundador, em 1939, transferiu a Imprensa a sua sede, da cidade de Pelotas para Pôrto Alegre, e tem estado sob a direção de diversos clérigos.

MOVIMENTO AVANTE

Finalidades

De tempos a tempos, faz-se mister apareça algum novo movimento na Igreja a fim de despertar os eclesianos do marasmo espiritual a que, aparentemente, se deixam com facilidade arrastar.

Com tal escòpo em mira, surgiu, em 1936 na Igreja-mãe, o Movimento Avante, pleno de entusiasmo e de fé.

O livreto "Avante"

O seu programa de ação temo-lo delineado no assim chamado Caminho do Discípulo, com as sete fases de atividades — *Orar, Servir, Adorar, Compartir, Voltar, Seguir, Aprender*.

Cada um dêsses itens constitui verdadeiro programa em si.

Diversas publicações

Outras publicações do Movimento são: Caminho do Discípulo, Adoração e Prometemos. Êste

último, escrito especialmente para a geração mais nova. Livros recomendados: Mais junto à Ti, Senhor. Vozes do Calvário, Realidade e Religião, O que o eclesiano deve saber, Preces fraternais, O Livro de Oração.

Apareceu já a primeira parte de um Curso de Educação Religiosa, com lições muito bem preparadas sôbre o Velho Testamento e a Liturgia.

Oxalá tenha esta campanha religiosa como resultado o reconhecimento da necessidade de fazermos nossas as palavras de piedoso cristão chinês: "Aviva, Senhor, a Tua Igreja, começando por mim".

COLÉGIOS DA IGREJA

Considerações gerais

Em todos os campos missionários, constituem os colégios das Igrejas Cristãs elementos tidos na conta de inestimável valor, a fim de os auxiliarem no comprimento de sua gloriosa missão de levar a luz da verdade "aos que estão assentados em trevas e sombras de morte".

Seja, embora, a nossa pátria, para certos efeitos de propaganda religiosa, considerada qual campo missionário, não há, no entretanto, termo de comparação, entre ela e o que sucede em certos países não-cristãos, muitos dêles, até bem pouco, quase inteiramente destituidos de qualquer forma de instrução pública ou particular.

É, pois, altamente louvável a atitude das Igrejas, de procurarem, na medida de seus recursos, ir ao encontro dos esforços do Govêrno, no sentido de dotar êste grande país, do maior número possível de colégios primários e secundários.

Escolas primárias

Foram já, nestes sessenta anos, aberto vários estabelecimentos de ensino primário em quase tôdas as paróquias e missões da Igreja, sendo o primeiro a Escola Americana, fundada em 1891, sob a direção dos Revs. Morris e Kinsolving, e à qual, pouco depois, se encorporou a pequena Escola Mista do professor Vicente Brande. A maior parte delas, porém, teve pouca duração. Algumas, entretanto, prestaram bom serviço à causa do Evangelho.

De tudo isso se depreende que a Igreja Episcopal, sem pôr de lado o eficaz valor dos colégios, deu sempre preferência ao ministério profético da prégação do santo Evangelho. Refere o secretário da América Latina, Dr. Arthur Gray, que uma das explicações do bom èxito da Igreja Episcopal no Brasil, cifra-se em "haver sido evangelizante (profética), desde o princípio, a política de sua missão", e não por meio de instituições.

Escola rural

Com o nome de Escola Rural Rev. Antônio Fraga, fundou em 1947, o Rev. Ernesto Bernhoeft, pároco da Igreja do Calvário, em Santa Rita, R.G.S., uma modelar Escola paroquial, que conta grande número de alunos, e tem atraído muita simpatia para a Igreja nessa velha paróquia rural, estabelecida em 1891.

Possui já a Escola prédio adequado, em terreno próprio.

Deve-se, em grande parte, o progresso da Escola Rural a mui eficiente atuação do Rev. Ernesto, na qualidade de educador, pois exercera já o árduo mister, durante anos, em importante instituição na cidade de Hamburgo Velho.

Colégios

Do curso superior, possuimos dois institutos devidamente aparelhados e reconhecidos pelo Govêrno Federal.

O Colégio Cruzeiro do Sul, para rapazes, agora misto, fundado em 1912, pelo então Rev. Thomas, na cidade de Pôrto Alegre, e o Colégio Santa Margarida, estabelecido por D. Hedy Sergel, M.A., na cidade de Pelotas, em 1932, exclusivamente para meninas.

Muito bem localizados, dispõem ambas as instituições de amplos terrenos para exercícios físicos e edifícios modernos, construidos para os fins a que se destinam. Estão avaliados em mais de dois milhões de cruzeiros.

Encontram-se êstes Colégios em florescentes condições, o que muito honra a seus diretores — Dr. Paulo K. Appel e a professora Senhorinha Cândida R. Leão, ambos filhos da Igreja.

A matrícula eleva-se, respectivamente, a 800 e a 400 alunos.

INSTITUIÇÕES DE CARIDADE

Hospitais

Constituam, embora, valiosos sub-produtos do Cristianismo, não são, no entretanto, os hospitais, nem os asilos, instituições de origem puramente cristãs.

Desde os mais antigos tempos, sabe-se da existência de sítios onde se abrigavam leprosos. Refere-se Platão a lugares nos quais eram devidamente atendidas certas classes de enfermidades. O vocábulo latino Hospitium (de onde hospital), aponta para a mesma direção. Chamavam os hebreus Beth-Holem (Casa de Saúde) a edifícios onde se recebiam doentes. Bethesda significa Casa de Misericórdia.

Mas, não há negar, cabe ao Cristianismo, após se haver tornado oficialmente reconhecido, a glória de ter dado impulso especial a essas formas de Caridade pública.

Tòdas as grandes cidades do mundo possuem hospitais bem aparelhados, sejam públicos ou particulares.

Temos, em nosso país, o Hospital Evangélico, na Capital da República, estabelecimento filantrópico que, sobremodo, honra o evangelismo nacional.

Jamais existirão, em parte alguma, hospitais em excesso. Daí, pois, não ter sido fora de propósito a iniciativa da eclesiana D. Cândida Fraga Cabral, rumo à criação de um Fundo para êsse fim, entregando ao 22.º Concílio (1920), o primeiro conto de réis, resultante de esforços seus. Além da Coleta anual, levantada nas Igrejas, desde 1929, existem em diversas paróquias Livros de Ouro que conseguem generosas ofertas para tão altruística finalidade.

Foi já adquirido valioso sítio, perto de Viamão, R.G.S., o qual poderá servir para um futuro Sanatório. Está avaliado em cincoenta mil cruzeiros.

Achamo-nos, portanto, dando os primeiros passos para objetivação dêsse ideal.

Lar Cristão

Com o significativo título acima, possuimos, já, em Bagé (1939), Rio de Janeiro (1943) e Rio Grande (1947), instituições muito modestas ainda, cuja finalidade é abrigar "velhinhas" desamparadas, sem parentes chegados, e lhes amenizar os últimos anos da vida terrena, manifestando simpatia e proteção material. O de Bagé possui

casa própria. Os outros funcionam em prédios alugados. Préga-se nesses "lares" o santo Evangelho.

Orfanatos

Cuidando zelosamente do futuro bem-estar físico e moral de seus filhos, não admira tenha a Igreja Cristã, desde séculos atrás, se interessado pela juventude destituida do carinho e desvêlo de seus pais. Constitui tal consideração a origem precípua dos Orfanatos e Asilos.

Inaugurou-se em 1936, perto de Pelotas, a nossa primeira aventura nèsse sentido. Tomou o nome de Orfanato Rev. Severo da Silva, seu incansável iniciador. Dispõe de um sítio com 20 hectares de boas terras, ampla casa, abundância de água potável, frutas e legumes com fartura. Abriga, presentemente, 16 orfãs. Possui espaçoso e moderno prédio para Escola, mandado levantar pela L. B. de A., no valor de 50 mil cruzeiros.

Depende, inteiramente, para sua manutenção de ofertas generosas e expontâneas de eclesianos e amigos. A coleta no Dia de Natal reverte, por determinação conciliar, em seu benefício.

Compõe-se a diretoria de cinco membros, eleitos pelo Concílio anual da Igreja, principalmente de elementos interessados nas paróquias de Pelotas e Rio Grande. Pena é achar-se situado um pouco distante da cidade, o que dificulta a visita de amigos e benfeitores.

Cidade de Menores

Com tão expressivo nome, funda o Rev. Dr. Otacílio Moreira da Costa, na cidade de Santana do Livramento, em 1945, uma instituição filantrópica de vasto alcance social. Não admira, pois, a boa-vontade encontrada a favor dessa instituição, até em pessòas às quais as finalidades de nossa Igreja, lhes eram de todo desconhecidas.

Com o mesmo nome e programa semelhante, dirige o Rev. Antònio Guedes, na cidade de Bagé, modelar estabelecimento que tem atraído muita simpatia para a Religião que professamos.

Recebem ambos êsses institutos generosa subvenção estadual e municipal, embora diretamente ligados à Igreja.

Albergues Noturnos

Outro produto do puro Cristianismo temo-lo na preocupação dos que, por motivos vários, não têm onde reclinar a cabeça e estender o corpo, durante as trevas da noite. Estão os albergues noturnos procurando resolver, em parte, èsse problema de ordem social. O da paróquia do Crucificado, de Bagé, é a nossa primeira tentativa nesse sentido e já tem prestado bons serviços. Certo não lhe faltarão os meios necessários para poder continuar tão nobre e humana missão.

ASSOCIAÇÃO DE PREVIDÊNCIA

Criada pelo último Concílio, estão os seus estatutos publicados no Estandarte Cristão de 15 de Abril do corrente ano.

É instituição filantrópica que tem por alvo amparar, especialmente, os clérigos e obreiros leigos que mourejam na I.E.B., visando aposentadorias, pecúlios e pensões.

Fixou a comissão diretora, pelo presente, apenas, um pecúlio de cinco mil cruzeiros, no caso de falecimento de algum dos associados. As aposentadorias e pensões dependerão das possibilidades do patrimônio.

Não haverá despesas com a administração dessa sociedade, a qual, desde já, conta com o apòio generoso da Igreja em pèso.

Diversos eclesianos manifestaram o desejo de se filiarem à Associação de Previdência.

OS CONCÍLIOS

Enquanto não tínhamos Bispos residentes, eram as reuniões anuais do clero e delegados leigos das paróquias, denominadas Convocações, aliás, impròpriamente em língua portuguêsa. A última dessas reuniões, vimos já, efetuou-se em Maio de 1898.

Com a sagração do primeiro Bispo para o Brasil, Revmo. Dr. L. L. Kinsolving, passaram essas assembléias a se denominar — Concílios, seguindo velhas tradições.

Cumpre salientar são os Concílios anuais a alta autoridade legislativa da I.E.B. e as suas deliberações constituem leis e normas de ação, que cumpre sejam fiel e rigorosamente acatadas por clérigos e leigos, até que outro Concílio legisle ao contrário.

Tivemos já 51 concílios anuais, sendo que apenas dois — o do Rio de Janeiro, em 1932 e o de São Paulo, em 1941 — foram realizados fora do R. G. do Sul. A maior parte dêles reuniu-se nas três metrópoles do Estado.

Constituem as resoluções conciliares parte integrante da História da Igreja, neste mais de meio século, por isso que registam informações valiosas, sob diversos aspectos de seu desenvolvimento, não fàcilmente conseguíveis, em outras fontes.

Serão futuramente publicadas, em sintética separata, acompanhando o estilo e tamanho dêste livro.

LISTA DO CLERO DA IGREJA EPISCOPAL BRASILEIRA

Desde a sua fundação em 1890

MISSIONÁRIOS

Na ordem de sua chegada ao Brasil

1 — Rev. James Watson Morris 1889
2 — Rev. Lucien Lee Kinsolving 1889
3 — Rev. William Cabell Brown 1891
4 — Rev. John Gaw Meem 1891
5 — Rev. George Wallace Ribble 1899
6 — Rev. William M. Merrick Thomas . 1904
7 — Rev. Franklin Thorpe Osborn ... 1916
8 — Rev. Albert Northrop Roberts ... 1924
9 — Rev. Henry Dyke Gasson 1926
10 — Rev. Watkins Leigh Ribble 1927
11 — Rev. Raymond Eugene Fuessle ... 1933
12 — Rev. Martin Samuel Firth 1933
13 — Rev. Custis Fletcher 1939
14 — Rev. Benjamin F. Axleroad Jr. .. 1945
15 — Revmo. Dr. Louis C. Melcher 1948

CLERO NACIONAL

Na ordem de sua ordenação ao Diaconato

1 —	Rev. Vicente Brande	1893
2 —	Rev. Antônio Machado Fraga ...	1893
3 —	Rev. Américo Vespúcio Cabral	1893
4 —	Rev. Boaventura de Sousa Oliveira	1893
5 —	Rev. Júlio de Almeida Coelho	1903
6 —	Rev. Antônio José L. Guimarães .	1903
7 —	Rev. Carlos H. Clemente Sergel ..	1903
8 —	Rev. João Mozart de Mello	1905
9 —	Rev. George Upton Krischke	1906
10 —	Rev. João B. Barcelos da Cunha .	1906
11 —	Rev. Lindau Ferreira	1906
12 —	Rev. Henrique Zschornack	1906
13 —	Rev. José Severo da Silva	1908
14 —	Rev. Miguel Barcelos da Cunha ..	1908
15 —	Rev. Inácio de Oliveira V. Machado	1908
16 —	Rev. Nemésio de Almeida	1908
17 —	Rev. José Brasiliense Leão	1908
18 —	Rev. Guido A. Zumbhul	1908
19 —	Rev. Ernesto Arnaldo Bohrer	1910
20 —	Rev. Salomão Ferraz	1917
21 —	Rev. José Orton	1921
22 —	Rev. Mário Bohrer Weber	1923
23 —	Rev. Alberto Blank	1923
24 —	Rev. João Timotheo da Silva ...	1923
25 —	Rev. Rodolfo Centeno Rasmussen .	1923
26 —	Rev. Athalicio Theodoro Pithan ...	1924
27 —	Rev. Euclydes Deslandes	1926

28 — Rev. Clodoaldo R. Ramos 1926
29 — Rev. Gamaliel Freitas Cabral 1926
30 — Rev. João Yasogi Ito 1926
31 — Rev. Gaudêncio Vergara dos Santos 1929
32 — Rev. Orlando Batista 1930
33 — Rev. Jessé Krebs Appel 1930
34 — Rev. Egmont Machado Krischke .. 1930
35 — Rev. Mário Ramos Olmos 1931
36 — Rev. Henrique Todt Jr. 1931
37 — Rev. Paulo Kiyoshi Isso 1932
38 — Rev. Lourenço Takeu Shimanuki . 1932
39 — Rev. Gastão Pereira de Oliveira .. 1932
40 — Rev. Orlando B. Ramos de Oliveira 1932
41 — Rev. Nathaniel Duval da Silva ... 1932
42 — Rev. Barnabé Kenso Ono 1934
43 — Rev. Virgínio Pereira das Neves .. 1938
44 — Rev. Estevão Sinheiro Yuba 1938
45 — Rev. Francisco Jassnicker 1938
46 — Rev. Octacílio Moreira da Costa .. 1939
47 — Rev. Sírio Joel de Morais 1939
48 — Rev. Líbero Venturini Córdova ... 1939
49 — Rev. José del Nero Netto 1940
50 — Rev. Paulo Yuji Kanekô 1941
51 — Rev. Albino Alfredo Winkler 1941
52 — Rev. Marçal R. Lopes de Oliveira . 1941
53 — Rev. Plínio Lauer Simões 1941
54 — Rev. Wilson Carvalho Camargo .. 1941
55 — Rev. Antônio J. Teixeira Guedes . 1941
56 — Rev. Ramão Hilário Gomes 1944
57 — Rev. Rodolpho Garcia Nogueira .. 1945

58 — Rev. Ernesto Johannes Bernhoeft . 1946
59 — Rev. Samuel Kumpei Kainuma ... 1947
60 — Rev. Nadir Simões Mattos 1947
61 — Rev. Sylvano Rocha Filho 1947
62 — Rev. Arthur Rodolpho Kratz 1947
63 — Rev. Agostinho Sória 1947
64 — Rev. Diamantino Bueno 1947

Nota — Os estrangeiros que cursaram o nôsso Seminário ou foram ordenados aqui, acham-se incluidos nesta segunda lista.

MISSIONÁRIOS LEIGOS

D. Maria Packard, Diaconisa 1891/1919
D. Maria Pitts, Diaconisa 1899/1903
Sr. David Driver, Professor 1923/1936
Sr. Arthur Ward, Arquiteto 1932

ERRATA

Independente de alguns êrros de revisão tipográfica, cumpre se retifiquem os seguintes lapsos:

À página 14, linha 23, corrija-se para: *São Judas*.

Na página 60, linha 13, leia-se: *Castro*, em lugar de Ponta Grossa.

Altere-se, à página 97, linha 12, para *19* e, nas linhas 14 e 15, respectivamente, para *20* e *16*.

Ao fim da página 106, inclua-se: *Faz mais de 20 anos, exercem atividades paroquiais, as eclesianas, D.D. Ursulina Peralles (Redentor) e Celina Tavares (Trindade e Redentor) principalmente como visitadoras e professoras*.

À página 110, linha 6.ª, mude-se presbiteriana para: *congregacional*.

Entre as linhas 16 e 17, da página 112 acrescente-se: *De 1942 a 43, substituiu ao ministro, interinamente, o Rev. Rodolfo Rasmussen, do Rio de Janeiro*.

Substitua-se a linha 17, da página 125, por: *foi nomeado reitor do Seminário*.

À página 173, linha 3.ª, leia-se: *1904* em vez de 1903.

CRESCIMENTO QUINQUENAL DA IGREJA EPISCOPAL BRASILEIRA

Anos	*Bispos*	*Presbíteros*	*Diáconos*	*Lugares onde há pregação*	*Batismos*	*Confirmados*	*Comungantes*	*Alunos de E. Dominicais*	*Templos*	*Casas paroquiais*	*Contribuições*	*Valor das propriedades*
											Cr$	Cr$
1890		2										
1895		4	3	6	47		274	571			15.304,30	
1900	1	7		9	158	97	490	441			17.437,03	
1905	1	8	1	23	310	160	825	1128	5		36.384,50	302.500,00
1910	1	16	3	31	729	88	1205	1267	8		35.225,42	512.500,00
1915	1	16	1	42	709	151	1420	1364	11		44.952,41	927.760,00
1920	1	19	1	58	634	171	1997	2365	16		84.369,05	1.165.657,00
1925	2	21	2	81	772	285	2929	2637	19		191.644,18	2.139.678,00
1930	1	27	4	105	723	284	3440	3955	31	2	210.863,00	3.164.659,20
1935	1	34	4	106	916	308	4378	4516	36	10	222.377,00	4.820.707,50
1940	2	28	6	120	750	457	5652	5153	57	44	568.968,63	6.237.553,35
1945	2	38	3	157	846	470	6817	6200	58	61	898.525,90	7.731.625,00

ÍNDICE